AUTORES

João Paulo Tavares Esperança
Triana do Rosário Côrte-Real de Oliveira
Irta Sequeira Baris de Araújo
Icha Meiliana Soares da Costa Bossa
Clara Viegas da Silva

SAIDA MAKA LUZOFONIA

O QUE É A LUSOFONIA

GENTE, CULTURAS, TERRAS

EMA, KULTURA, RAIN

O QUE É A LUSOFONIA / SAIDA MAKA LUZOFONIA

TÍTULO - **O QUE É A LUSOFONIA / SAIDA MAKA LUZOFONIA**

AUTORES - João Paulo Tavares Esperança, Triana do Rosário Côrte-Real de Oliveira, Irta Sequeira Baris de Araújo, Icha Meiliana Soares da Costa Bossa e Clara Viegas da Silva

EDIÇÃO do Instituto Camões - Centro de Língua Portuguesa de Díli

LOCAL DE EDIÇÃO - Díli

TIPOGRAFIA - Gráfica Diocesana de Baucau

DATA DE EDIÇÃO - Fevereiro de 2005

FOTOGRAFIA DA CAPA - Pintura mural na vila de Manatuto

TIRAGEM - 500 exemplares

“Porque nenhum pintor pode exceder os limites das cores que existem, nem rosto algum exceder a correlação de uns olhos, nariz, boca e o mais.”

Michel Foucault

É verdade que, enquanto pintores, não podemos exceder os limites das cores que existem, nem exceder a correlação dos traços do rosto. No entanto, como embaixadores da língua que nos identifica, enquanto seres culturais, podemos ultrapassar as limitações da imaginação, mesmo dentro de uma redoma de vinte e três símbolos. Esse foi o objectivo da obra que agora vos é apresentada: jogar xadrez em duas línguas, cruzando duas línguas irmãs, por afinidade fraternal.

Os autores representam duas culturas, numa relação de ipseidade, nas palavras de Paul Ricoeur. Num trabalho de partilha linguística, entre as línguas portuguesa e tétum, as irmãs culturais co-oficiais, os autores fizeram desta obra um exemplo de intertextualidade linguística. É um orgulho para o Centro de Língua Portuguesa poder participar desta comunhão cultural, um projecto a quem se deve o maior louvor ao Dr. Fernando Chambel, o coordenador-geral da referida instituição, em cessação de funções e ao qual nos limitámos a dar continuidade. Devemos também uma palavra de apreço e de louvor ao Sr. Adido para a Cultura e Cooperação, o Engenheiro José Revez, um grande embaixador da Língua Portuguesa, em Timor-Leste, pela estreita colaboração que tem vindo a ser desenvolvida, entre o Centro Cultural e o Centro de Língua Portuguesa, em Díli.

Em nome da co-oficialidade cultural, parabéns à obra.

Flávia Domingas Mendes Ba

"Tanba la iha pintór ida ne'ebé bele liu limite kór nian (só bele uza kór ne'ebé iha duni iha mundu), nein iha oin ida ne'ebé di'ak liu duké oin ho nia matan, inus, ibun no seluk tan iha ninia fatin naturál."

Michel Foucault

Tebes duni katak nu'udar pintór ita labele liu limite kór nian, nein halo di'ak liu duké forma naturál oin nian. Maski hanesan ne'e, nu'udar embaixadór lian nian, lian ne'ebé identifika ita nu'udar ema ho kultura rasik, ita bele liu imajinasaun nia limite, maski iha lutu (pagar) ida nia laran ne'ebé soi de'it símbolu ruanulu-resin-tolu. Ne'e maka objetivu husi knaar ne'ebé agora imi simu hela: joga xadrés ho lian rua, homan lian biin-alin rua, tanba lian hirak-ne'e haree malu hanesan maluk.

Hakerek-na'in sira reprezenta kultura rua, iha relasaun ipseidade nian, tuir liafuan Paul Ricoeur nian. Iha serbisu lisuk uza lian nu'udar besi-badain, ho lian rua portugés i tetun, biin-alin kulturál ko-ofisiál, hakerek-na'in sira halo knaar ida ne'e sai banati intertestualidade linguístika nian. Ne'e orgullu ba *Centro de Língua Portuguesa* atu bele hola parte iha komuñaun kulturál, projetu ne'ebé hetan tulun husi Dr. Fernando Chambel ne'ebé ita tenke hahi'i iha-ne'e, uluk koordenadór-jerál iha instituisaun ida-ne'e, ne'ebé remata tiha ona nia serbisu iha Timór; ami kontinua de'it la'o iha dalan ne'ebé nia hahú tiha ona. Ami mós tenke fó-sai liafuan hahi'i ba Sr. Adidu ba Kultura i Kooperasaun, Enjeñeiru José Revez, embaixadór boot ida husi Lian Portugés iha Timór Lorosa'e, tanba kolaborasaun metin ne'ebé ita hala'o hela, entre *Centro Cultural* ho *Centro de Língua Portuguesa*, iha Dili.

Ho ko-ofisialidade kulturál nia naran, ami hato'o parabéns ba knaar ne'e.

Flávia Domingas Mendes Ba

Nota dos autores

Este não é um trabalho académico. Os nossos objectivos são bastante mais modestos, voltados para a divulgação junto do público leitor timorense de um conjunto de dados e opiniões em torno do tema da lusofonia, e das gentes, culturas e terras que a têm vindo a construir. Daí que também quase não apareçam bibliografias e notas de rodapé, a não ser num texto sobre a literatura de Timor.

Alguns perguntar-se-ão imediatamente quais os critérios da escolha. Porque não aparece fulano ou sicrano que é um nome maior da lusofonia? Porque quase não se fala de mulheres, havendo tantas que fizeram obra de relevo pelos diversos países da língua portuguesa? A resposta é que não houve quaisquer critérios de selecção, os textos desta pequena colectânea foram sendo escritos e publicados em alturas diferentes em diversos jornais e boletins cá em Timor, com excepção de alguns inéditos, de acordo fundamentalmente com o que apetecia aos autores escrever no momento. Esperemos que venham a surgir no futuro outros volumes de "O que é a lusofonia?", dando assim continuação a este projecto e permitindo-nos então falar sobre mais figuras e aspectos culturais desta grande irmandade da língua portuguesa. Os textos aqui reunidos não foram todos escritos por nós os cinco, mas optámos por assumir a autoria colectiva em vez de especificarmos para cada um deles quem foi o respectivo autor. Alguns eram originalmente em tétum e foram depois traduzidos por nós para português, outros surgiram em português e foram a seguir vertidos para tétum. Temos também consciência de que a tradução para tétum levanta dificuldades a vários níveis, que nem sempre teremos resolvido da melhor maneira. Ao contrário do que acontece com outros idiomas, é ainda escassa a tradição de tradução para esta língua, pelo que o tradutor se vê constantemente confrontado com situações em que tem que ser pioneiro no vislumbrar de soluções. Decidimos incluir um breve glossário de termos porque no estado em que estamos actualmente do desenvolvimento de um tétum literário moderno há necessariamente conceitos que não fazem parte ainda do património lexical de todos os falantes, seja por serem novos na cultura tetófona,

seja por serem empréstimos ou por a sua utilização estar ainda limitada apenas a algumas das variedade regionais ou sociais desta língua.

A nossa intenção é no fundo fazer minorar um pouco o desconhecimento de muitos timorenses de um universo cultural que também é o seu, depois de muitos anos a ouvirem falar apenas de Gadjah Mada, Diponegoro, Chairil Anwar e outros nomes importantes da história e cultura indonésias.

Resta dizer que este nosso trabalho teria sido impossível sem o sempre prestável e eficiente Dr. Fernando Chambel, actualmente a exercer funções no Instituto Camões em Lisboa, e até há pouco tempo responsável pelo Centro de Língua Portuguesa do IC em Díli. Discreto, ficava habitualmente "atrás do palco" a organizar as coisas e a dar aos seus colaboradores espaço debaixo dos holofotes para que fizessem aquilo que são bons a fazer. Os autores agradecem-lhe. À sua sucessora na direcção do Centro de Língua Portuguesa de Díli, Dra Flávia Bá, desejamos os maiores sucessos no cargo.

Díli, Dezembro de 2004

João Paulo Tavares Esperança
Triana do Rosário Côrte-Real de Oliveira
Irta Sequeira Baris de Araújo
Icha Meiliana Soares da Costa Bossa
Clara Viegas da Silva

Bua-malus
Lia-maklokek husi hakerek-na'in sira

Ne'e la'ós knaar akadémiku ida. Ami-nia objetivu simples liu, ami hakarak hato'o ba públiku leitór timoroan informasaun no opiniaun oioin kona-ba luzofonia, no ema, kultura no rain hirak ne'ebé harii luzofonia ne'e. Tanba ne'e maka kuaze la mosu iha-ne'e bibliografia ka nota-rodapé, mosu de'it iha testu ida ne'ebé iha literatura kona-ba Timór nu'udar asuntu.

Ema balu sei husu kedas ba sira-nia an oinsá maka ami hili asuntu sira. Tanbasá maka la mosu iha-ne'e ema ne'e ka ema ne'ebá, maski sira importante loos iha luzofonia? Tansá maka ami kuaze la ko'alia kona-ba feto, maski iha feto barak ne'ebé halo knaar importante iha rain oioin ne'ebé uza lia-portugés? Resposta maka ami la tuir kritériu ida atu hili asuntu, ami hakerek testu hirak ne'ebé mosu iha koletánea ki'ikoan ne'e konforme de'it ami-nia hakarak iha momentu ne'ebá no depois publika iha jornál no buletín oioin iha-ne'e iha Timór (balu de'it maka sei inéditu, ne'e katak seidauk publika iha fatin ida). Ami hein katak sei mosu aban-bainrua livru balu tan ne'ebé kontinua "Saida maka luzofonia?" ne'e, nune'e ami sei biban atu hala'o projetu ida-ne'e ba oin tan no ko'alia kona-ba ema no aspetu kulturál oioin husi irmandade boot lia-portugés nian. Testu ida-idak ne'ebé ami halibur iha-ne'e la'ós ami na'in-lima maka hakerek, maibé ami deside atu dehan katak sira-nia autoria koletiva no la hatete ba testu ida-idak sé-loos maka hakerek. Ne'e katak livru ida-ne'e ami hotu nian. Testu balu mosu primeiru iha lia-tetun no hafoin ami tradús ba lia-portugés, seluk tan ami hakerek ho portugés no depois maka muda ba tetun. Ami mós hatene katak tradusaun ba lia-tetun hamosu difikuldade oioin, ne'ebé ami koko atu rezolve maski dala ruma ladún ho susesu. La hanesan dalen seluk balu, tetun seidauk iha tradisaun barak tradusaun nian, no tanba ne'e tradutór hetan beibeik situasaun oioin ne'ebé nia maka tenke sai pioneiru atu hetan solusaun. Ami deside atu inklui glosáriu ho liafuan tanba agora daudaun ita sei tuir hela prosesu atu dezenvolve tetun literáriu modernu no konserteza sei iha liafuan oioin ne'ebé makdalen balu seidauk hatene uza, balu tanba konseitu ne'e foun

iha kultura tetun nian, balu tanba liafuan ne'e empréstimu leksikál ida, no balu tanba liafuan ne'e uza de'it iha variedade rejionál ka sosiál balu lia-tetun nian.

Ami-nia intensaun ne'e atu hamenus ignoránsia husi timoroan barak kona-ba universu kulturál ne'ebé mós sira-nian, liutiha tinan barak ne'ebé sira rona de'it ko'alia kona-ba Gadjah Mada, Diponegoro, Chairil Anwar no naran seluseluk ne'ebé importante ba Istória no kultura Indonézia nian.

Falta de'it dehan katak knaar ami-nian ida-ne'e sei labele halo se la'ós tanba apoiu husi Dr. Fernando Chambel, sempre badinas no prontu atu tulun. Agora daudaun nia serbisu iha Instituto Camões iha Lizboa, maibé uluk nia maka kaer Centro de Língua Portuguesa IC nian iha Dili. Nia ladún hatudu an, hela iha kotuk atu organiza buat hotu-hotu no fó fatin ba nia kolaboradór sira atu bele halo buat ne'ebé sira hatene halo didi'ak. Ami hakerek-na'in hato'o ami-nia obrigadu ba nia. Ba ninia saseluk iha diresaun Centro de Língua Portuguesa nian iha Dili, Dra Flávia Bá, ami dezeja susesu boot iha ninia knaar ne'e.

Dili, fulan-Dezembru 2004

João Paulo Tavares Esperança
Triana do Rosário Côrte-Real de Oliveira
Irta Sequeira Baris de Araújo
Icha Meiliana Soares da Costa Bossa
Clara Viegas da Silva

O que é a Lusofonia

A lusofonia é um tema de que ouvimos falar muitas vezes nos dias que correm. Frequentemente cá em Timor o público pensa que é a mesma coisa que CPLP, mas isso não é bem exacto. CPLP significa Comunidade dos Países de Língua Portuguesa e é uma organização internacional que congrega os países em que o português é língua oficial: Timor-Leste, Portugal, o Brasil, e os PALOP que são Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe (PALOP é uma sigla que significa "Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa").

Há quem aqui ponha objecções à presença de Timor por haver ainda cá gente que não fala português, mas isto revela no mínimo alguma falta de conhecimentos. Só em Portugal e no Brasil é que a quase totalidade da população fala português como língua materna, se não contarmos com as comunidades de imigrantes que existem em ambos os países, com os indígenas da Floresta Amazónica brasileira que mantém os idiomas próprios, e com a população do planalto de Miranda do Douro no Nordeste de Portugal que ainda fala mirandês (língua regional minoritária reconhecida como oficial nessa zona pela Assembleia da República portuguesa). Em Angola o português é língua materna de cerca de 40% da população, mas o resto tem línguas maternas como o umbundo, quimbundo, chokwe, kiholo, kikongo, cuanhama, luvale, nsongo, *etc*. Em Moçambique a maior parte das pessoas tem como primeira língua idiomas como o changana, ronga, maconde, macua, nhungwe, chopi, tonga, marenje, quimwani, ndau, ngoni, nhanja, swahili, zulu, *etc*. Em São Tomé e Príncipe muita gente fala em casa crioulos de base lexical portuguesa como o forro, lungwiye e angolar. Em Cabo Verde quase toda a gente fala na rua ou no mercado o crioulo caboverdiano. A situação da Guiné-Bissau é bastante semelhante à de Timor: os diferentes grupos étnicos falam línguas locais como o pepel, balanta, beafada, manjaco, mandinga, fula, nalu, felupe, mancanha, soninque; em Bissau e na comunicação inter-étnica as pessoas usam a língua nacional que lá é o crioulo guineense; e na escola aprendem em português. Em todos estes países o português

é a língua em que os Parlamentos fazem as leis e em que funciona a Administração, e é a língua de cultura superior.

Para além deste países o português fala-se na sua variedade galega na Galiza (região da Espanha, a Norte de Portugal), e em comunidades de emigrantes dos países lusófonos espalhadas pelo mundo. Como língua materna o português ocupa o sexto lugar entre as línguas do mundo, depois do chinês (mandarim), hindi, espanhol, inglês e bengáli, por esta ordem. É língua oficial de oito países. Há ainda noutros países regiões como Malaca onde sobrevivem comunidades falantes de crioulos de base lexical portuguesa (semelhantes ao crioulo português de Bidau que antigamente se falava nesta zona de Díli) que mantêm uma acentuada afectividade para com as coisas lusófonas. E afectividade e a partilha de uma História e de traços culturais comuns é a chave para compreender a lusofonia da actualidade. No passado a língua portuguesa espalhou-se em contextos de conquistas, desenvolvimento de trocas comerciais e domínio de rotas marítimas, evangelização católica, ... Depois de nascer na região que é hoje a Galiza e o Norte de Portugal, avançou para o sul com as guerras de conquista de territórios administrados pelos mouros muçulmanos e mais tarde chegou a todos os continentes com a expansão marítima dos portugueses. A História da humanidade está cheia de violência e a difusão da língua portuguesa foi contemporânea de muita dela. Mas isso aconteceu por todo o lado; quando há uns mil anos os austronésicos que falavam uma língua qualquer que viria a ser a avó do tétum (e das outras línguas austronésicas timorenses) vieram colonizar Timor tiveram seguramente que enfrentar a resistência dos habitantes que já cá havia que falavam uma ou mais línguas papuas que viriam a ser avós do macassai, fataluco, macalero e búnaque. Mas ganharam (provavelmente eram portadores de uma civilização tecnologicamente mais avançada e com melhor armamento) e estabeleceram-se por cá, de tal forma que hoje as línguas de Timor são na sua maioria austronésicas. Essas guerras de épocas antigas pertencem ao passado e hoje o povo de Timor é um só, unido na construção da sua nova nação. Também os povos que compõem a lusofonia deixaram para trás as guerras do passado e estão hoje unidos num espaço de partilha.

Saida maka Luzofonia

Luzofonia sai hanesan asuntu ida ne'ebé ita rona temi beibeik agora ne'e daudaun. Baibain iha Timór públiku hanoin katak ne'e hanesan de'it ho CPLP, maibé ne'e ladún loos. CPLP ne'e katak *Comunidade dos Países de Língua Portuguesa* no ida-ne'e organizasaun internasionál ida ne'ebé halibur nasaun sira ne'ebé iha portugés nu'udar sira-nia lian ofisiál: Timór Lorosa'e, Portugál, Brazíl, ho PALOP (Angola, Kabu-Verde, Giné-Bisau, Mosambike no Saun Tomé i Prínsipe). PALOP ne'e sigla ida ne'ebé katak "*Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa*").

Ema balu iha-ne'e ko'alia hasoru Timór tama ba CPLP tanba sei iha ema iha Timór ne'ebé seidauk hatene portugés, maibé ida-ne'e hatudu katak sira ladún hatene buat barak. Só iha Portugál no iha Brazíl maka populasaun kuaze hotu-hotu ko'alia portugés nu'udar sira-nia lian-inan, se ita la sura ho komunidade imigrante ne'ebé nasaun rua ne'e simu, ho rain-na'in Ai-Laran Amazónia nian iha Brazíl ne'ebé soi sira-nia lian rasik, no mós ho populasaun husi foho iha Mirandadudouru iha Nordeste Portugál nian ne'ebé sei ko'alia lia-mirandés (lian rejionál minoritária ne'ebé simu tiha ona rekoñesimentu husi Assembleia Repúblika portugeza nu'udar lian ofisiál iha zona ne'ebá). Iha Angola portugés ne'e lian inan ba maizomenus populasaun porsentu haatnulu, sira seluk iha sira-nia lian-inan oioin hanesan umbundu, kimbundu, cokwe, kiholo, kikongu, kuañama, luvale, nsongo, *nst.*. Iha Mosambike ema barakliu iha lian lokál oioin nu'udar sira-nia lian dahuluk, hanesan xangana, ronga, makonde, makua, ñúngue, xopi, tonga, marenje, kimwani, ndau, ngoni, ñanja, swahili, zulu, *nst*. Iha Saun Tomé i Prínsipe ema barak ko'alia iha uma lian-krioulu oioin ne'ebé liafuan husi lian hirak-ne'e mai husi portugés maibé nia gramátika maka oin-seluk, hanesan forru, lungwiye no angolár. Iha Kabu-Verde kuaze ema hotu-hotu ko'alia iha lurón ka iha basar sira-nia krioulu kabuverdianu. Situasaun iha Giné-Bisau atu hanesan ho Timór nian: grupu étniku ida-idak ko'alia ninia lian lokál hanesan pepél, balanta, beafada, manjaku, mandinga, fula, nalú, felupe, mankaña, soninke; iha Bisau (kapitál) no iha komunikasaun husi grupu étniku ida ho grupu étniku seluk ema sei

uza lian nasionál ne'ebé iha-ne'ebá maka krioulu-Giné; iha eskola sira aprende portugés. Iha nasaun hirak-ne'e hotu portugés maka lian ne'ebé Parlamentu sira uza hodi halo lei, uza iha Administrasaun, no uza nu'udar lian kultura aas nian.

Aleinde nasaun hirak-ne'e ema mós ko'alia portugés iha ninia variedade galega iha rai-Galiza (rejiaun iha España, iha Norte husi Portugál), no mós iha komunidade emigrante barak husi nasaun luzófona sira ne'ebé namkari iha mundu. Nu'udar lian-inan portugés sai hanesan númeru neen iha lian hotu-hotu mundu nian nia leet, depoizde xinés (mandarín), hindi, españól, inglés i bengali, tuir orden ida-ne'e duni. Portugés mós lian ofisiál iha nasaun ualu. Iha nasaun seluk tan iha rejiaun balu hanesan Malaka ne'ebé sei iha nafatin komunidade makdalen krioulu ho baze leksikál portugeza (atu hanesan ho krioulu portugés Bidau nian ne'ebé uluk ema ko'alia iha fatin ida-ne'e iha Dili) ne'ebé sei iha nafatin domin boot ba buat hirak-ne'ebé luzofonia nian. Domin ho estima ne'e i Istória ho kultura ne'ebé iha buat oioin ne'ebé hanesan ka kuaze hanesan maka xave atu bele komprende luzofonia agora ne'e daudaun nian. Iha tempu pasadu lia-portugés namkari iha kontestu funu, haburas troka komersiál, domina dalan tasi nian, evanjelizasaun katólika nian, ... Liutiha lian ne'e mosu iha rejiaun ne'ebé agora daudaun sai Galiza i Portugál Norte, nia la'o ba súl ho funu atu okupa rain hirak-ne'ebé mouru musulmanu sira maka ukun, depois nia to'o ba kontinente hotu-hotu bainhira malae portugés sira hahú buka rain seluseluk iha tasi-balun. Istória umanidade nian nakonu ho violénsia no prosesu halekar lia-portugés ne'e mós akontese hamutuk ho violénsia oioin iha otas antigu ne'ebá. Maibé ida-ne'e akontese iha fatin hotu-hotu iha mundu; maizomenus tinan rihun ida liubá ema-austronéziku sira ne'ebé ko'alia lian ruma ne'ebé depois sei sai lian-abó ba tetun (no mós ba lian austronéziku sira seluk Timór nian) mai atu koloniza Timór maibé konserteza sira tenke hasoru rezisténsia husi ema rain-na'in ne'ebé ko'alia lian papua ida ka liu ne'ebé depois sei sai lian-abó ba makasae, fataluku, makaleru no bunak. Maibé sira manán (kala sira iha sivilizasaun ho teknolojia avansadu liu no sira-nia kilat mós di'ak liu) no sira hela metin iha-ne'e, to'o agora lian barakliu iha Timór nia laran austronéziku. Funu hirak-ne'ebá iha otas antigu

agora nu'udar buat ida iha pasadu de'it no povu timoroan sai ida de'it ona, hamutuk atu harii nia nasaun foun. Povu sira iha luzofonia nia laran mós husik ba kotuk funu ne'ebé liu tiha ona no agora ne'e daudaun la'o hamutuk hotu iha dalan ida dame i domin nian.

Manuel Alegre, poeta da resistência

Timor Oriental vai tornar-se independente e passar a ser membro da CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, mas os jovens que cresceram durante a ocupação indonésia sabem mais sobre o *Pancasila* do que sobre a lusofonia. Muita gente conhece melhor a história da Indonésia do que a história de Timor. Por isso pretendemos começar a escrever aqui sobre gente e coisas de todas as terras onde se fala português. Hoje vamos falar de um poeta que começou a escrever os seus poemas quando Portugal ainda não tinha democracia. O seu nome é Manuel Alegre e naqueles tempos era como que o poeta da resistência.

Manuel Alegre nasceu a 12 de Maio de 1936 em Águeda, um lugar no norte de Portugal. Quando era jovem entrou para a Universidade de Coimbra. Coimbra é a mais famosa cidade universitária em Portugal, a sua universidade foi fundada há setecentos anos. Aí envolveu-se em diversas organizações, fez teatro quer como organizador quer como actor, dirigiu e escreveu em jornais e revistas dos estudantes, e tornou-se um destacado activista pró-democracia. Naquela época Portugal ainda colonizava muitas terras, mas haviam surgido várias organizações em colónias africanas que exigiam a independência. E a guerra tinha começado. Os dirigentes fascistas em Lisboa iniciaram o envio de grande número de soldados para lutarem contra estes movimentos. O serviço militar era obrigatório e os moços eram enviados para a guerra. Os activistas também eram incorporados, porque os cabecilhas do regime achavam que uma temporada na frente de batalha lhes refrearia os ímpetos revolucionários. No ano de 1962 Manuel Alegre foi chamado para a tropa e enviado para Angola. Uma vez lá, tentou organizar uma revolta militar contra a ditadura e a guerra colonial. A P.I.D.E., a polícia secreta do regime fascista, mandou-o para a prisão de S. Paulo de Luanda durante seis meses. Na cadeia conheceu Luandino Vieira e outros escritores angolanos. Depois de sair da tropa e do regresso a Portugal, continuou a ter a liberdade condicionada e a ser obrigado a dar contas do lugar onde vivia às autoridades. Em 1964 fugiu para o estrangeiro para evitar ser preso novamente pelas autoridades fascistas.

No exterior foi eleito pelos activistas pró-democracia como um dos líderes da F.P.L.N. – Frente Patriótica de Libertação Nacional, uma organização liderada pelo General Humberto Delgado. Este general era uma figura importante do movimento que se opunha à ditadura e havia sido candidato nas eleições em Portugal, mas as eleições não eram justas nem livres, o regime é que controlava os resultados. Manuel Alegre viveu em Argel (capital da Argélia) durante dez anos, trabalhando activamente na rádio da resistência, chamada *A voz da liberdade*, que era ouvida clandestinamente em Portugal. Depois da revolução de 25 de Abril de 1974, que pôs fim à ditadura, voltou para Portugal, entrou para o Partido Socialista e foi eleito deputado da Assembleia da República. Continua até hoje um político respeitados por todos os sectores.

Escreveu muitos livros durante a sua vida, quer de prosa quer de poesia. Nos tempos da ditadura muitos intérpretes cantavam os seus poemas que falavam de liberdade e resistência.

a versão em tétum foi publicada em
"*Hatudu* Cultura", Boletim do Instituto Camões, nº 2, Abril – Junho 2002

Manuel Alegre, poeta rezisténsia nian

Timor Lorosa'e sei sai independente no tama ba membru CPLP – *Comunidade dos Países de Língua Portuguesa* nian, maibé foin-sa'e sira ne'ebé boot iha okupasaun indonézia nia laran hatene barak liu kona-ba *Pancasila* duké kona-ba luzofonia. Ema barak hatene Istória rai-Indonézia nian di'ak liu duké sira hatene Istória Timór nian. Tanba ne'e maka ami hakarak atu hahú hakerek iha-ne'e kona-ba ema ho buat oioin husi rain sira hotu ne'ebé ko'alia portugés. Ohin ami atu ko'alia kona-ba poeta ida ne'ebé komesa hakerek ninia poezia bainhira Portugál seidauk iha demokrasia. Nia naran Manuel Alegre no nia hanesan poeta rezisténsia nian iha tempu ne'ebá.

Manuel Alegre moris iha 12 fulan-Maiu 1936 iha Ágeda, fatin ida iha Portugál norte. Bainhira nia foin-sa'e nia tama ba Universidade Koímbra nian. Koímbra ne'e maka sidade universitária naran boot liu hotu iha Portugál, universidade ne'e komesa kedas tinan atus hitu liubá. Iha-ne'ebá nia serbisu iha organizasaun barak, nia organiza no halimar teatru, nia ukun no hakerek iha jornál ho revista oioin eskolante sira nian, no nia nia sai aktivista pro-demokrasia ne'ebé importante. Iha otas ne'ebá Portugál sei ukun rain barak, maibé organizasaun oioin mosu tiha ona iha kolónia sira iha Áfrika atu ezije ukun-rasik an. Tanba ne'e funu foin hahú. Na'i-ulun faxista sira iha Lizboa komesa haruka soldadu barabarak atu luta hasoru organizasaun sira ne'e. Mane klosan sira hotu iha Portugál tenke tama ba tropa atu ba funu. Estadu mós bolu ativista sira, tanba ulun-boot sira fiar katak kuandu foin-sa'e sira ne'e funu iha Áfrika sira sei lakon sira-nia ideias. Iha tinan 1962 Manuel Alegre mós tenke tama ba soldadu no Estadu haruka nia ba rai-Angola. Iha rain ne'e nia koko atu organiza revolta militár ida hasoru ditadura no funu koloniál. P.I.D.E., hanesan *Intel* rejime faxista nian, haruka nia ba dadur-fatin ida naran S. Paulo de Luanda durante fulan neen nia laran. Iha kadeia laran nia koñese Luandino Vieira ho hakerek-na'in sira seluk husi Angola. Bainhira nia sai tiha ona husi tropa, no fila fali ba Portugál, nia labele buka fatin atu hela tuir nia hakarak, tenke hela de'it iha fatin ne'ebé *intel* sira hatene. Iha tinan 1964 nia halai ba li'ur tanba rejime faxista atu kaer fali nia.

Iha li'ur ativista pro-demokrasia sira hili nia atu sai membru lider F.P.L.N. – *Frente Patriótica de Libertação Nacional* nian. Organizasaun ne'e, Jenerál Humberto Delgado maka ukun. Nia ema boot iha movimentu ne'ebé hasoru ditadura no uluk nia kandidatu ba eleisaun iha Portugál, maibé eleisaun ne'e la loos, rejime faxista maka kontrola rezultadu. Manuel Alegre hela iha Arjél (sidade-inan rai-Arjélia nian) durante tinan sanulu nia laran no nia serbisu maka'as iha rádiu rezisténsia nian, naran *A voz da liberdade* (Lian liberdade nian), ne'ebé ema bele rona iha Portugál nia laran. Liutiha revolusaun 25 fulan-Abril 1974, ne'ebé remata tiha ditadura, nia ba fila fali ba Portugál, nia tama ba *Partido Socialista* no nia sai deputadu Asembleia Repúblika Portugál nian. To'o agora nia sei polítiku ema hotuhotu respeita.

Nia hakerek livru barabarak iha nia moris, livru poezia ho proza. Iha tempu ditadura nian kantór barak hananu ninia poema sira ne'ebé ko'alia kona-ba liberdade ho rezisténsia.

publika tiha iha
"*Hatudu* Cultura", Boletim do Instituto Camões, nº 2, Abril – Junho 2002

Trova do vento que passa

Para António Portugal

Pergunto ao vento que passa
notícias do meu país
e o vento cala a desgraça
o vento nada me diz

Pergunto aos rios que levam
tanto sonho à flor das águas
e os rios não me sossegam
levam sonhos deixam mágoas.

Levam sonhos deixam mágoas
ai rios do meu país
minha pátria à flor das águas
para onde vais? Ninguém diz.

Se o verde trevo desfolhas
pede notícias e diz
ao trevo de quatro folhas
que morro por meu país.

Pergunto à gente que passa
por que vai de olhos no chão.
Silêncio – é tudo o que tem
quem vive na servidão.

Hananu ba anin ne'ebé liu

Ba António Portugal

Ha'u husu ba anin ne'ebé liu
notísias husi ha'u-nia rain
no anin nonook kona-ba terus
no anin la dehan buat ida mai ha'u

Ha'u husu ba mota sira ne'ebé suli
lori mehi barak iha bee leten
no mota sira la halo ha'u hakmatek
sira lori mehi no husik tristeza

Sira lori mehi no husik tristeza
ai! mota ha'u nia rain nian
ha'u-nia rain-inan doben iha bee leten
ó atu ba ne'ebé? La iha ema ida hatán.

Se ó fokit funan-tahan
husu notísias no dehan
ba ai-funan ho tahan haat
katak ha'u mate ba ha'u-nia rain.

Ha'u husu ba ema ne'ebé liu
tansá sira la'o ho matan hateke ba rain
Nonook – ida ne'e de'it mak sira iha,
sira ne'ebé moris hanesan atan.

Vi florir os verdes ramos
direitos e ao céu voltados.
E a quem gosta de ter amos
vi sempre os ombros curvados.

Ha'u haree ai-sanak matak
moris sa'e loos de'it ba lalehan.
No ema sira ne'ebé gosta na'i
ha'u haree sira sempre hakru'uk-an.

E o vento não me diz nada
ninguém diz nada de novo.
Vi minha pátria pregada
nos braços em cruz do povo.

Ho anin la dehan buat ida mai ha'u
la iha ema ida ne'ebé dehan buat foun.
Ha'u haree ha'u-nia rain prega
iha ema-ki'ik nia liman hanesan krús.

Vi meu poema na margem
dos rios que vão pró mar
como quem ama a viagem
mas tem sempre de ficar.

Ha'u haree ha'u-nia poema iha mota sorin
iha mota ne'ebé suli ba tasi
hanesan sé maka hadomi la'o-rai
maibé sempre tenke hela.

Vi navios a partir
(Portugal à flor das águas)
vi minha trova florir
(verdes folhas verdes mágoas).

Ha'u haree ro boot arranka
(Portugál iha bee leten)
ha'u haree ha'u-nia hananu buras
(ai-tahan matak, tristeza mós matak).

Há quem te queira ignorada
e fale pátria em teu nome.
Eu vi-te crucificada
nos braços negros da fome.

Ema balu hakarak mundu atu haluha ó
no ko'alia rai-inan iha ó-nia naran.
Ha'u haree ó iha krús
iha hamlaha nia liman metan.

E o vento não me diz nada só o silêncio persiste. Vi minha pátria parada à beira de um rio triste.	No anin la dehan buat ida mai ha’u nonook de’it maka iha. Ha’u haree ha’u-nia rai-inan para hela besik mota ida ne’ebé triste.
Ninguém diz nada de novo se notícias vou pedindo nas mãos vazias do povo vi minha pátria florindo.	La iha ema ida ne’ebé dehan buat foun se ha’u husu notísias iha ema ki’ik nia liman mamuk ha’u haree ha’u-nia rai-inan buras.
E a noite cresce por dentro dos homens do meu país. Peço notícias ao vento e o vento nada me diz.	No kalan boot no nakukun iha ema nia laran iha ha’u-nia rain. Ha’u husu notísias ba anin no anin la dehan buat ida mai ha’u.
Mas há sempre uma candeia dentro da própria desgraça há sempre alguém que semeia canções no vento que passa.	Maibé sempre iha kandeia ida ne’ebé naroman iha buat aat rasik nia laran sempre iha ema ne’ebé kari kanta ba anin ne’ebé liu.
Mesmo na noite mais triste em tempo de servidão há sempre alguém que resiste há sempre alguém que diz não.	Maski iha kalan triste liu iha tempu atan nian sempre iha ema ruma ne’ebé reziste sempre iha ema ruma ne’ebé dehan lae.

Poeta: Manuel Alegre, *iha* “Praça da Canção”, 1965
Tradusaun ami-nian; publika tiha iha
“*Hatudu* Cultura”, Boletim do Instituto Camões, nº 2, Abril – Junho 2002

O que é o *“25 de Abril”*?

Durante quase cinquenta anos Portugal viveu debaixo de uma ditadura. No ano de 1926 os militares, chefiados por Costa Gomes fizeram um golpe de Estado militar. Pouco depois António de Oliveira Salazar vem a tornar-se ditador. O novo rejime proibiu os partidos políticos, instituiu a censura aos livros e jornais não permitindo a publicação do que não agradasse às autoridades. Os activistas contra o regime era presos, e muitos foram deportados para as diversas colónias. Alguns foram enviados aqui para Timor, como por exemplo Manuel Carrascalão (pais dos irmãos Carrascalão), Arsénio José Filipe (avô de Ramos Horta) e Francisco Horta (pai de Ramos Horta). No final da Segunda Guerra Mundial os regimes ditatoriais noutros países começaram a cair e novos Estados surgiram de ex-colónias. Mas naquela época Portugal era um país pobre e atrasado e nada mudou.

Em 1961 a guerra começou em Angola. Depois também em Moçambique e na Guiné-Bissau surgiram movimentos armados para combater o colonialismo. Salazar mandou grandes contingentes militares para a guerra em África, o seu regime não daria a independência. Em Portugal muita gente começa a emigrar para países como França ou a Alemanha, uns para fugir à guerra, outros fugindo à pobreza em busca de melhores condições de vida. Há grandes manifestações de estudantes que se vão organizando para combater o fascismo. A polícia secreta do regime, chamada P.I.D.E., espia, prende e tortura pessoas. Usavam métodos como a “tortura do sono”: os polícias gritavam, faziam barulho e batiam nos presos quando estes estavam prestes a adormecer; em poucos dias estes começavam a quebrar mentalmente por falta de sono e eram então interrogados. Havia muitos activistas em cadeias como Caxias e Peniche em Portugal, e num campo de concentração em Cabo Verde chamado Tarrafal. Não havia liberdade de imprensa. No ano de 1961 o governo proibiu o “Jornal do Fundão” durante seis meses por este jornal ter noticiado a atribuição do Prémio literário da Sociedade Portuguesa de Escritores ao escritor angolano Luandino Vieira. Independentemente da grande qualidade da sua escrita, ele

era um prisioneiro político porque queria a independência da sua terra.

No ano de 1968 Salazar teve um acidente, e as grandes figuras do regime escolheram outra pessoa para governar o país, mas não deram conhecimento a Salazar que – até à sua morte em 1970 – permaneceu doente mas continuando a acreditar que ele é que era o “Presidente do Conselho”. O novo chefe chamava-se Marcello Caetano, e o povo português teve esperança de que este fizesse muitas mudanças e conduzisse o país à democracia. Chmaram a esse tempo a “Primavera Marcelista” (a fazer lembrar a “Primavera de Praga”, quando o povo da então Checoslováquia procurou libertar-se do jugo da ditadura comunista liderada pela União Soviética), porém em pouco tempo as pessoas perceberam que só muito pouca coisa não era como dantes.

Os militares estavam fartos de combater em África e apercebiam-se de que o fim da guerra não poderia ser conseguido militarmente mas apenas através de decisões políticas. Alguns capitães reunem-se clandestinamente para preparar um “golpe de Estado” contra a ditadura. No dia 25 de Abril de 1974, pouco depois da meia-noite, uma rádio colocou no ar a música “Grândola Vila Morena”, cantada por José Afonso, como sinal definitivo para os quartéis militares em diversos pontos do país sairem para a rua para derrubar o Governo. Em Lisboa os tanques-de-guerra atravessaram a cidade e alguns foram parar num lugar chamado Terreiro do Paço, onde há vários ministérios. Estes militares eram comandados pelo capitão Salgueiro Maia, e a sua coragem quando outros militares foram enviados para deter o golpe permitiu que não houvesse derramamento de sangue, e as tropas recém-chegadas acabaram por se juntar aos revolucionários. Depois foi ele quem iniciou os procedimentos para que Marcello Caetano pudesse render-se, no Quartel do Carmo. Uma senhora que vendia flores na rua começou a colocar cravos nos canos das espingardas dos soldados, no que foi imitada por muitos deles. Por isso é que o mundo inteiro conhece a revolução portuguesa pelo nome de “revolução dos cravos”. O *25 de Abril* continuará a ser celebrado como uma revolta pacífica e como o dia que abriu as portas da liberdade e democracia em Portugal.

Uma das descrições mais bonitas do 25 de Abril é a que encontramos no romance "*Alexandra Alpha*"de José Cardoso Pires, de que incluímos aqui um trecho:

"A cidade apareceu ocupada e radiosa. Deparámos com colunas militares inundadas de sol; e povo logo a seguir, muito povo, tanto que não nos cabia nos olhos, levas de gente saída do branco das trevas, de cinquenta anos de morte e de humilhação, correndo sem saber exactamente para onde mas decerto para a

LIBERDADE!"

Uma versão em tétum foi publicada no
"*Hatudu* Cultura", Boletim do Instituto Camões, nº 2, Abril – Junho 2002

Saida maka *“25 de Abril”*?

Durante besik tinan limanulu nia laran Portugál moris iha ditadura nia okos. Iha tinan 1926 nia laran militar sira, ne’ebé Costa Gomes maka ukun, hala’o *golpe de Estado* ida. La dun kleur António de Oliveira Salazar maka sai Ulun-Boot. Rejime foun ne’e bandu partidu polítiku sira, hala’o sensura ba livru ho jornál ne’ebé hakerek kona-ba buat hotu ne’ebé la kona sira-nia laran. Sira mós hatama ema ne’ebé ativista hasoru sira-nia rejime ba dadur, no halo deportasaun barak ba kolónia oioin. Porezemplu hanesan Manuel Carrascalão (maun-alin Carrascalão sira-nia aman), Arsénio José Filipe (Ramos Horta nia abó-mane) ho Francisco Horta (Ramos Horta nia aman), ne’ebé deportadu tiha mai Timór. Bainhira Funu Mundiál Darua hotu tiha rejime ditadura sira iha rain seluk komesa lakon ho nasaun foun hahú mosu husi eks-kolónia. Maibé iha otas ne’ebá Portugál rain ida be kiak, atrazadu, no la iha buat ida ne’ebé muda.

Iha tinan 1961 nia laran funu hahú iha Angola. Tuirmai iha rain Mosambike ho Giné-Bisau mós mosu movimentu ne’ebé hasoru kolonializmu ho kilat. Salazar haruka soldadu barak atu bá funu iha Áfrika, ninia rejime sei la fó ukun-rasik an. Iha Portugál ema barak komesa sai ba li’ur, ba rain hanesan Fransa no Alemaña, balu halai husi funu, balu bá buka atu hala’o moris seluk tanba sira ki’ak. Estudante barabarak halo manifestasaun no sira mós organiza an atu hasoru faxizmu. Polísia rejime nian, naran P.I.D.E., hafuhu, hadadur no tortura ema. Sira uza métodu hanesan “tortura dukur nian”: polísia sira hakilar, halo tarutu no baku ema dadur bainhira sira atu toba dukur; iha loron hirak nia laran ema ne’e komesa la tahan ona no sira sei hatán kuandu polísia litik sira. Iha ativista barak iha dadur-fatin hanesan *Caxias* ho *Peniche* iha Portugál, no kampu-konsentrasaun ida iha Kabu Verde naran Tarrafal. Liberdade imprensa seidauk iha. Iha tinan 1961 governu bandu “*Jornal do Fundão*” durante fulan neen nia laran tanba jornál ne’e fó-hatene katak hakerek-na’in ida husi Angola naran Luandino Vieira foin manán Prémiu Boot husi *Sociedade Portuguesa de Escritores* (Klibur Hakerek-Na’in Portugés sira nian). Maski Luandino Vieira

hakerek kapás, nia dadur hela tanba nia hakarak nia rain atu sai independente.

Iha tinan 1968 Salazar hetan asidente ida, no ulun-boot rejime nian hili ema seluk atu ukun Portugál, maibé sira la dehan ba nia no – to'o nia mate iha 1970 – nia moras hela maibé nia sei hanoin nia maka kontinua "*Presidente do Conselho*". Mane ne'ebé foin sai na'i-ulun naran Marcello Caetano, no povu portugés espera nia atu muda buat barak no lori nasaun ba demokrasia. Sira bolu tempu ne'e "*Primavera Marcelista*" (hasara "*Primavera de Praga*", bainhira ema Xekoslovákia buka atu lakon ditadura komunista ne'ebé Uniaun Soviétika maka ukun), maibé la kleur ema haree katak uitoan de'it mak la hanesan uluk.

Militár sira baruk funu iha Áfrika no sira hatene ona katak dalan atu remata funu la'ós militár maibé polítiku de'it. Kapitaun balu halibur malu iha klandestinidade atu prepara "*golpe de Estado*" hasoru rejime ditadura. Iha loron 25 fulan Abríl 1974, kalan boot liu uitoan tuku 24, rádiu ida tau múzika naran "*Grândola Vila Morena*", ne'ebé José Afonso mak hananu, hanesan sinál ba kuartél militar iha rain oioin iha Portugál nia laran, atu sai ba dalan atu hatún governu. Iha Lizboa tanke-gerra liu hakat sidade no balu para iha fatin ida naran "*Terreiro do Paço*", ne'ebé iha ministériu oioin. Militár sira ne'e, kapitaun Salgueiro Maia mak ukun, no nia aten brani bainhira militár seluk to'o atu hasoru "*golpe de Estado*" ne'e no nia halo ema la raan-fakar no militár sira ne'ebé foin to'o mós hili atu hamutuk ho revolusionáriu sira. Depois nia maka hahú tesi lia kona-ba oin-sá maka Marcello Caetano bele rende an, iha Kuartél Carmo nian. Señora ida ne'ebé fa'an ai-funan iha dalan komesa tau ai-funan-kravu iha kilat sira-nia kanu, no hafoin soldadu barak mós tuir nia. Tanba ne'e maka mundu tomak bolu revolusaun portugés ne'e nu'udar "*revolução dos cravos*". *25 de Abril* ne'e, ema sei hanoin ba nafatin hanesan revolusaun ida ne'ebé hala'o iha dame nia laran no hanesan loron ida ne'ebé loke odamatan ba liberdade no demokrasia iha Portugál.

Husi deskrisaun sira ne'ebé kapás liu hotu kona-ba loron-25 fulan-Abríl, ida maka ida-ne'ebé ita bele hetan iha romanse

“*Alexandra Alpha*” husi José Cardoso Pires, ne’ebé ami inklui parte ida iha-ne’e:

Sidade ne’e mosu nakonu no naroman daudaun. Ami hetan koluna militár sira-ne’ebé nabilan iha loro laran; no povu tuir kedas, povu barak, barak to’o la bele tama iha ami-nia matan, ema lubun wa’in ne’ebé sai husi nakukun laran, sai husi tinan limanulu ne’ebé nakonu de’it ho mate no haraik an, halai hela la hatene loos ba ne’ebé maibé konserteza ba

LIBERDADE!

versaun ida publika tiha iha
“*Hatudu* Cultura”, Boletim do Instituto Camões, nº 2, Abril – Junho 2002

Ruy Cinatti, um filho adoptivo de Timor

Não é fácil falar de Ruy Cinatti num texto pequeno como este. Porque este não foi um malai qualquer, mas sim um indivíduo dedicado, activo, e que se entregou sem reservas a Timor.

Ruy Cinatti Vaz Monteiro Gomes nasceu em 8 de Março de 1915 em Londres. Filho de portugueses, mas com antepassados pelo lado da mãe da Itália e da China. Ainda jovem começou a escrever e a publicar poesia. Enquanto estudava, em Portugal, sonhava com distantes terras tropicais. Seduziam-no especialmente escritores como Jules Verne, Wenceslau de Morais, Robert Lois Stevenson ou Alain Gerbault. Decidiu estudar agronomia por preferir a vida ao ar livre, mas levaria muitos anos para concluir o curso. Durante este tempo Ruy Cinatti manteve-se envolvido activamente em várias actividades culturais.

Chegado a Timor pela primeira vez em 27 de Junho de 1946, ficou extasiado perante a beleza paradisíaca da terra. Os seus sonhos tornavam-se realidade. O deslumbramento era no entanto ensombrado pela constatação da destruição de cidades e florestas provocada pela ocupação japonesa durante a II Guerra Mundial, e pelas dificuldades atravessadas pelas populações. A guerra tinha acabado de chegar ao seu termo, a administração portuguesa voltava a instalar-se em Timor, e Ruy Cinatti vinha trabalhar como secretário e chefe de gabinete do governador Óscar Ruas. Uma das coisas que fez ao chegar a Díli assumia para si grande significado: localizou e arranjou a sepultura de Alain Gerbault no Cemitério de Santa Cruz e foi ele quem assinou a certidão de óbito solicitada pela embaixada francesa em Lisboa (Alain Gerbault era o escritor e navegador francês que ele tanto gostava de ler na juventude, e morrera em Timor pouco antes da invasão japonesa). Ruy Cinatti apaixonava-se cada vez mais por Timor, e dedicava-se à investigação sobre a vegetação, sobre o povo, e sobre outros aspectos, e exasperava-se quando se via limitado à execução de trabalho burocrático. Apesar de tudo escrevia. Sobre botânica, e poesia. E manifestava-se amiúde contra os desmandos da administração colonial.

Em 1948 volta para Lisboa, onde continua a escrever sobre as árvores de Timor. Regressa para cá em 1951, como chefe dos Serviços de Agricultura, e aqui vive até 1955. Mantém-se activo e a fazer pesquisas sobre vários aspectos da realidade local. Acamarada com os timorenses. Alguns anos mais tarde escreverá um belo poema intitulado *Propósito Inadiável*, no qual demonstra a sua empatia com este povo.

Depois vai estudar antropologia para Oxford. Em 1958 visita Timor uma vez mais, para fazer investigação sobre a arquitectura tradicional, e durante o ano de 1962 também aqui se encontra. Faz juramentos de sangue com D. Armando Barreto, liurai de Aiassa, e D. Adelino Ximenes, liurai de Loré. A sua ligação com o povo timorense reforça-se, e é-lhe concedido acesso a lugares sagrados habitualmente não revelados aos estrangeiros. Virá a Timor pela última vez em 1966.

Ruy Cinatti foi autor de muitos livros durante a sua vida, especialmente sobre temas de Timor como árvores e florestas, agricultura, arquitectura, crenças e tradições, fotografia, poesia...

Morreu em Outubro de 1986, em Lisboa, muitos anos antes que pudesse ter a oportunidade de ver o seu querido Timor encontrar enfim a liberdade.

publicado no
"*Hatudu* Cultura", Boletim do Instituto Camões, nº 3, Julho – Setembro 2002

Ruy Cinatti, Timór nia oan hakiak

Testu ki'ik hanesan ida-ne'e la to'o atu hakerek kona-ba Ruy Cinatti. Tanba malae ida-ne'e la'ós malae naran de'it. Nia ema ida ne'ebé laran-di'ak, badinas no nia mós ema ida ne'ebé fó nia an tomak ba Timór.

Ruy Cinatti Vaz Monteiro Gomes moris iha loron 8 fulan Marsu 1915 iha Londres. Nia inan-aman ema Portugál, maibé nia inan mós iha bei-ala husi rai-Itália no rai-Makau. Nia sei joven bainhira nia hahú hakerek no publika poezia. Nia estuda hela iha Portugál, maibé nia iha mehi atu ba rain oioin ne'ebé dook no tropikál. Nia gosta liu lee livru husi hakerek-na'in nu'udar Jules Verne, Wenceslau de Morais, Robert Lois Stevenson ka Alain Gerbault. Nia hili atu estuda agronomia tanba nia hakarak servisu iha uma li'ur, maibé nia gasta tinan barak to'o nia remata nia kursu. Iha tinan hirak ne'e nia laran Ruy Cinatti badinas iha atividade kulturál oioin.

Nia mai Timór dala uluk iha 27 fulan-Juñu 1946, nia hakfodak no fuan tuku-tuku tanba rain ida-ne'e kapás paramate. Nia sente ninia mehi sai tebes ona. Maibé nia mós laran-kraik tanba nia haree katak iha Funu Mundiál Daruak nia laran soldadu japonés sira sobu tiha kota no ai-laran, no ema terus no susar barabarak. Funu foin hotu, administrasaun portugés tama atu ukun fali Timór, no Ruy Cinatti mai serbisu nu'udar sekretáriu no xefe-gabinete ba governadór Timór nian, naran Óscar Ruas. Iha buat ruma maka nia halo bainhira nia to'o Dili ne'ebé importante duni ba nia an: nia buka no hadi'a Alain Gerbault nia rate iha *Cemitério de Santa Cruz* no mós nia maka asina surat-mate ne'ebé Embaixada Fransa nian iha Lizboa husu (Alain Gerbault ne'e hakerek-na'in fransés no ró-na'in aventureiru be Cinatti gosta lee kuandu nia sei foin-sa'e, i nia foin mate iha Timór molok invazaun japonés). Ruy Cinatti hadomi Timór liu ba beibeik no nia hakarak buka hatene kona-ba ai-hun sira, ema no seluk tan, maibé dala barak nia tenke servisu de'it ho surat iha eskritóriu nia laran. Maski nune'e nia hakerek kona-ba botánika i poezia. Nia mós toman ko'alia hasoru hahalok husi administrasaun portugés ne'ebé la di'ak.

Iha tinan 1948 nia laran nia ba fali ba Lizboa, no kontinua hekerek kona-ba ai-hun sira Timór nian. Nia fila fali mai Timór iha 1951, nu'udar xefe Servisu Agrikultura, no hela iha ne'e to'o 1955. Nia kontinua badinas no buka hatene buat barak husi Timór. Nia hamaluk an ho ema rai-na'in. Tinan balu liu tan nia hakerek poema kapás ida naran *Propósito Inadiável,* ne'ebé hatudu loos saida maka nia sente iha nia laran ba timoroan sira.

Hafoin nia ba estuda antropolojia iha rai-Oksford. Iha 1958 nia mai vizita dala ida tan atu hala'o investigasaun kona-ba arkitetura tuir Timór nia lisan, no durante tinan 1962 nia laran nia mós iha ne'e. Nia hemu-raan ho D. Armando Barreto, liurai Aiasa nian, no D. Adelino Ximenes, liurai Loree nian. Nia ligasaun ho Timór nia povu sai metin liu, ema mós hatudu ba nia buat lulik ne'ebé baibain sira la husik malae sira haree. Nia mai Timór dala ikus iha 1966 nia laran.

Ruy Cinatti hakerek livru barabarak iha nia moris nia laran, liuliu kona-ba Timór: ai-hun no ai-laran, kuda-rai, arkitetura, ema nia fiar no nia lisan, fotografia, poezia...

Nia mate iha fulan-Outubru 1986, iha Lizboa, tinan barak molok nia bele haree nia rain doben Timór hetan liberdade.

publika tiha iha
"*Hatudu* Cultura", Boletim do Instituto Camões, nº 3, Julho – Setembro 2002

Luís Cardoso, escritor timorense

A sua obra publicada conta ainda com poucos títulos, mas já é habitualmente referenciado como o maior escritor timorense. Só outro nome poderia competir pela glória da etiqueta, o de Fernando Sylvan, mas este é conhecido essencialmente pela sua obra poética, e os amantes da poesia são pouco numerosos. Luís Cardoso começou a ser conhecido para além dos círculos da diáspora timorense (em que é unanimemente referenciado como "Takas", alcunha que explica num dos seus livros) e dos militantes da solidariedade com a causa da liberdade e autodeterminação de Timor quando iniciou há uns anos a publicação de umas crónicas no jornal português "Fórum Estudante". Foi um passo novo numa carreira que já tinha começado lá atrás, entre escritos, cantigas e declamações de poemas num português de sonoridade colorida, timorense, que assumia com evidente orgulho. Conheci-o nesses tempos [1], quando eram bem mais escassos os que acreditavam que Timor iria um dia ser livre. Ficou-me especialmente na memória uma sua actuação acompanhado ao piano pela Sabrina Uki Hong, militante canadiana de origem coreana da causa timorense, durante as V Jornadas de Timor da Universidade do Porto, em 1993. Mas há que mencionar também o grupo "Unicórnio Azul", que formou com Fernando Serrador, e que num registo intimista de vozes e violas acústicas, musicava poemas de autores timores. Também na política esteve activo, e lembro-me dos longos dias em que, ao lado de Zacarias da Costa e Olímpio Branco, trabalhava no "Espaço por Timor", no âmbito da então existente Comissão Coordenadora da Frente Diplomática.

Em 1997 sai o seu primeiro livro *Crónica de uma travessia. A época do ai-dik-funam*, editado pelas Publicações Dom Quixote. Recebido com entusiasmo pelo público e pela crítica (Maria Alzira Seixo dedicou-lhe um elogioso artigo no Jornal de Letras de 25 de Fevereiro de 98), tem como tema uma série de percursos que se entrecruzam, os da infância do autor (pelo interior da ilha, para o Ataúro, do meio familiar para os colégios da Igreja), o do exílio na outrora capital do império, os da sua pátria (entre o colonialismo

português, as esperanças goradas da independência e a ocupação indonésia), e o de vida do seu pai, alvo de uma sentida homenagem. O olhar do autor é geralmente de ironia terna e divertida, misturando no mesmo plano – como é próprio da maneira timorense de ver o mundo – factos históricos e do quotidiano real com uma espécie de realismo mágico, onde espíritos ancestrais fazem sentir a sua influência nas vidas dos mortais. Este livro, que foi premiado em 1998 pela Sociedade da Língua Portuguesa, está já traduzido e publicado em inglês, francês, sueco, italiano e alemão, e contará em breve com uma nova edição bilingue, em português e tétum, que será apoiada pelo Instituto Camões.

O segundo romance, *Olhos de coruja olhos de gato bravo*, também com a chancela da Dom Quixote, saiu no início de 2002. História cheia de magia, onde é rei e senhor o destino inexorável, ajudado por leis antigas de vingança e expiação, que fornecem razões profundas para eventos dos livros de história e política.

O autor dedica-se também aos contos, com arte e engenho. Gosto particularmente de *Cáspita*, de pendor autobiográfico, onde faz uma bem humorada reflexão sobre as dificuldades de crescer numa sociedade multilíngue e colonial. Na revista Camões de Abril-Junho de 98 publicou versão literária do conhecido mito de origem que faz a ilha de Timor surgir de um crocodilo, com a originalidade de o primeiro timorense ser uma moça, Títi de seu nome. O mesmo conto, ligeiramente adaptado, seria depois publicado num número especial da revista portuguesa “Visão”, distribuído na altura da independência.

publicado no
Camões - Notícias, Boletim do Centro de Língua Portuguesa / Instituto Camões, nº 1, Novembro de 2003

[1] Este foi escrito por João Paulo T. Esperança e depois traduzido para tétum.

Luís Cardoso, hakerek-na'in timoroan

Livru hirak-ne'ebé nia publika tiha ona seidauk barak, maibé ema barak dehan ona katak nia maka hakerek-na'in timoroan ne'ebé boot liu hotu. Naran seluk ida ne'ebé mós boot hanesan nia maka Fernando Sylvan, maibé ema koñese Sylvan tanba nia poezia, no ema ne'ebé gosta tebes poezia ladún barak. Ema koñese Luís Cardoso uluk iha komunidade timoroan sira iha li'ur (no iha-ne'ebá ema hotuhotu bolu nia ho nia naran-ki'ik "Takas", ne'ebé nia esplika iha livru ida) no mós iha grupu solidariedade ba liberdade i autodeterminasaun ba Timór, depois ema seluseluk komesa koñese nia bainhira nia hahú hakerek istória oioin iha jornál portugés "Fórum Estudante", tinan balu liubá. Ne'e pasu foun ida iha ninia karreira ne'ebé hahú kleur tiha ona iha kotuk, ho hakerek, hananu no deklamasaun poezia iha lia-portugés ho lia-lakun ka tatohar espesial, Timór nian, ne'ebé nia uza ho laran-kmanek. Ha'u koñese nia iha tempu ne'ebá [1], bainhira ema sira ne'ebé fiar katak Timór sei hetan liberdade seidauk barak. Liuliu ha'u lembra dala ida ne'ebé nia kanta ho akompaña pianu husi Sabrina Uki Hong, feto Kanadá ida ne'ebé nia inan-aman husi Koreia no nia ativista ba kauza Timór nian, iha *V Jornadas de Timor da Universidade do Porto* nia laran, iha tinan 1993. Maibé ha'u tenke temi mós grupu muzikál "Unicórnio Azul", ne'ebé nia halo ho Fernando Serrador. Grupu ida-ne'e nia múzika tama duni ba ita-nia laran, uza de'it lian ho viola akústika, hananu poema sira husi hakerek-na'in timoroan. Nia mós ativu iha polítika, no ha'u sei hanoin, iha tempu hirak-ne'ebá, nia, hamutuk ho Zacarias da Costa i Olímpio Branco, servisu maka'as iha "Espaço por Timor", iha estrutura ida nia laran naran Comissão Coordenadora da Frente Diplomática.

Iha tinan 1997 mosu nia livru primeiru, naran *Crónica de uma travessia. A época do ai-dik-funam*, ne'ebé Publicações Dom Quixote maka publika. Ema hotuhotu no espesialista kona-ba literatura simu livru ida-ne'e ho entuziazmu (Maria Alzira Seixo hakerek testu ida ne'ebé gaba nia iha "Jornal de Letras" iha 25 Fevereiru 98). Livru ida-ne'e kona-ba dalan hirak-ne'ebé nia hala'o durante nia moris: bainhira nia sei labarik (iha Timór nia laran, husi

Dili ba Ataúru, husi nia família nia leet ba koléjiu Kreda nian sira), no bainhira nia hela iha ezíliu iha kota ne'ebé uluk maka kapitál Impériu nian. Ne'e mós kona-ba nia pátria nia dalan: iha tempu kolonializmu portugés, bainhira emar mehi ba ukun-rasik an no seidauk hetan, no iha okupasaun Indonézia nia laran. Ikusmai livru ida-ne'e hanesan serapinan ba nia aman. Autór ne'e haree buat hotuhotu ho ironia kahur ho estima, no knasak uitoan. Tuir timoroan sira-nia jeitu atu hateke ba buat hotu iha mundu nia laran, nia kahur saida maka akontese tebes iha Istória nasaun nian no iha ema nia lorololoron, hamutuk ho buat lulik no majia, ne'ebé hatudu matebian bei'ala sira-nia influénsia iha ema sira-nia moris. Livru ida-ne'e hetan prémiu husi Sociedade da Língua Portuguesa iha tinan 1998, no ema tradús no publika tiha ona iha lian barak: inglés, fransés, italianu i alemaun. Sei sai tan edisaun foun iha portugés no tetun, ho tulun husi Instituto Camões.

Ninia romanse daruak, *Olhos de coruja olhos de gato bravo*, ne'ebé publika mós husi Dom Quixote, mosu iha tinan 2002 uluk. Istória ne'e nakonu ho majia, no destinu ne'ebé la bele muda maka ukun, ho tulun husi lei tuan ne'ebé ezije vingança ho rai kuna, ho espiasaun. Buat hirak-ne'e maka fó razaun ba buat hotu ne'ebé mosu iha livru hirak kona-ba istória no polítika.

Autór ne'e hakerek mós istória badak barak ne'ebé di'ak. Ha'u gosta liu istória *Cáspita*, ne'ebé konta kona-ba nia an rasik, no halo refleksaun kona-ba difikuldade atu moris iha sosiedade koloniál ho lian barak. Iha revista "Camões" husi Abríl-Juñu 98 nia publika versaun literária husi ai-knanoik ne'ebé dehan katak rai-Timór mosu husi lafaek ida, maibé iha nia versaun ne'e, timoroan primeiru feto-raan ida naran Titi. Istória ida-ne'e, ne'ebé muda uitoan de'it, publika hafoin iha númeru espesial husi revista portugés "Visão", ne'ebé fahe iha momentu independénsia.

publika tiha iha
*Camões - Notícia*s, Boletim do Centro de Língua Portuguesa / Instituto Camões, nº 1, Novembro de 2003

1 - Testu ida-ne'e hakerek husi João Paulo T. Esperança no depois ami tradús ba tetun.

Benjamim de Araújo e Corte-Real
De aluno do Externato de S. José a Reitor da Universidade Nacional

Nascido em 1961, o hoje Professor Doutor Benjamim de Araújo e Corte-Real fez parte da geração que cresceu durante a ocupação indonésia. Frequentou o Externato de São José, um dos bastiões da resistência cultural ao invasor, de Agosto de 79 a Julho de 84, e aí deu depois aulas de Química e Geografia, até partir, em Agosto de 85, para Salatiga, em Java, a fim de frequentar a Universidade Satya Wacana, onde se licenciou em ensino da língua inglesa com uma tese sobre fonologia comparada do tétum e do inglês. De regresso a Timor, leccionou no Departamento de Língua Inglesa da *Universitas Timor Timur*, antes de, em Julho de 92 rumar à Austrália para o Mestrado em Linguística Aplicada. Imediatamente a seguir iniciou o Doutoramento em Linguística na Macquarie University em Sydney, que terminou em 98 com a dissertação "*Mambai and its verbal art genres – A cultural reflection of Suro-Ainaro, East Timor*". Volta ao ensino na *UNTIM*, e em Março de 99 está novamente na Macquarie University para actividades académicas. Os acontecimentos da altura do referendo adiam o regresso da família – havia-lhe nascido entretanto a primeira filha - que vem a acontecer em Março de 2000. Em Novembro desse ano integra o corpo docente da nova Universidade Nacional de Timor Lorosa'e. Em Julho de 2001 é nomeado director do Instituto Nacional de Linguística, criado pelo Governo, e em Setembro é eleito Reitor da UNTL. À frente dos destinos do INL e da UNTL empenha-se na prossecução de uma política linguística que salvaguarde a cultura e identidade nacional timorense, através da promoção das duas línguas oficiais, português e tétum, contra correntes alienantes incentivadas por interesses estrangeiros. Activo na produção de materiais para o desenvolvimento do tétum, professor, tradutor, será seguramente uma das vozes fulcrais no futuro da cultura desta nova nação.

publicado no
Camões - Notícias, Boletim do Centro de Língua Portuguesa / Instituto Camões, nº 1, Novembro de 2003

Benjamim de Araújo e Corte-Real
Husi alunu *Externato de S. José* nian to'o Reitór *Universidade Nacional* nian

Moris iha 1961, no agora Profesór Doutór ona, Benjamim de Araújo e Corte-Real halo parte ba jerasaun ne'ebé boot iha okupasaun indonézia nia laran. Nia uluk estuda iha Externato de São José, ne'ebé hanesan símbolu boot ida rezisténsia kulturál nian hasoru invazór, husi fulan-Agostu 79 to'o Jullu 84, no depois hanorin Kímika i Jeografia iha-ne'ebá, to'o nia arranka ba Salatiga, iha Java, iha fulan-Agostu 85, hodi bá estuda iha Universidade Satya Wacana, no iha-ne'ebá nia sai profesór lia-inglés nian ho teze ida kona-ba fonolojia be kompara lia-tetun no lia-inglés. Fila fali mai Timór, nia hanorin iha Departamentu Lia-Inglés iha *Universitas Timor Timur*, molok atu arranka ba Austrália, iha Jullu 92, atu bá tuir kursu Mestrado kona-ba Linguístika Aplikada. Liutiha mestradu nia hahú kedas kursu Doutoramentu Linguístika nian iha Macquarie University iha Sídnei, no remata iha 1998 ho ninia disertasaun naran "*Mambai and its verbal art genres – A cultural reflection of Suro-Ainaro, East Timor*", kona-ba lia-na'in mambae sira-nia arte. Nia fila ba hanorin iha *UNTIM*, no iha fulan-Marsu 1999 nia iha Macquarie University dala ida tan ba halalok akadémiku. Buat hotu-hotu ne'ebé akontese iha otas referendu nian obriga nia família – nia oan-feto dahuluk foin moris – hein iha Austrália, no iha Marsu 2000 maka sira fila fali mai. Iha Novembru tinan ne'ebá, nia mós hola parte nu'udar dosente iha universidade foun Timór nian: Universidade Nacional de Timor Lorosa'e. Iha fulan-Jullu 2001 nia simu nomeasaun nu'udar diretór Institutu Nasionál Linguístika nian, ne'ebé Governu mak harii, no iha Setembru universidade hili nia iha eleisaun atu sai Reitór UNTL nian. Iha INL no UNTL nia oin nia haka'as an atu hala'o ba oin polítika linguístika ida be tau neon metin ba kultura no identidade nasionál Timór Lorosa'e nian, liuhosi promove lian ofisiál rua, lia-portugés no lia-tetun, kontra ema balu ne'ebé prontu atu soe identidade ne'e no tuir de'it interese raili'ur nian. Nia hakerek materiál oioin atu dezenvolve lia-tetun, nia mós profesór, tradutór, no konserteza nia sei kontinua nu'udar lian ida ne'ebé importante tebetebes iha futuru kultura nian iha nasaun foun ida-ne'e.

publika tiha iha
*Camões - Notícia*s, Boletim do Centro de Língua Portuguesa / Instituto Camões, nº 1, Novembro de 2003

Capoeira em Timor

As terças feiras são dias de festa para as crianças nas instalações das Forças de Manutenção da Paz (PKF) em Caicóli. A partir das três da tarde chegam às dezenas para mais uma aula de Capoeira, sob orientação do Mestre Morais, ajudado pelo cabo da Silva e pelos soldados Ferreira e C. Lima, com organização geral do capitão Abinoan. O ensino da capoeira já se tornou uma tradição para os militares brasileiros em Díli, e de cada vez que se reveza o contingente há também a preocupação de entregar os treinos a um novo mestre.

Mas afinal o que é a capoeira? Trata-se de um sistema tradicional de combate desenvolvido no Brasil pelos escravos africanos para aí levados pelos portugueses para trabalharem nos engenhos e fazendas. Os treinos faziam-se com acompanhamento musical de instrumentos tradicionais, como o berimbau (um arco com um fio esticado no qual se bate com um pauzinho para o fazer vibrar) e o atabaque (tambor alto) e assim era também mais fácil dissimular a sua prática no meio das actividades lúdicas e festivas que os escravos levavam a cabo nos seus alojamentos na senzala. Quando um escravo fugia era perseguido por "caçadores" profissionais armados chamados capitães-do-mato, frequentemente a capoeira era a única defesa com que o fugitivo podia contar. Os confrontos ocorriam normalmente em clareiras de vegetação rasteira no meio do mato, denominadas em língua tupi-guarani *caá-puêra* – alguns estudiosos consideram ser esta a origem do nome da arte. Aqueles cuja fuga era bem sucedida juntavam-se em aldeias fortificadas chamadas quilombos, em lugares de acesso difícil. O quilombo mais importante foi o de Palmares que chegou a ter perto de dez mil habitantes e que resistiu durante cerca de sessenta anos aos esforços de conquista das autoridades, tendo sido Zumbi o seu mais famoso chefe. A abolição da escravatura e importação de mão-de-obra branca de países como Portugal, Espanha e Itália para os trabalhos agrícolas, levou para as cidades grande número de negros, que, desempregados, se viram muitas vezes empurrados para a marginalidade. A capoeira, agora urbana e já praticada também

por alguns brancos, em cidades como o Rio de Janeiro, Salvador da Bahia e Recife, passou a ser vista pelo público como ocupação de bandidos e vagabundos, e criaram-se leis a proibi-la. Parece datar destes tempos a introdução da navalha nas lutas, por influência de capoeiristas fadistas de origem portuguesa. Era também a época em que sectores racistas das elites brasileiras clamavam contra a influência africana nos costumes, e pretendiam "embranquecer" o país. Após cerca de meio século de clandestinidade, em que era aprendida em ruas escondidas e quintais, Manuel dos Reis Machado, o Mestre Bimba, fez uma exibição para Getúlio Vargas, na altura presidente do Brasil, e isto representou o início de uma nova era para a capoeira. Passaram a ser fundadas academias, onde o público aprendia o jogo. Os nomes mais importantes desta fase são Vicente Ferreira Pastinha (o Mestre Pastinha), que ensinava o estilo "Angola", mais tradicionalista, e o já citado Mestre Bimba, que criou um estilo com algumas inovações a que chamou "Regional".

Dessa época até à actualidade a capoeira percorreu um longo caminho. Hoje é praticada por todo o mundo, de Portugal a Timor, dos Estados Unidos à Noruega, da Austrália à Indonésia (p.ex. a revista "*fit*" deste país acaba de lhe dedicar um artigo entusiasmado, que inclui o endereço de algumas das escolas da região de Jacarta). Muitos praticantes são atraídos pelo jeito descontraído e alegre dos treinos, em contraste com a disciplina rígida que caracteriza normalmente as artes marciais orientais. Como disse o grande escritor brasileiro Jorge Amado, é "a luta mais bonita do mundo, porque é também uma dança". Na capoeira as técnicas partem da "ginga" e não das posições estáticas características do *karaté*, *taekwondo*, *pencak silat*, *wushu kung fu*, etc...; a ginga é um conjunto de movimentos contínuos do corpo destinados a procurar uma abertura para um ataque ou uma transição imediata para a defesa, que a maior parte das vezes consiste numa esquiva ou, seja, em evitar o golpe saindo da sua trajectória. Na roda de capoeira os capoeiristas põem-se à prova, jogando um contra outro, no centro de um círculo formado pelos tocadores de instrumentos de origem africana que cantam ladainhas e cantigas, e pelos restantes companheiros que batem palmas e fazem coro entoando o refrão.

As letras das canções são sobre assuntos como: a arte e a sua história, grandes mestres do passado e do presente, a vida no tempo da escravidão ou a fé católica e no candomblé (que mistura as crenças religiosas de África com o catolicismo, um pouco como se faz cá com os rituais da Igreja e as tradições ancestrais "gentias"). Os toques têm ritmos diferentes para distintos tipos de jogo, uns mais lentos outros mais rápidos.

A capoeira tornou-se, mais do que manifestação cultural, num desporto nacional brasileiro, e mestres oriundos daquele país internacionalizam-na cada vez mais, dando aulas em sofisticados (e caros) ginásios das capitais de muitas nações, a alunos que aprendem a cantar – em português – "*Capoeira é prá homi, / mininu e mulhé...*". Aqui por Timor o futuro da capoeira está assegurado enquanto os simpáticos militares do contingente brasileiro por cá se mantiverem, para alegria da pequenada de Caicóli. A continuidade depois dependerá da existência de instrutores, mas com certeza que entre os cooperantes e voluntários brasileiros que por cá trabalham haverá sempre algum capoeirista disposto a dar umas aulas...

publicado no
jornal *Semanário*, Ano 0, nº 0007, 21 de Fevereiro de 2004

Capoeira iha Timór

Tersa-feira loron festa nian ba labarik sira iha fatin Forsas Manutensaun Dame nian (PKF) iha Kaikoli. Hahú tuku tolu lokraik sira barak to'o ba aula *Capoeira* ida tan. Mestre Morais maka hanorin, ho ajuda husi kabu Silva, soldadu Ferreira no mós C. Lima, ho organizasaun gerál husi kapitaun Abinoan. Hanorin *capoeira* sai tiha ona nu'udar tradisaun ba militár brazileiru sira iha Dili, no dala ida-idak ne'ebé sira-nia grupu troka malu sira la haluha atu entrega treinu ida-ne'e ba mestre foun ne'ebé foin to'o mai.

Maibé saida maka *capoeira* ne'e? Ne'e sistema tradisionál baku-malu nian ne'ebé mosu iha Brazíl, husi atan afrikanu hirak-ne'ebé portugés sira lori ba ne'ebá atu serbisu iha fazenda (to'os boot). Treinu hala'o akompaña ho múzika husi instrumentu tradisionál, hanesan *berimbau* (hanesan kakeit boot halo ho rama ida ne'ebé nia talin estika loos no depois baku ho ai badak ida atu halo nia keit) no *atabaque* (tambór aas) no hanesan ne'e sai fasil liu tan atu subar treinu ne'e iha atividade oioin festa nian ne'ebé atan sira halo iha sira-nia fatin iha *senzala* (hela-fatin atan sira-nian). Bainhira atan ida halai-sai husi ninia na'in, ema "kasadór" profisionál ne'ebé duni nia naran *capitães-do-mato* (kapitaun ai-laran nian) no sira kaer kilat. Dala barak capoeira maka buat ida de'it ne'ebé atan be halai tiha ona bele uza hodi defende nia an. Baibain sira hasoru malu iha fatin ne'ebé iha du'ut badak iha ai-laran, ne'ebé ho lian tupi-guaraní naran *caá-puêra* – matenek-na'in balu hanoin katak ne'e maka orijen husi arte ida-ne'e nia naran. Sira ne'ebé konsege duni halai halibur an iha aldeia sira naran *quilombo* ne'ebé iha lutu ba inimigu sira atu la bele tama. Sira harii knua hirak-ne'e iha fatin ne'ebé izoladu no susar atu to'o ba iha ne'ebá. *Quilombo* importante liu hotu maka Palmares ne'ebé iha momentu ida ema rihun sanulu hela metin iha ne'ebá no reziste durante maizomenus tinan neenulu hasoru autoridade sira ne'ebé hakarak invade fatin ida-ne'e. Zumbi maka sira-nia xefe naran-boot liu hotu. Bainhira Brazíl bandu tiha escravatura (ema labele ona iha tan atan) no komesa haruka ema mutin mai husi rain sira hanesan Portugál, España no Itália atu serbisu iha to'os, ema metan barak tenke bá buka moris iha sidade oioin.

Iha ne'ebá sira barak la hetan serbisu no hahú sai bandidu ka vadiu. *Capoeira* sai sidade nian ona no ema mutin sira balu mós komesa hatene ona, iha kota hanesan Riudejaneiru, Salvadór-Bahia no Resife, maibé públiku hahú haree capoeira nu'udar hahalok bandidu no vadiu sira-nian de'it, hafoin lei oioin mosu atu bandu nia. Parese katak iha tempu ne'ebá maka komesa mosu navalla (tudik koi hasan-rahun nian) bainhira sira baku malu, nu'udar influénsia husi *capoeirista* fadista portugés sira. Iha otas ne'ebá mós setór rasista balu husi elite Brazíl nian hakilar hasoru influénsia husi kultura afrikana ba uzus i kostumes, no sira hakarak sira-nia rain atu "namutin". Liutiha maizomenus tinan limanulu iha klandestinidade nia laran, ne'ebé ema sira só bele aprende *capoeira* iha dalan subar no iha kintál, hafoin Manuel dos Reis Machado, ne'ebé ema bolu Mestre Bimba, halo ezibisaun atu hatudu capoeira ba Getúlio Vargas, iha momentu ne'ebá nia mak prezidente Brazíl nian, no ida-ne'e maka komesa sai otas foun ba *capoeira*. Akademia oioin hahú mosu ba públiku atu bele aprende jogu ne'e. Ema sira ne'ebé importante liu iha faze ida-ne'e maka Vicente Ferreira Pastinha (Mestre Pastinha), ne'ebé hanorin estilu "Angola", tradisionál liu, no Mestre Bimba be ita temi tiha ona, ne'ebé inventa estilu ho buat foun oioin ke nia hanaran "Rejionál".

Husi tempu ne'ebá to'o agora ne'e daudaun *capoeira* liu tiha ona dalan naruk ida. Agora ema barak treina *capoeira* iha mundu tomak, husi Portugál to'o Timór, husi Estadus Unidus to'o Noruega, husi Austrália to'o Indonézia (n.ez. revista "*fit*" husi rain ida-ne'e foin publika artigu ida ne'ebé gaba loos capoeira no inclui mós diresaun eskola balu nian iha rejiaun Jakarta). Pratikante barak tama tanba treinu ne'e rame, jeitu no haksolok, la iha dixiplina maka'as ne'ebé ita hetan baibain iha arte marsiál sira husi Lorosa'e. Nu'udar hakerek-na'in brazileiru naran-boot Jorge Amado dehan ne'e "luta kapás liu iha mundu tomak, tanba ne'e mós dansa ida". Iha *capoeira* téknika sira hahú husi *ginga* (jinga), la'ós husi pozisaun para-iha-fatin típiku husi *karaté, taekwondo, pencak silat, wushu kung fu*, nsst...; *ginga* ne'e hanesan movimentu oioin isin nian ne'ebé la para no iha intensaun hodi buka dalan atu ataka ka muda kedas ba defeza, ne'ebé dala barak liu maka halo *esquiva*, katak sees an husi golpe.

Iha roda *capoeira* nia klaran *capoeirista* sira koko hodi joga hasoru malu, roda ne’e halo husi tokadór sira ne’ebé toka instrumentu oioin husi Áfrika no hananu, aleinde kompañeiru sira seluk ne’ebé basa liman no kanta refraun iha koru. Liafuan kantiga nian kona-ba asuntu hanesan: arte ida-ne’e no ninia Istória, mestre boot husi tempu pasadu no prezente, moris nu’udar atan iha otas eskravidaun nian, i fiar sarani no fiar ba *candomblé* (ne’ebé kahur relijiaun tradisionál husi Áfrika ho katolisizmu, atu hanesan lisan Timór ne’ebé kahur rituál sira Kreda nian no tradisaun jentia bei’ala sira-nian). Sira toka ho ritmu oioin ba jogu ho jeitu oioin, balu neineik balu lailais.

Capoeira sai tiha ona, la’ós de’it buat kultura nian, maibé desportu nasionál Brazíl nian, no mestre sira husi rain ne’ebá halo nia sai internasionál liu tan, liuhosi hanorin iha jináziu sofistikadu (no karun) iha kapitál husi nasaun barak. Alunu sira aprende kanta – iha lia-portugés – “*Capoeira é prá homi, / mininu e mulhé...*” (*capoeira* ne’e ba mane, ba labarik no ba feto...). Iha-ne’e, iha Timór, *capoeira* iha futuru enkuantu militár simpátiku sira husi PKF Brazíl nian sei kontinua misaun iha-ne’e, ho ksolok wa’in ba labarik sira iha Kaikoli. Atu kontinua tan ba oin sei depende ba se iha instrutór ka lae, maibé konserteza husi kooperante no voluntáriu brazileiru sira ne’ebé serbisu hela iha-ne’e sei iha nafatin *capoeirista* ruma ne’ebé prontu atu hanorin...

Versaun ho lia-portugés publika tiha iha
jornál *Semanário*, Ano 0, nº 0007, 21 de Fevereiro de 2004

Geoffrey Hull, o linguista

Ao longo da história da humanidade sempre houve línguas com mais prestígio que outras, muitas vezes por razões políticas ou militares. As línguas de povos dominados ou colonizados não tiveram frequentemente durante séculos oportunidade de crescimento e modernização, especialmente no caso daquelas cujos falantes não tinham desenvolvido nunca uma tradição escrita. Isso aconteceu não apenas no Terceiro Mundo, mas também com muitas línguas minorizadas na Europa. Essa situação começou a mudar para numerosos idiomas no século XIX, para muitos outros apenas após a época das independências a partir do fim da Segunda Guerra Mundial. Na maior parte dos casos os esforços de estudo, padronização e desenvolvimento de uma determinada língua foram liderados por um pequeno grupo de pessoas ou mesmo por um só indivíduo, um intelectual particularmente dotado e especialmente dedicado. Assim, é impossível esquecer o papel fundamental de Koldo Mitxelena na língua euscara (ou basco, na Espanha), de Eliezer Ben Yehuda no hebraico (Israel), de Ivar Aasen e de Knud Knudsen no norueguês, de Johannes Aavik no estónio, de Taras Shevchenko no ucraniano... Da mesma forma, é central o papel de Geoffrey Hull na investigação e promoção do tétum – e de outras línguas de Timor Oriental. Um verdadeiro linguista, no mais completo e nobre sentido da palavra, o Professor Doutor Hull é aquilo a que se costuma chamar um génio. Nasceu numa família onde se misturam gentes de várias proveniências e línguas: da Inglaterra, da Escócia, de Itália, Malta e França. Pelo lado materno conta-se também uma permanência de três gerações no Egipto. Cresceu ouvindo em casa, para além do inglês, o italiano, maltês, francês, árabe e grego. Tendo despertado cedo para a paixão pelos livros e a linguística, começou a aprender latim e espanhol na adolescência, e um pouco de português com membros da comunidade goesa em Sydney. Na Universidade de Sydney estudou linguística histórica e comparativa, especializando-se em línguas românicas e célticas. Partiu então para Itália, a fim de fazer investigação no terreno para a sua tese de doutoramento de 1982 sobre análise diacrónica dos dialectos galo-

romances do Norte de Itália e do cantão de Grisons na Suíça. Ensinou filologia céltica e línguas célticas modernas (gaélico da Irlanda, galês do País de Gales, córnico da Cornualha e bretão da França) na Universidade de Sydney (1988-1992) e deu aulas e conferências sobre italiano, francês, occitano (da França), latim medieval e dialectologia italiana em diversas Universidades australianas (Melbourne, Latrobe, Wollongong). Tem qualificações certificadas institucionalmente como tradutor de francês, italiano, espanhol, português, romeno, maltês, alemão, polaco, ucraniano e latim. Publicou abundantemente sobre estas línguas, além de um livro sobre história da reforma litúrgica nas Igrejas Romana e do Oriente.

Nos anos oitenta, aquando de uma visita à Austrália de Dom Martinho da Costa Lopes, revoltado com a atitude do Primeiro Ministro do seu país que acusava de mentiroso o Bispo por este denunciar as acções dos ocupantes indonésios aliados da Austrália, Geoffrey Hull decide investigar e publicar o que se passava na realidade em Timor Oriental. Viria a resolver também aprender tétum, o que faz com elementos da comunidade timorense na Austrália, e com recurso a alguns materiais já publicados que lhe são facultados, como o dicionário de 1907 de Rafael das Dores e uma tradução do Evangelho de São Marcos em tétum. Perante a não existência de materiais mais modernos ou orientados para o ensino da língua, prontifica-se, na sua categoria de linguista profissional, a escrever um manual para o ensino do idioma a estrangeiros. Nasce assim o *Mai kolia tetun*, publicado em 1993, hoje já na quarta edição, e que se tornou uma ferramenta indispensável para o aprendente de tétum. Um bispo australiano convida-o para fazer parte de uma comissão que investigava as violações de direitos humanos em Timor, pelo que acaba por vir cá duas vezes durante a ocupação, em 1994 e 1997, na companhia de bispos da Austrália. Desde os anos noventa passou a dedicar a maior parte do seu labor académico ao estudo das línguas timorenses, tendo publicado um dicionário de tétum-inglês, outro de malaio-tétum, em co-autoria com Toni Pollard, além de uma série de textos fundamentais sobre linguística de Timor, e ainda recursos pedagógicos e de descrição do mambai do Suro, baiqueno, galole e uaimoa. Em 1999 recebeu o convite das Nações

Unidas e da Comissão Eleitoral Australiana para traduzir os documentos da votação para o referendo da independência, e em Agosto de 2000 foi o orador convidado por Xanana Gusmão para falar sobre “Identidade, Língua e Política Educacional” no Congresso Nacional do CNRT. A defesa que fez da importância da manutenção do português como língua oficial levou a que a Embaixada da Austrália, que lhe dava na ocasião alojamento, lhe tenha posto as malas à porta. Pertence à equipa de linguistas do Instituto Nacional de Linguística que foi responsável pelos trabalhos de padronização do tétum. A importância do seu trabalho em prol das línguas de Timor-Leste é tal que mesmo os seus detractores se vêm obrigados a recorrer mais do que gostariam de admitir aos materiais por si publicados. Timor tem sorte em ter um amigo assim.

publicado no
jornal *Semanário*, Ano 0, nº 0032, 14 de Agosto de 2004

A versão em tétum foi publicada no
Várzea de Letras, Suplemento Literário mensal do jornal *Semanário*, nº 3, Abril 2004

Geoffrey Hull, linguístika-na’in

Hori uluk iha Istória umanidade nian sempre iha lian oioin ne’ebé aas liu duké sira seluk tan, ne’e beibeik tanba razaun polítika ka militár nian. Lian sira-ne’ebé sira-nia makdalen hela iha dominasaun ka kolonizasaun okos la hetan biban atu buras no sai modernu (ho lian barak ne’e akontese durante atus wa’in nia laran), liuliu ba lian hirak-ne’ebé sira-nia ko’alia-na’in seidauk iha tradisaun hakerek nian. Ne’e akontese la’ós de’it iha Mundu Datoluk, maibé mós ho lian ne’ebé ukun-na’in balu hanehan iha Europa. Situasaun ida-ne’e hahú nakfila ba lian barak iha sékulu XIX, ba dalen barak tan ne’e mosu de’it depoizde otas ukun-rasik an nian iha rain oioin, liutiha Funu Mundiál Daruak. Iha kazu barak liu, esforsu ba estudu, padronizasaun no dezenvolvimentu ba lian ida iha ema uitoan ka ema ida de’it ne’ebé maka sai matadalan, intelektuál ida ne’ebé matenek loos no badinas tebetebes. Nune’e, ita la bele haluha knaar fundamentál husi Koldo Mitxelena ba lia-euskara (ka lia-basku, iha España), husi Eliezer Ben Yehuda ba lia-ebraiku (Israél), husi Ivar Aasen no Knud Knudsen ba lia-noruegés, husi Johannes Aavik ba lia-estóniu, husi Taras Shevchenko ba lia-ukraniano... Hanesan de’it, importante tebes Geoffrey Hull nia knaar iha investigasaun no promosaun lia-tetun nian – no mós ba lian seluk Timór Lorosa’e nian. Linguístika-na’in duni – no ita uza liafuan ne’e ho nia arti kompletu no furak liu – Profesór Doutór Hull ne’e maka hanesan ema ne’ebé ita baibain hanaran jéniu (matenek-na’in) ida. Nia moris iha família ida ne’ebé raan-kahur ho ema husi fatin no lian oioin: husi Inglaterra, husi Eskósia, husi Itália, Malta no Fransa. Família inan nian mós hela iha rai-Ejiptu durante jerasaun tolu. Bainhira nia sei labarik nia rona iha uma, aleinde lia-inglés, lia-italianu, lia-maltés, lia-fransés, lia-árabe no mós lia-gregu. Ninia domin ba livru no linguístika mosu bainhira nia sei ki’ikoan, nia hahú aprende latín no españól kuandu nia sei adolexente, no mós portugés uitoan husi ema-Goa sira balu ne’ebé hela iha Sídnei. Iha Universidade Sídnei nian, nia estuda linguístika istórika no komparativa, no sai especialista kona-ba lian agrománika no séltika sira. Depois nia arranka ba Itália, atu hala’o investigasaun iha rai-laran ba nia teze-doutoramentu iha

tinan 1982 kona-ba análize diakrónika dialetu galo-romanse sira-nian iha Itália Norte no iha kantaun Grisons iha rai-Suisa. Nia hanorin filolojia séltika no lian séltika moderna oioin (lia-gaéliku husi Irlanda, lia-galés husi rai-Gales, kórniku husi rai-Kornualla no lia-bretaun husi Fransa) iha Universidade Sídnei (1988-1992) no nia fó aula i halo konferénsia barak kona-ba lia-italianu, lia-fransés, lia-oksitanu (husi Fransa), latín medievál no dialetolojia lia-italianu nian iha Universidade australiana oioin (Melbourne, Latrobe, Wollongong). Nia iha sertifikadu-kualifikasaun nu'udar tradutór ba lia-fransés, lia-italianu, lia-españól, lia-portugés, lia-romenu, lia-maltés, lia-alemaun, lia-polaku, lia-ukranianu no lia-latín. Nia publika livru barak kona-ba lian hirak-ne'e, sei iha mós livru ida kona-ba istória husi reforma litúrjia nian iha Kreda Romana no Kreda Lorosa'e.

Iha tinan 80 nian, bainhira Dom Martinho da Costa Lopes bá vizita Austrália, Geoffrey Hull hirus tebetebes tanba Primeiru Ministru husi ninia rain dehan katak Amu-Bispu ne'e bosok-teen. Ne'e tanba Amu-Bispu fó-hatene iha ne'ebá kona-ba hahalok aat husi okupante indonéziu, maibé Austrália belun di'ak ho Governu Indonézia nian. Geoffrey Hull deside atu investiga no publika kona-ba saida maka akontese duni iha Timór Lorosa'e. Tuirmai nia mós hakarak aprende tetun, ho tulun husi ema iha komunidade timoroan iha Austrália, no mós ho materiál balu ne'ebé iha ona no nia husu-empresta, hanesan disionáriu Rafael das Dores nian (1907) no tradusaun ba tetun husi Evanjellu Saun Markus nian. Tanba la iha materiál modernu ka livru atu hanorin lian ida-ne'e, nia, nu'udar linguista profisionál, rezolve atu hakerek manuál ida hodi hanorin lian ne'e ba malae sira. Husi ne'e mak mosu livru *Mai kolia tetun*, ne'ebé publika iha tinan 1993, ohin loron hetan tiha ona edisaun dahaat, no sai tiha ona nu'udar ferramenta ida ne'ebé estudante tetun hotu-hotu tenke uza. Bispu australianu ida konvida nia atu hola parte ba komisaun ida ne'ebé buka hatene kona-ba violasaun direitus umanus iha Timór, no tanba ne'e nia biban atu mai iha-ne'e dala rua durante okupasaun nia laran, iha 1994 no 1997, hamutuk ho Amu-Bispu australianu na'in-rua. Hori tinan 90 nian, nia hahú dedika ninia tempu no knaar akadémiku barak atu estuda lian sira Timór nian, no nia publika tiha ona disionáriu tetun-inglés ida, no ida seluk

malaiu-tetun nian, ne’ebé serbisu hamutuk ho Toni Pollard, no hakerek mós testu fundamentál barak kona-ba linguístika Timór nian, aleinde livru pedagójiku oioin no deskrisaun mambae Suru nian, baikenu, galolen no waima’a nian. Iha tinan 1999 nia simu konvite husi Nasoins Unidas no Komisaun Eleitorál Austrália nian atu tradús dokumentu sira ba votasaun iha referendu independénsia nian, no iha fulan-Agostu 2000 nia maka ko’alia-na’in ne’ebé Xanana Gusmão konvida atu hato’o lian kona-ba “Identidade, Lian no Polítika Edukasionál” iha Kongresu Nasionál CNRT nian. Tanba nia defende maka’as lia-portugés nu’udar lian ofisiál, Embaixada Austrália nian, ne’ebé iha momentu ne’ebá simu nia nu’udar bainaka, tau nia naha iha odamatan. Nia hola parte iha ekipa linguista sira nian ne’ebé iha Institutu Nasionál Linguístika nian hala’o knaar ba padronizasaun tetun nian. Ninia serbisu ba lian sira Timór Lorosa’e nian importante tebetebes, no maski dala ruma ema balu kritika nia, sira-ne’e rasik mós dala barak uza ninia livru hirak-ne’e atu bele buka informasaun, maski sira balu ladún gosta atu rekoñese buat ne’e. Timór rahun-di’ak liu tanba hetan belun ida hanesan nia.

publika tiha iha
Várzea de Letras, Suplemento Literário mensal do jornal *Semanário*, nº 3, Abril 2004

Versaun ho lia-portugés publika tiha iha
jornál *Semanário*, Ano 0, nº 0032, 14 de Agosto de 2004

Um brevíssimo olhar sobre a Literatura de Timor

Antes de mais um esclarecimento se impõe. Porquê literatura "de Timor" e não "timorense"? É que não pretendemos limitar-nos aqui aos autores nacionais, mas sim incluir também um pouco daquilo que há para ler de naturais de outras paragens que tenham tomado Timor como tema literário. Não nos iremos debruçar sobre as recolhas de literatura oral e tradicional, tema que guardaremos para outra oportunidade. Não queremos, no entanto, deixar de chamar a atenção para o facto de que muito poucas das que foram até hoje publicadas são realmente merecedoras deste rótulo. Uma recolha feita com critérios científicos tem como um dos seus princípios base o reconhecimento da existência de múltiplas versões do mesmo "texto", as quais devem ser registadas da forma mais fiel possível ao que foi realmente enunciado pelos informantes. O registo na língua original é condição absolutamente essencial. Só depois se pode partir para uma análise minimamente credível. Uma das obras que se aproxima deste método é *Textos em Teto da Literatura Oral Timorense*, publicada em 1961 pelo Pe Artur Basílio de Sá [1], apesar de o texto em tétum térique das lendas ter sido depurado e fixado pelos mestres-escola Paulo Quintão e Marçal Andrade. Também merecedora de destaque é a compilação (sem aparato crítico) *The book of the Story Teller* [2], dado à estampa na Austrália em 1995, na qual apenas o título e algumas notas introdutórias estão em inglês, mantendo-se nos textos em tétum as expressões e repetições características da performance oral do contador de histórias. A grande maioria das restantes "colectâneas" da arte verbal dos timorenses é afinal uma reformulação mais ou menos literária, inspirada na tradição, mas recriada numa outra língua.

Antes da chegada dos portugueses a Timor, no início do século XVI, já outros povos visitavam estas costas para fazer comércio de sândalo, essencialmente chineses, malaios e javaneses. Dado que os povos de Timor não conheciam a escrita, foram estes estrangeiros os primeiros a deixar breves apontamentos sobre a ilha e os seus habitantes. Foram os portugueses, porém, que começaram a estabelecer-se permanentemente, principalmente

através de missionários católicos, séculos antes da efectiva ocupação colonial do território. Gradualmente viriam a aparecer monografias, memórias, dicionários e livros de orações em línguas locais, da autoria de religiosos, militares, administradores, viajantes e deportados. Um dos mais conhecidos é *A ilha Verde e Vermelha de Timor*, de Alberto Osório de Castro, primeiro publicado na revista Seara Nova, em Junho de 1928 e Junho de 1929, e depois, em livro, pela Agência Geral das Colónias, em 1943. Recentemente foi reeditado pela Cotovia [3]. Trata-se de um peculiar livro de viagens, escrito em prosa poética, cheio de informações exaustivas sobre a ilha, a sua natureza e as suas gentes. Um pequeno volume de Paulo Braga, *A Ilha dos Homens Nus* [4], é digno de nota pela forma como o autor faz a descrição do Ataúro visto (recriado?) pelos seus olhos idealistas: uma sociedade tradicional libertária, sem exploração do homem pelo homem, onde impera o amor livre. A época do colonialismo fez surgir também um tipo de ficção a que chamamos hoje "literatura colonial", que na definição clássica de Pires Laranjeira é aquela que é "*escrita e publicada, na maioria esmagadora, por portugueses de torna-viagem, numa perspectiva de exotismo, evasionismo, preconceito racial e reiteração colonial e colonialista, em que a visão de mundo, o foco narrativo e as personagens principais eram de brancos, colonos ou viajantes, e, quando integravam os negros, eram estes avaliados superficialmente, de modo exógeno, folclórico e etnocêntrico, sem profundidade cultural, psicológica, sentimental e intelectual* " [5]. Em Timor, um bom representante deste género é *Caiúru*, de Grácio Ribeiro [6]. Novela de pendor autobiográfico, conta-nos as aventuras e desventuras de um jovem comunista deportado por actividades políticas contra o regime fascista em Portugal, que aqui vive um idílio amoroso com uma nona de nome Caiúru. Apesar de mostrar alguma simpatia com os condenados a trabalhos forçados e com os revoltosos de Manufahi, e de se orgulhar de, ao contrário dos camaradas, não espancar os criados, a sua situação privilegiada de branco fala mais alto do que as suas inclinações políticas, e hei-lo a tomar atitudes de senhor todo poderoso dos destinos do seu semelhante autóctone. O livro constitui um interessante documento

sociológico, que nos mostra aspectos da realidade da época, nomeadamente como se processava a compra de uma nona – que lhe custou mais barata do que o cavalo que também adquiriu. As nonas são assunto recorrente da literatura escrita por metropolitanos, talvez por constituírem um dos lados da sociedade local com que mais de perto interagiam, representando assim as moças para os seus companheiros expatriados um papel de janela para o mundo timorense. Grácio Ribeiro retoma o tema da vida dos deportados políticos num romance publicado posteriormente [7].

Já integrado na corrente da literatura pós-colonial, e fortemente crítico dos males do colonialismo, destacamos *Corpo colonial* [8], "*um romance profundamente feminino, que nos conta o percurso de Alitia, mulher de um alferes miliciano colocado em Timor, colónia distante e esquecida onde a guerra colonial não chegou e o tédio é o principal inimigo dos militares. Pode dizer-se que é um livro de leitura difícil, onde o desenrolar da narrativa é constantemente interrompido por longos monólogos filosóficos ou diálogos inverosímeis sobre questões existenciais, mas que nos oferece um interessante painel sobre a vivência das mulheres dos militares colocados naquela ilha entre a Ásia e a Oceânia e sobre a própria condição de ser mulher. É também um romance de desencanto, de traições e de vidas incompletas.*"[9] O enredo anda em torno da aproximação entre a protagonista e Manucodiata, a jovem prostituta timorense que o seu marido frequenta, e dá conta de uma realidade nova nas relações entre os metropolitanos e algumas mulheres locais: "*Antigamente, os brancos barlaqueavam as nonas. Depois da vinda da tropa contentam-se em dar dinheiro para abaixar o sarão*" (Ruas, 1981:16). Um livro de sinal completamente oposto ao da literatura colonial é *Uma deusa no "inferno" de Timor*, de Francisco A. Gomes[10]. Este livro pertence ao que poderíamos chamar uma "literatura de remorso", cheio de referências depreciativas a tudo o que seja português e de personagens timorenses (principalmente mulheres) revolucionárias cheias de seguidores, completamente anacrónicas, fantasistas e desenquadradas do que era a realidade histórica e social local nas épocas em se situa a acção. Retomando

uma vez mais o velho tema, temos *A nona do Pinto Brás (Novela Timorense)* [11]. Uma pequena novela, ambientada nos anos que precedem o fim da administração colonial portuguesa, cujo autor demonstra um conhecimento mais profundo da cultura e história timorenses, ainda que na narrativa praticamente só nos seja dado a conhecer o ponto de vista dos magalas sobre o que vai acontecendo – quase nada ficamos a saber afinal sobre Joaquina Mêtan, a sua maneira de ver o mundo, as suas reais emoções e relações sociais, para lá da sua existência enquanto nona de um malai. O livro é assinado por Filipe Ferreira, mas o estilo da escrita leva-nos a formular a hipótese de que este seja o nome literário escolhido pelo grande historiador de Timor e da presença portuguesa na Ásia, Luís Filipe F. R. Thomaz.

Saltemos de seguida para o mundo da poesia, agora da pena de autores timorenses. Destes o mais representativo será talvez Fernando Sylvan, pseudónimo literário de Abílio Leopoldo Motta-Ferreira. Tendo sido levado para Portugal ainda criança, jamais perdeu a identificação afectiva com a sua terra natal, motivo constante da sua poesia, a par com temas mais universais como a celebração do amor e da mulher amada. Intelectual empenhado, ocupou durante bastantes anos o cargo de Presidente da Sociedade da Língua Portuguesa. O essencial da sua obra poética está reunido no livro *A Voz Fagueira de Oan Tímor* [12]. Faleceu no dia de Natal de 1993. Eis um pequeno texto, publicado então por Luís Cardoso ("Takas") no *Kaibauk – Boletim de Informação Timorense* [13]:

"Fernando Sylvan
ou O Silêncio das Palavras

Depois
(mas só depois)
os galos
lutarão sem lâminas

Este é o poema dedicado a Xanana Gusmão. Fernando Sylvan era um poeta para quem as palavras e só as necessárias deviam ser ditas. Pois o silêncio não é o vazio das palavras. Mas, no

dia 25 de Dezembro, quando todos procuravam as mais variadas palavras para saudarem o Nascimento do Menino, Fernando Sylvan calou-se. E o seu pequeno corpo curvou-se sob o peso do silêncio que, desta vez, tinha o peso de todas as palavras. Do exílio, desde os tempos de menino e depois de décadas de ausência da ilha querida, fizeram com que ele próprio construísse com palavras ilhas que salpicavam o oceano do seu silêncio e tormento. Estudou o idioma português e usou a sua escrita como "ai-suak" para escavar até ao fundo das palavras onde procurava o que unia todas as línguas, entre as quais, a da sua infância.
Finalmente, no dia de todos os nascimentos, Fernando Sylvan deixou-se cair nos braços da mãe de todas as línguas: o silêncio ou a palavra muda."
Sylvan é um dos poetas timores incluídos na colectânea *Enterrem meu coração no Ramelau* [14], publicada em Luanda pela União de Escritores Angolanos, ao lado de José Alexandre Gusmão, Jorge Lautén, e outros menos dotados literariamente, que o tempo se encarregou de fazer esquecer. Dois casos na poesia timorense são representativos da literatura profundamente alinhada ideologicamente, Borja da Costa (incluído na colectânea da UEA), na esquerda revolucionária, e Jorge Barros Duarte [15], na direita reaccionária. O já citado José Alexandre Gusmão, mais conhecido por Xanana, actualmente Presidente da República, publicou em 1998 *Mar Meu – Poemas e pinturas*[16], escrito na prisão. Diz-nos o escritor moçambicano Mia Couto no prefácio: *E naquelas páginas confirmei: pela mão de um homem se escreve Timor. Um livro de Xanana Gusmão não poderia ser apenas um livro. Por via da sua letra se supõe falar todo um povo, uma nação. Há ali não apenas poesia mas uma epopeia de um povo, um heroísmo que queremos partilhar, uma utopia que queremos que seja nossa*. Esta primeira edição é bilingue, com tradução para inglês de Kirsty Sword e Ana Luísa Amaral; mais tarde surgiria uma nova edição, também bilingue, com apoio do Instituto Camões, traduzida para tétum por Luís Costa. João Aparício é outro nome a reter, com dois livros de poemas publicados pela Caminho, *À janela de Timor* [17] e

Uma casa e duas vacas. Um outro, sob o pseudónimo Kay Shaly Rakmabean, foi publicado pela Real Associação de Braga, com o título *Versos do Oprimido* [18]. Abé Barreto, que na sequência do massacre de Santa Cruz, aproveitou a presença no Canadá num programa de intercâmbio de estudantes universitários para pedir asilo político, e que veio a distinguir-se como cantor de intervenção ao lado do activista canadiano Aloz MacDonald, publicou na Holanda em 1995 *Menari Mengelilingi Planet Bumi* (Dançando à volta do Planeta Terra), poesia em língua indonésia, e em 1996, na Austrália, *Come with me singing in a choir*. Há outros jovens autores timorenses que se têm expressado poeticamente, alguns com livros já publicados, outros com colaboração dispersa por jornais e boletins diversos. Citamos dois: Crisódio Araújo e Celso Oliveira. Um poeta que, ainda que português, se salienta pela sua identificação e proximidade espiritual com Timor e os timorenses, além da qualidade literária dos seus escritos, é Ruy Cinatti. Poeta, agrónomo, antropólogo, botânico, a sua obra é vasta e conhecida, incluindo os títulos *Não Somos Deste Mundo* (1941), *Poemas Escolhidos* (1951), *O Livro do Nómada Meu Amigo* (1966), *Sete Septetos* (1967), *Borda d'Água* (1970), *Uma Sequência Timorense* (1970), *Cravo Singular* (1974), *Timor – Amor* (1974), *O A Fazer, Faz-se* (1976), *Poemas* (1981), *Manhã Imensa* (1982), e *Um Cancioneiro para Timor* (1996).

São escassos os escritores timorenses a dedicarem-se ao romance. Ponte Pedrinha, pseudónimo literário de Henrique Borges, é autor de *Andanças de um Timorense*, publicado em 1998 pelas Edições Colibri[19]. O poeta moçambicano José Craveirinha escreve no prefácio: "*Mágoa imensa tão belo canto ter produzido este frágil texto. Frágil e modesto mas incontestavelmente sincero. Sincero e Grande!*". Episódio crucial na estrutura da narrativa é o desrespeito por parte do jovem casal Kotená e Kêti-Kia, de uma antiga tradição dos ataúros, segundo a qual a noiva na noite de núpcias devia partilhar o leito não do seu marido mas de um tio deste. O mesmo costume é referido pelo Padre Jorge Barros Duarte: "*Decorridos dois ou três dias sobre a fase preliminar, a mãe do noivo vai buscar a noiva a casa dos pais desta e leva-a para*

casa do noivo. É nesta fase que o irmão mais novo do pai do noivo roi tada *(«experimenta» intimamente, i.e. desflora) a noiva."* [20]. Numa posição de relevo, temos finalmente Luís Cardoso, o mais genial dos autores timorenses, com três romances publicados, além de colaboração dispersa por vários jornais e revistas. *Crónica de uma travessia – A época do ai-dik-funam*[21] é um relato autobiográfico que acompanha a história recente de Timor e uma série de travessias quer físicas quer interiores na vida do narrador e do seu pai, tudo a acontecer num universo mágico que em Timor impregna também a História, ou a percepção que as pessoas têm da História. *Olhos de Coruja, Olhos de Gato Bravo* [22] entra mais fundo nesse mundo do fantástico, e vai à procura de mitos fundamentais do imaginário colectivo timorense, como os que rodeiam a revolta de Manufahi. *A última morte do Coronel Santiago* [23] maneja habilmente as técnicas narrativas enquanto vai contando as aventuras de figuras que incluem um escritor *alter ego* do autor, apaixonado pela personagem feminina principal do último romance deste. O maravilhoso e o fantástico do sobrenatural timorense fundem-se com a ironia típica de Luís Cardoso e com alusões abundantes aos ambientes, obras e referências de uma certa intelectualidade de esquerda europeia e moderna.
Saindo novamente da esfera da produção nativa, dois livros mais merecem ser aqui mencionados, dentro do que podemos denominar de "literatura de denúncia". *Saksi Mata*[24] (Testemunha Ocular) é um conjunto de contos ambientados no Timor da época da repressão indonésia, escritos por Seno Gumira Ajidarma, um dos autores mais significativos da geração mais recente da literatura indonésia. Os contos foram sendo publicados em jornais daquele país, depois de Ajidarma ter sido demitido das funções que exercia na revista *Jakarta Jakarta* por ter noticiado o massacre de 12 de Novembro de 91. Uma pequena editora, a Bentang Budaya, fez sair a primeira edição em livro em 1994. A obra vai ser brevemente publicada em tétum pela Timor Aid, com tradução de Triana Oliveira. Está também a ser traduzida para português por João Paulo Esperança, mas ainda sem editor à vista. Um outro volume digno de atenção é *A redundância da coragem*[25] de Timothy Mo, publicado originalmente

em inglês em 1991. O autor, filho de mãe inglesa e pai cantonês, consegue descrever admiravelmente a sociedade timorense dos últimos tempos da administração portuguesa, os primeiros anos da guerra no mato, e a vida dos que depois se renderam ou foram capturados, tudo isto pela boca sarcástica do narrador Adoph Ng, um chinês timorense, homossexual e homem do mundo permanentemente deslocado na sua terra natal, já que o pai o tinha mandado fazer os estudos universitários em Toronto, no Canadá.
A literatura escrita por timorenses tem sido, com poucas excepções, fundamentalmente em língua portuguesa, veículo de afirmação de resistência, identidade e nacionalidade. Cremos que a geração actual, que se vai libertando da pressão cultural dos anos passados a decorar o *Pancasila* em indonésio, não tardará a fazer nascer também uma literatura pujante de vida e de novidade em tétum. Vamos lendo e vendo...

publicado em duas partes no
Várzea de Letras, Suplemento Literário mensal do jornal *Semanário*, nº 3 [4] e nº 4 [5], Junho e Julho de 2004
A versão em tétum foi publicada no *Várzea de Letras*, Suplemento Literário mensal do jornal *Semanário*, nº 8, Setembro de 2004

(Notas de rodapé)

[1] Sá, Artur Basílio de [ed. crítico] – *Textos em Teto da Literatura Oral Timorense*, vol.1, Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar/ Centro de Estudos Políticos e Sociais, 1961

[2] Pereira, Agio [compilador] – *Timor: The book of the Story-Teller*. Cabramatta (Austrália), Timorese Australian Council, 1995

[3] Castro, Alberto Osório de – *A ilha verde e vermelha de Timor.* Lisboa, Livros Cotovia, 1996

[4] Braga, Paulo – *A ilha dos homens nus.* Lisboa, Editorial Cosmos, 1936

[5] Laranjeira, Pires – *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*. Lisboa, Universidade Aberta, 1995, p. 26

[6] Ribeiro, Grácio – *Caiúru*. Lisboa, Colecção «Amanhã», 1939

[7] Ribeiro, Grácio – *Deportados*. s.l., edição de autor (?), 1972

[8] Ruas, Joana – *Corpo colonial*. Coimbra, Centelha, 1981

[9] Esperança, J.P. – *Uma leitura lilás de* Corpo colonial *de Joana Ruas*, in: «Revista Lilás», Amadora, (29), Dez. 2000, p. 15-29

[10] Gomes, Francisco A. – *Uma deusa no "inferno" de Timor*. Braga, Ed. do autor, 1980

[11] Ferreira, Filipe – *A nona do Pinto Brás (Novela Timorense).* Lisboa, ERL-Editora de Revistas e Livros, 1992

[12] Sylvan, Fernando – *A voz fagueira de Oan Tímor*. Lisboa, Colibri, 1993

[13] "Takas", Luís – *Fernando Sylvan ou O Silêncio das Palavras.* «Kaibauk – Boletim de Informação Timorense», Linda-a-Velha, 1(7), Jan-Fev 1994, p. 14

[14] União dos Escritores Angolanos – *Enterrem meu coração no Ramelau – Poesia de Timor-Leste*. Luanda, 1982

[15] Duarte, Jorge Barros – *Jeremíada*. Odivelas, Pentaedro, 1988

[16] Gusmão, Xanana – *Mar Meu – Poemas e Pinturas / My Sea of Timor – Poems and Paintings*. Porto, Granito, 1998

Gusmão, Xanana – *Mar Meu – Poemas e Pinturas / Tasi Ha'un – Dadolin no Taturik.* Porto, Granito/Instituto Camões, 2003

[17] Aparício, João – *À janela de Timor*. Lisboa, Caminho, 1999

[18] Rakmabean, Kay Shaly – *Versos do Oprimido*. Braga, Real Associação de Braga, 1995

[19] Pedrinha, Ponte – *Andanças de um timorense*. Lisboa, Colibri, 1998

[20] Duarte, Jorge Barros – *Timor – Ritos e Mitos Ataúros*. Lisboa, ICALP, 1984, p. 49

[21] Cardoso, Luís – *Crónica de uma travessia – A época do ai-dik-funam*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1997

[22] Cardoso, Luís – *Olhos de Coruja, Olhos de Gato Bravo*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2001

[23] Cardoso, Luís – *A última morte do Coronel Santiago*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2003

[24] Ajidarma, Seno Gumira – *Saksi Mata, cetakan keempat*. Yogyakarta, Yayasan Bentang Budaya, 2002

[25] Mo, Thimothy – *A redundância da coragem*. Lisboa, Puma Editora, 1992

Haree liu de’it ba Literatura kona-ba Timór

Molok buat seluk, ami tenke esplika tanba sá maka ami temi literatura “kona-ba Timór” no la’ós literatura “Timór nian”? Ne’e tanba ami sei la ko’alia de’it kona-ba hakerek-na’in timoroan, maibé sei inklui mós informasaun balu husi buat hirak ne’ebé iha atu lee husi malae sira ne’ebé foti Timór nu’udar asuntu literáriu. Ami sei la estuda iha-ne’e kona-ba rekolla literatura orál no tradisionál, asuntu ida-ne’e ami sei rai ba oportunidade seluk. Maski hanesan ne’e, ami hakarak temi iha-ne’e katak rekolla ladún barak husi sira ne’ebé ema halo tiha ona maka merese klasifikasaun ida-ne’e. Rekolla ne’ebé halo tuir kritériu siénsia nian iha prinsípiu báziku katak “testu” ida sempre iha versaun barak, no versaun ida-idak tenke hetan rejistu ne’ebé loos no tuir duni saida maka informante sira hateten. Tenkesér duni rejistu iha nia lian orijinál. Hafoin de’it maka bele halo análize ne’ebé loos. Livru ida ne’ebé kuaze tuir métodu ida-ne’e maka *Textos em Teto da Literatura Oral Timorense*, ne’ebé publika iha 1961 husi Amu-Lulik Artur Basílio de Sá [1], maski mestre-eskola Paulo Quintão no Marçal Andrade hakerek no hafutar testu ho tetun-terik ai-knanoik sira-nian. Ami mós tenke temi kompilasaun (lahó aparatu krítiku) *The book of the Story Teller* [2], ne’ebé sai iha Austrália iha 1995, no só nia títulu no lia-maklokek balu de’it maka hakerek ho inglés, no istória sira hakerek nafatin iha tetun no la lakon liafuan no espresaun oioin ne’ebé lian-na’in sira uza bainhira sira konta istória. Maioria husi “koletánea” sira seluk husi arte verbál timoroan sira-nian afinál nakfila ba testu maizomenus literáriu ne’ebé, maski nia abut iha tradisaun, sai ona buat foun ida, rekriasaun iha lian seluk.

Molok portugés sira to’o mai Timór, bainhira sékulu XVI hahú, povu sira seluk mai ona vizita ita-nia tasi-ibun hodi sosa ai-kameli, liuliu ema-Xina, ema-malaiu no ema-Java. Tanba povu sira Timór nian iha tempu ne’ebá seidauk hatene hakerek, malae sira-ne’e maka komesa hakerek apontamentu balu kona-ba illa ne’e no ema rain-na’in. Maibé portugés sira maka hahú hela metin iha-ne’e, liuliu amu-lulik katóliku sira, sékulu balu molok okupasaun koloniál loloos tama iha rain ne’e. Neineik-neineik mosu monografia, livru-

memórias, disionáriu, livru ho orasaun iha lian oioin Timór nian, husi hakerek-na'in hanesan amu-lulik, militár, administradór, ema lemo-rai no deportadu sira. Ida ne'ebé famozu liu maka *A ilha Verde e Vermelha de Timor*, husi Alberto Osório de Castro, ne'ebé publika dala uluk iha revista Seara Nova, iha fulan-Juñu 1928 no fulan-Juñu 1929, no depois, nu'udar livru, husi Agência Geral das Colónias, iha 1943. Foin daudaun publika fali husi Livros Cotovia [3]. Ne'e livru kona-ba viajen, la hanesan baibain, hakerek ho proza poétika, nakonu ho informasaun barak kona-ba illa ne'e, nia natureza no nia emar. Livru ki'ikoan husi Paulo Braga, *A Ilha dos Homens Nus* [4], dada ita-nia atensaun tanba hakerek-na'in hatudu Ataúru haree (rekria?) husi nia matan idealista: sosiedade tradisionál libertária ida, laiha esplorasaun husi mane ba mane, ne'ebé ema halo de'it "domin-livre". Otas kolonializmu nian halo mosu mós fiksaun oin ida ne'ebé agora ne'e daudaun ita hanaran "literatura koloniál", ne'ebé tuir definisaun klásika husi Pires Laranjeira maka ida ne'ebé "*hakerek no publika, kuaze hotu-hotu, husi portugés sira ne'ebé fila fali ba Portugál, uza pontudevista husi ezotizmu, evazionizmu, hatún rasa sira seluk (hanesan ema-metan), fó-apoiu ba ideia no prátika kolonialista, ne'ebé haree ba mundu no ba situasaun oioin liuhosi malae-mutin sira-nia matan, no personajen importante liu mós malae-mutin hotu, balu kolonu balu ema lemo-rai, no, bainhira ema-metan tama iha istória, narradór haree liu de'it ba sira, hatudu sira nu'udar buat ida estrañu, folklóriku, fuik, no la konsidera sira nu'udar ema ho kultura rasik, ho sira-nia psikolojia, sentimentus no kakutak*" [5]. Iha Timór, reprezentante di'ak ida husi jéneru ida-ne'e maka *Caiúru*, husi Grácio Ribeiro [6]. Novela ho estilu autobiográfiku, konta aventura oioin husi joven komunista ida ne'ebé hetan deportasaun mai Timór tanba halo atividade polítika hasoru rejime faxista iha Portugál, ne'ebé iha-ne'e hala'o istória-domin ida ho nia nona naran Caiúru. Maski nia hatudu simpatia ba ema ne'ebé hetan kondenasaun ba serbisu todan no ba revoltozu sira husi Manufahi, no nia sente orgullu tanba nia la baku nia mainatu sira, la hanesan nia kamarada sira ne'ebé toman baku kriadu, maibé nia situasaun di'ak liu nu'udar ema-mutin halo nia haluha nia ideolojia polítika, no nia mós komesa halo hanesan

na'i-boot ida ne'ebé bele deside kona-ba ema ki'ik rain-na'in nia vida. Livru ida-ne'e dokumentu sosiolójiku interesante tebes, ne'ebé hatudu aspetu oioin husi sosiedade iha tempu ne'ebá, porezemplu oinsá maka nia sosa nona ida – ne'ebé nia folin baratu liu duké kuda ida ne'ebé nia mós sosa. Nona sira sai hanesan asuntu ne'ebé mosu beibeik iha literatura hakerek husi ema-metrópole sira, kala tanba nona sira hanesan parte husi sosiedade iha-ne'e ke sira hakbesik liután, no feto-raan hirak-ne'e sai hanesan janela ba mundu Timór nian ba sira-nia "la'en" malae. Grácio Ribeiro sei hakerek tan kona-ba deportadu sira-nia moris iha romanse ida ne'ebé nia sei publika ikusmai [7].

Tama ona ba korrente literatura pós-koloniál, ho krítika maka'as ba kolonializmu nia hahalok aat, ami temi *Corpo colonial* [8]*, "romanse femininu loos, ke konta dalan Alitia nian, alferes milisianu nia feen be tuir nia la'en mai Timór, kolónia ne'ebé dook to'o ema barak haluha tiha, fatin ne'ebé funu koloniál la to'o no militár sira-nia inimigu boot maka tédiu de'it (katak sira baruk tanba sira la iha buat ida hodi halo no sira-nia moris loroloron nian maten hela). Ita bele hateten katak ne'e livru ida susar atu lee, ne'ebé interrompe beibeik nia istória ho monólogu filozófiku naruk ka diálogu ne'ebé la hanesan realidade kona-ba kestaun ezistensiál oioin, maibé hatudu mós quadru interesante ida kona-ba tropa sira-nia feen ke hela iha illa ne'e iha Ázia no Oseania nia klaran no mós kona-ba kondisaun feto nian. Ne'e mós romanse ida kona-ba lakon neon, traisaun no moris ne'ebé la haksolok no la kompletu."*[9] Nia istória ko'alia kona-ba oinsá maka protagonista hakbesik ba Manucodiata, feto-raan prostituta timoroan ne'ebé Alitia nia la'en bá beibeik ho nia, no livru ne'e mós hatudu situasaun foun ida iha relasaun husi metropolitanu sira ho feto balu iha-ne'e: "*Uluk, malae-mutin sira selu barlake hodi hola nona sira. Depoizde tropa sira mai sira fó de'it osan atu hatún lipa*" (Ruas, 1981:16). Livru ida ne'ebé kontráriu loos ba literatura koloniál maka *Uma deusa no "inferno" de Timor*, husi Francisco A. Gomes[10]. Livru ida-ne'e tama ba estilu ida ne'ebé ita bele hanaran "literatura arrependimentu nian", buka de'it atu hatún buat hotu ne'ebé Portugál nian no iha

mós personajen timoroan barak (liuliu feto) revolusionáriu ho ema barak mak tuir sira, maibé anakróniku (katak la tuir realidade tebes otas ne'ebá nian), inventa de'it no la haree ba situasaun istórika no sosiál loloos iha tempu ne'ebé nia asaun la'o. Kaer fila fali asuntu uluk, ita hetan *A nona do Pinto Brás (Novela Timorense)* [11]. Ne'e novela ki'ikoan ida ne'ebé hala'o nia istória iha tinan hirak ikusliu molok administrasaun koloniál portugés hotu, ne'ebé nia hakerek-na'in hatudu koñesimentu kle'an kona-ba kultura no Istória Timór nian, maski iha istória ne'e ita kuaze hetan de'it pontudevista husi tropa sira kona-ba saida maka akontese – ita ladún biban atu hatene buat ida kona-ba Joaquina Mêtan sé-loos, oinsá maka nia haree ba mundu ne'e, ninia sentimentus ka relasaun sosiál sira; ita koñese de'it nia moris nu'udar malae nia nona ida. Filipe Ferreira maka asina livru ne'e, maibé estilu hakerek nian halo ami hato'o ipóteze katak ne'e naran-literáriu ne'ebé Istoriadór Luís Filipe F. R. Thomaz hili. Istoriadór ne'e naran-boot no matenek-na'in kona-ba Istória Timór nian no prezensa portugés sira-nian iha Ázia.

Tuirmai ita haksoit tama ba mundu poezia nian, agora husi hakerek-na'in timoroan sira. Husi sira-ne'e ida ne'ebé importante liu maka Fernando Sylvan karik. Ne'e naran literáriu husi Abílio Leopoldo Motta-Ferreira. Maski nia bá hela metin iha Portugál bainhira sei labarik, nia laran nunka hadook husi nia rain-inan, ne'ebé sai beibeik asuntu ba nia poezia, hamutuk ho tema universál liu hanesan hahi'i domin ka feto ne'ebé nia hadomi. Intelektuál badinas, durante tinan barak nia laran nia sai Prezidente *Sociedade da Língua Portuguesa* nian. Nia knaar poétiku kuaze hotu-hotu tau hamutuk iha livru *A Voz Fagueira de Oan Tímor* [12]. Nia mate iha loron-Natál iha tinan 1993. Tuirmai iha testu ki'ikoan ida, ne'ebé Luís Cardoso ("Takas") publika iha momentu ne'ebá iha *Kaibauk – Boletim de Informação Timorense* [13]:

"*Fernando Sylvan*
ka Liafuan Monok sira

Hafoin
(*maibé hafoin de'it)*
manu-aman sira
sei luta lahó kro'at

Ne'e poema ne'ebé nia dedika ba Xanana Gusmão. Fernando Sylvan ne'e poeta ida ne'ebé sente katak nia tenke fó-sai duni liafuan, maibé liafuan sira ne'ebé mak presiza de'it. Tanba siléensiu la katak liafuan-laek ka liafuan mamuk. Maibé, iha loron- 25 fulan-Dezembru, bainhira ema hotu-hotu buka liafuan oioin atu hasé Labarik nia Moris, Fernando Sylvan nonook tiha. No ninia isin-lolon ki'ik foke ho siléensiu todan ne'ebé, dala ida-ne'e, todan hanesan liafuan sira hotu hamutuk.
Hela iha li'ur, hori tempu nia sei labarik no liutiha dékada barak ne'ebé nia dook husi nia illa doben, halo nia rasik harii ho liafuan illa hirak ne'ebé burit tasi-boot siléensiu no terus nian. Nia estuda lian portugés no uza ninia hakerek nu'udar "ai-suak [14]*" atu ke'e kle'an to'o liafuan nia rohan atu buka saida maka halibur lian hotu-hotu, inklui mós lian husi ninia tempu labarik nian.*
Ikusliu, iha loron ba moris hotu-hotu, Fernando Sylvan husik nia an monu ba liman husi lian sira hotu nia inan: siléensiu ka liafuan monok."
Sylvan ne'e inklui mós iha koletánea husi poeta timoroan sira *Enterrem meu coração no Ramelau* [15], ne'ebé publika iha Luanda husi União de Escritores Angolanos, hamutuk ho José Alexandre Gusmão, Jorge Lautén, no sira balu tan ne'ebé hakerek ladún kapás, no tempu halo ita haluha sira-nia naran. Kazu rua iha poezia Timór nian ne'ebé reprezenta loos literatura ne'ebé tama ba ideolojia polítika ruma nia laran maka Borja da Costa (inklui mós iha koletánea UEA nian), iha "karuk" revolusionária, no mós Jorge Barros Duarte [16], iha "kuanan" reasionária. Ami temi tiha ona José Alexandre Gusmão, ne'ebé ema koñese liu ho naran Xanana, agora ne'e daudaun Prezidente Repúblika nian, publika iha 1998 *Mar Meu – Poemas e pinturas*[17], ne'ebé hakerek bainhira nia dadur hela. Hakerek-na'in husi Mosambike Mia Couto dehan iha lia-maklokek: *No iha página hirak-ne'e ha'u konfirma: liuhosi mane ida nia liman maka hakerek Timór. Livru ida Xanana Gusmão nian la hanesan livru baibain. Liuhosi ninia letra ita sente katak povu ida tomak, nasaun ida, maka ko'alia. Iha-ne'ebá la'ós de'it poezia maibé*

iha mós epopeia povu ida nian, eroízmu ne'ebé ita hakarak koko, utopia ne'ebé ita hakarak atu sai ita-nian.[18] Edisaun dahuluk ne'e publika ho lian rua, ho tradusaun ba lia-inglés husi Kirsty Sword no Ana Luísa Amaral; depois mosu edisaun foun ida, mós ho lian rua, ho tulun husi Instituto Camões, ne'ebé Luís Costa maka tradús ba tetun. João Aparício mós naran ida ne'ebé ita labele haluha, ho livru-poezia rua ne'ebé publika tiha ona husi Editorial Caminho, *À janela de Timor* [19] no *Uma casa e duas vacas*. Ida tan, ho pseudónimu Kay Shaly Rakmabean, publika husi Real Associação de Braga, ho títulu *Versos do Oprimido* [20]. Liutiha masakre iha Santa Krús, Abé Barreto aproveita nia prezensa iha Kanadá ho programa troka-malu ba estudante universitáriu sira, no nia husu azilu polítiku, depois nia sai kantór-intervensaun hamutuk ho ativista kanadianu Aloz MacDonald. Abé publika iha Olanda iha 1995 *Menari Mengelilingi Planet Bumi* (Dansa hale'u Planeta Terra), poezia ho lia-indonézia, no iha 1996, iha Austrália, *Come with me singing in a choir* (Mai ho ha'u kanta iha koru ida). Iha mós hakerek-na'in foin-sa'e timoroan seluk tan ne'ebé hato'o sira-nia sentimentus liuhosi poezia, balu publika tiha ona livru, balu ho poema namkari iha jornál no boletin oioin. Ami temi ema na'in-rua: Crisódio Araújo no Celso Oliveira. Poeta ida ne'ebé, maski nia ema-Portugál, hakbesik loos ba Timór no ba timoroan sira, nia hakerek kapás tebetebes, maka Ruy Cinatti. Poeta, agrónomu, antropólogu, botániku, ninia knaar belar no ema barak koñese ona, inklui livru hirak-ne'e: *Não Somos Deste Mundo* (1941), *Poemas Escolhidos* (1951*), O Livro do Nómada Meu Amigo* (1966), *Sete Septetos* (1967), *Borda d'Água* (1970), *Uma Sequência Timorense* (1970), *Cravo Singular* (1974), *Timor – Amor* (1974), *O A Fazer, Faz-se* (1976), *Poemas* (1981), *Manhã Imensa* (1982), no *Um Cancioneiro para Timor* (1996).

Hakerek-na'in timoroan ladún barak hala'o knaar hakerek romanse. Ponte Pedrinha, pseudónimu literáriu Henrique Borges nian, hakerek *Andanças de um Timorense*, ne'ebé publika iha 1998 husi Edições Colibri[21]. Poeta mosambikanu José Craveirinha hakerek iha lia-maklokek: "*Tristeza boot katak hananu kmanek hanesan ne'e hamosu testu natoon ida-ne'e. Natoon no umilde maibé sinseru*

loos. Sinseru no Boot!"[22]. Epizódiu importante iha estrutura haktuir nian ne'e bainhira kazál joven Kotená no Kêti-Kia la respeita lisan antigu ema-ataúru sira-nian, tuir lisan ida-ne'e noiva iha kalan-kaben la hamutuk ho nia noivu maibé toba fali ho nia noivu nia tiu. Padre Jorge Barros Duarte mós konta kona-ba kostume ida-ne'e: *"Liu tiha loron rua ka tolu husi faze uluk, noivu nia inan ba bolu noiva iha nia inan-aman nia uma no lori nia ba noivu nia uma. Iha faze ida-ne'e maka noivu nia aman-ki'ik* roi tada *noiva («koko» intimamente, n.k. "ku'u nia ai-funan")."* [23]. Iha pozisaun aas liu, ita hetan Luís Cardoso, autór timoroan ne'ebé hakerek kapás liu hotu, publika tiha ona romanse tolu, aleinde kolabora iha jornál no revista oioin. *Crónica de uma travessia – A época do ai-dik-funam*[24] ne'e haktuir nia moris rasik no akompaña mós Istória ikusliu Timór nian no ko'alia kona-ba dalan oioin ne'ebé autór ho nia aman la'o, iha ita-nia rain, iha rain seluk no mós dalan iha sira-nia vida rasik. Buat hirak-ne'e hotu akontese iha mundu lulik ne'ebé iha Timór mós ukun Istória, ka ema sira-nia hanoin kona-ba Istória. *Olhos de Coruja, Olhos de Gato Bravo* [25] tama kle'an liután ba mundu lulik ida-ne'e, no nia bá buka mitu fundamentál povu Timór nian, hanesan sira ne'ebé ko'alia kona-ba revolta Manufahi nian. Iha *A última morte do Coronel Santiago* [26] nia uza didi'ak téknika haktuir nian enkuantu nia konta daudaun hahalok husi personajen oioin ne'ebé inklui mós hakerek-na'in ida *alter ego* husi autór, ne'ebé nia laran monu ba personajen feto prinsipál husi autór nia romanse ikus. Majia no lulik husi fiar sobrenaturál Timór nian kahur ho ironia típika husi Luís Cardoso, ne'ebé mós temi dala barak ambiente, livru no referénsias husi intelektuál balu husi karuk moderna Europa nian.

Sees dala ida tan husi área livru timoroan sira nian, iha livru rua ne'ebé ita tenke temi iha-ne'e, no ita bele hanaran nu'udar "literatura-denúnsia". *Saksi Mata*[27] (Sasin-Matan), istória-ki'ik lubun ida ne'ebé akontese iha tempu be Indonézia sei hanehan ita-nia rain, hakerek husi Seno Gumira Ajidarma, hakerek-na'in importante tebetebes iha jerasaun ikusliu literatura Indonézia nian. Ajidarma publika uluk istória-ki'ik hirak-ne'e iha jornál oioin iha rain ne'ebá, liutiha boot sira hasai nia husi ninia serbisu iha revista *Jakarta Jakarta* tanba

nia fó-sai notísias kona-ba masakre iha 12 Novembru 91. Editora ki'ikoan, Bentang Budaya, maka publika edisaun dahuluk nu'udar livru iha tinan 1994 nia laran. Timor Aid atu publika livru ida-ne'e iha lia-tetun, ho tradusaun husi Triana Oliveira. João Paulo Esperança mós tradús daudaun livru ne'e ba portugés, maibé seidauk iha editora. Livru ida tan ne'ebé dada ita-nia atensaun maka *A redundância da coragem*[28] husi Timothy Mo, ne'ebé publika orijinalmente iha lia-inglés iha 1991. Autór ne'e nia inan ema-Inglaterra no nia aman ema-Kantaun iha Xina. Nia konsege konta loloos kona-ba sociedade Timór nian iha tempu ikusliu iha administrasaun portugeza, depois oinsá maka durante tinan balu populasaun barak hela iha foho no funu iha ai-laran hasoru invazór, no tuirmai kona-ba vida ba sira ne'ebé rende ka bapa sira kaptura. Buat hirak ne'e hotu haktuir husi narradór Adoph Ng nia lian ne'ebé uza beibeik lia-soen; nia ema-Xina timoroan, omoseksuál no mane husi mundu boot iha li'ur ne'ebé sente nafatin nu'udar malaik ida iha nia rain tanba nia aman haruka nia bá estuda iha universidade iha Toronto, iha Kanadá.
Literatura ne'ebé hakerek husi timoroan sira baibain uza de'it lia-portugés, uitoan de'it maka lae. Sira haree katak rezisténsia, identidade no nasionalidade mós liuhosi lia-portugés. Ami fiar katak jerasaun agora ne'e daudaun, ne'ebé hahú ona atu kore an husi presaun kulturál ne'ebé hetan durante tinan barak bainhira tenke dekór de'it *Pancasila* ho lia-indonézia, sei hamosu la kleur mós literatura foun ida buras iha lia-tetun. Ita sei lee no haree...

Publika tiha iha *Várzea de Letras*, Suplemento Literário mensal do jornal *Semanário*, nº 8, Setembro de 2004
Versaun ho lia-portugés publika tiha iha parte rua iha
Várzea de Letras, Suplemento Literário mensal do jornal *Semanário*, nº 3 [4] e nº 4 [5], Junho e Julho de 2004

(Notas-rodapé)

[1] Sá, Artur Basílio de [ed. krítiku] – *Textos em Teto da Literatura Oral Timorense*, vol.1, Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar/ Centro de Estudos Políticos e Sociais, 1961

[2] Pereira, Agio [kompiladór] – *Timor: The book of the Story-Teller*. Cabramatta (Austrália), Timorese Australian Council, 1995

[3] Castro, Alberto Osório de – *A ilha verde e vermelha de Timor.* Lisboa, Livros Cotovia, 1996

[4] Braga, Paulo – *A ilha dos homens nus.* Lisboa, Editorial Cosmos, 1936

[5] Laranjeira, Pires – *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*. Lisboa, Universidade Aberta, 1995, p. 26. (Tradusaun husi testu ki'ik ne'e ba lia-tetun ami maka halo).

[6] Ribeiro, Grácio – *Caiúru*. Lisboa, Colecção «Amanhã», 1939

[7] Ribeiro, Grácio – *Deportados*. s.l., edisaun autór nian (?), 1972

[8] Ruas, Joana – *Corpo colonial*. Coimbra, Centelha, 1981

[9] Esperança, J.P. – *Uma leitura lilás de* Corpo colonial *de Joana Ruas*, in: «Revista Lilás», Amadora, (29), Dez. 2000, p. 15-29

[10] Gomes, Francisco A. – *Uma deusa no "inferno" de Timor*. Braga, Ed. autór nian, 1980

[11] Ferreira, Filipe – *A nona do Pinto Brás (Novela Timorense).* Lisboa, ERL-Editora de Revistas e Livros, 1992

[12] Sylvan, Fernando – *A voz fagueira de Oan Tímor*. Lisboa, Colibri, 1993

[13] "Takas", Luís – *Fernando Sylvan ou O Silêncio das Palavras.* «Kaibauk – Boletim de Informação Timorense», Linda-a-Velha, 1(7), Jan-Fev 1994, p. 14 (Tradusaun husi testu ki'ik ne'e ba lia-tetun ami maka halo).

[14] Hakerek ho tetun iha testu orijinál

[15] União dos Escritores Angolanos – *Enterrem meu coração no Ramelau – Poesia de Timor-Leste*. Luanda, 1982

[16] Duarte, Jorge Barros – *Jeremíada*. Odivelas, Pentaedro, 1988

[17] Gusmão, Xanana – *Mar Meu – Poemas e Pinturas / My Sea of Timor – Poems and Paintings*. Porto, Granito, 1998

Gusmão, Xanana – *Mar Meu – Poemas e Pinturas / Tasi Ha'un – Dadolin no Taturik*. Porto, Granito/Instituto Camões, 2003

[18] Tradusaun husi testu ki'ik ne'e ba lia-tetun ami maka halo.

[19] Aparício, João – *À janela de Timor*. Lisboa, Caminho, 1999

[20] Rakmabean, Kay Shaly – *Versos do Oprimido*. Braga, Real Associação de Braga, 1995

[21] Pedrinha, Ponte – *Andanças de um timorense*. Lisboa, Colibri, 1998

[22] Tradusaun husi fraze hirak-ne'e ba lia-tetun ami maka halo.

[23] Duarte, Jorge Barros – *Timor – Ritos e Mitos Ataúros*. Lisboa, ICALP, 1984, p. 9 (Tradusaun husi testu ki'ik ne'e ba lia-tetun ami maka halo).

[24] Cardoso, Luís – *Crónica de uma travessia – A época do ai-dik-funam*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1997

[25] Cardoso, Luís – *Olhos de Coruja, Olhos de Gato Bravo*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2001

[26] Cardoso, Luís – *A última morte do Coronel Santiago*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2003

[27] Ajidarma, Seno Gumira – *Saksi Mata, cetakan keempat*. Yogyakarta, Yayasan Bentang Budaya, 2002

[28] Mo, Thimothy – *A redundância da coragem*. Lisboa, Puma Editora, 1992

Jogo do Pau, sistema tradicional de combate português

Em muitas sociedades a espada desenvolveu-se como uma arma à qual era atribuído um carácter sagrado, sendo o seu porte apanágio apenas da classe da nobreza guerreira. Ao povo era interdito ou dificultado o seu uso, pelo que este aperfeiçoava habitualmente sistemas de combate alternativos, de mãos nuas ou com recurso às ferramentas do dia-a-dia. Quem está familiarizado com a história do surgimento do caraté (que significa "mãos nuas" em japonês) em Oquinava sabe que se desenvolveu em paralelo o *kobudo*, que inclui técnicas de uso de foices, paus, matracas que eram usadas como malho, etc... Era com este arsenal que o camponês ou pescador podia defrontar quando necessário os orgulhosos ocupantes samurais, armados com catanas e outras armas de guerra. Também em Portugal o povo desenvolveu um sistema de combate usando como arma o cajado que acompanhava para todo o lado, até há poucos anos, os pastores e camponeses. Este sistema veio a ser conhecido pelo nome de Jogo do Pau, tendo aqui a palavra "jogo" não o sentido de "brincadeira", mas o de "técnica" ou "manejo".

Já bem dentro do século XX eram ainda frequentes por Portugal inteiro, mas com destaque para o norte do país, os combates de pau nas feiras e romarias. Por vezes envolviam estas rixas aldeias inteiras, outras vezes as lutas eram individuais, ou de um jogador contra vários. Era o tempo dos "puxadores" (nome que se dava aos jogadores do Norte) e dos "varredores de feiras" (jogadores afamados que se deslocavam às feiras e romarias para desafiarem outros, provando assim o seu valor através da vitória contra todos). Mestre Monteiro, originário da região de Fafe, conta que no tempo da juventude de seu pai havia duas povoações que frequentavam ao Domingo a mesma capela, levando, como era de tradição, cada homem ou moço a sua vara, de tal forma que quando se ajoelhavam na missa se viam todos os paus em posição vertical saindo acima das cabeças. Depois da cerimónia era frequente, num largo ali perto, haver conflitos entre os rapazes das duas aldeias, que começavam por qualquer pequena razão (um piropo a uma rapariga da aldeia

vizinha, os ciúmes de um enamorado preterido por outro, uma discussão por causa de canais de irrigação...) e que se resolviam à paulada. Mas não se pense que era o combate destituído de regras. Havia um código ético, que proibia aos lutadores baterem em homem que não levasse pau, ou que estivesse por terra. Ainda se contam nos círculos da modalidade histórias antigas como a do “Manilha”, que depois de vencer e desarmar três atacantes que o haviam emboscado, atirou o pau ao chão. Ou a de um jogador de grande talento do Porto, chamado Carvalho, feirante de gado, que na Feira dos 26 em Angeja, perto de Aveiro, conseguiu aguentar-se sozinho contra um grupo que o atacava, até que tropeçou e caiu para o chão, e nessa altura o melhor jogador dos adversários saltou para o seu lado, pronto a defendê-lo, dizendo aos seus companheiros que quem pretendesse bater no valente caído tinha que lutar primeiro consigo. Também na literatura podemos encontrar histórias sobre o jogo do pau, nomeadamente em autores como Aquilino Ribeiro e Miguel Torga. A partir dos anos 30 o jogo do pau começou a perder importância. Os motivos são vários: a acção das autoridades policiais, que para evitar lutas sangrentas passaram a proibir o uso dos paus dentro dos recintos das feiras; a emigração de muitos homens para os meios urbanos ou para o estrangeiro; a generalização do uso de armas de fogo, que tornou desnecessária a aprendizagem demorada e difícil desta técnica para a defesa pessoal. Em Lisboa, praticava-se já então, principalmente a partir do século XIX, um estilo próprio, desenvolvido nos quintais da capital e em clubes como o Ateneu Comercial de Lisboa e o Real Ginásio, que depois veio a ser o Ginásio Clube Português, nos quais ainda hoje se ensina esta arte. Surgem duas grandes Escolas, diferenciadas tecnicamente e com base em factores histórico-sociais: a Escola do Norte e a Escola de Lisboa (também praticada no Ribatejo e Estremadura). Esta última desenvolveu uma série de inovações técnicas e passou a dar menos importância ao combate contra vários adversários.

Ao longo da história do jogo do pau foram muitos os mestres que deixaram fama pelas diferentes regiões do país. Citemos alguns: Mestre António Nunes Caçador, Mestre Frederico Hopffer, Mestre Júlio Hopffer, Mestre Joaquim Baú, Mestres Calado Campos, pai e

filho, Mestre Chula, Mestre Custódio Neves, Mestre Pedro Ferreira, Mestre Elias Gameiro, Mestre Nuno Russo, Mestre Manuel Monteiro, e um largo etc... O nome de Mestre Pedro Ferreira (n. 26 de Março de 1915 – f. 24 de Setembro de 1996) destaca-se pelo extraordinário desenvolvimento técnico que levou a cabo, combinando as Escolas do Norte e de Lisboa, de ambas profundo conhecedor. Foram seus discípulos muitos dos actuais mestres em actividade. Continuou a jogar o pau durante toda a sua vida, sendo considerado um dos mais exímios jogadores até ao seu falecimento. Era ele o Mestre do Ateneu Comercial de Lisboa, tendo nos últimos anos passado essa responsabilidade para o Mestre Manuel Monteiro, seu sucessor.

O Jogo do Pau começou um processo de organização a nível nacional com a fundação, em 1977, sob impulso de Mestre Pedro Ferreira, da Associação Portuguesa de Jogo do Pau. As várias escolas e clubes estão hoje organizadas numa estrutura representativa, a Federação Portuguesa de Jogo do Pau. Como testemunho da qualidade técnica deste sistema, é de mencionar que nos campeonatos abertos de lutas com pau comprido realizados em França na década de 80, com a presença de sistemas de combate do Japão, Vietname, França, e de outras nações, os jogadores do pau portugueses foram campeões absolutos, tendo ganhado todos os combates em que entraram.

A versão em tétum foi publicada no
Várzea de Letras, Suplemento Literário mensal do jornal *Semanário*, nº 4 [5], Julho 2004

Jogo do Pau, sistema baku-malu tuir Portugál nia lisan

Iha sosiedade barak ema haree surik hanesan kilat ida ne'ebé lulik, no dato asuwa'in sira de'it maka bele kaer. Ema ki'ik labele kaer surik, no tanba ne'e sira dezenvolve sistema oioin hodi bele defende an ka baku-malu ho liman mamuk de'it ka ferramenta loroloron nian. Sé maka koñese istória kona-ba oinsá maka karaté mosu iha Okinawa (no liafuan "karaté" katak "liman mamuk" iha lia-japonés) mós hatene katak sistema ne'e mosu hamutuk ho *kobudo,* ne'ebé inklui téknika hodi uza taha, ai-dona, ferramenta halo ho ai hodi baku hare, nsst... Ho ferramenta no téknika hirak-ne'e maka to'os-na'in ka peska-na'in bele hasoru, bainhira presiza, samurai kbiit-boot ne'ebé okupa sira-nia rain no uza katana-samurai ka diman no surik seluk funu nian. Iha Portugál mós povu ki'ik hamosu sistema ida hodi baku malu uza ai-dona ne'ebé bibi-atan no to'os-na'in toman lori ba fatin hotu-hotu, to'o tinan balu liubá. Ema koñese sistema ida-ne'e ho naran *Jogo do Pau*, ne'ebé liafuan "jogu" iha-ne'e la katak "halimar" maibé "téknika ida" ka "oinsá atu bele uza didi'ak ai-dona".

Iha sékulu XX nia laran, iha Portugál tomak, maibé liuliu iha Norte, sei akontese beibeik ema baku malu ho ai-dona iha basar no iha festa Santu sira-nian. Dala ruma aldeia ida hasoru aldeia seluk, dala ruma mós ema ida hasoru ema ida, dala ruma ema ida mesak hasoru ema barak. Iha tempu ne'ebá iha "*puxador*" barak (liafuan ida-ne'e ema uza hodi bolu jogadór sira husi Norte) no mós "*varredor de feiras*" sira (ema sira-ne'e mesak jogadór naran-boot ne'ebé lemo rai bá basar no festa oioin atu provoka jogadór sira seluk, no, bainhira manán, hatudu katak sira maka di'ak liu hotu). Mestre Monteiro, ema husi rejiaun Fafe, haktuir katak kuandu nia aman sei klosan iha aldeia rua ne'ebé Domingu-Domingu bá misa iha kapela ida de'it, i mane ida-idak, kaben-na'in no klosan, lori nia ai-dona, tuir sira-nia tradisaun, no tanba ne'e bainhira sira hakne'ak iha misa laran ema haree ai-dona hotu-hotu hamriik loos, aas liu fali sira-nia ulun. Serimónia hotu tiha, iha rai mamuk ne'ebé besik, foin-sa'e sira hosi aldeia rua ne'e toman haksesuk malu, tanba buat oioin ne'ebé

lavale (soe piada ba feto-raan husi aldeia seluk, mane ruma laran-moras tanba feto ne'ebé nia gosta la'o fali ho mane seluk, istori-malu tanba de'it ema seluk hasees bee-dalan husi sira-nia natar) no sira rezolve problema ho baku-malu uza ai-dona. Maibé keta hanoin katak sira baku malu arbiru de'it la tuir regra. Sira tuir kódigu étiku ne'ebé bandu lutadór sira baku mane ne'ebé la lori ai-dona, ka mane ne'ebé monu tiha ba rai. Pratikante sira sei konta istória antiga oioin, hanesan porezemplu ida kona-ba mane ida naran "Manilha", ne'ebé, bainhira ema na'in-tolu ataka nia iha dalan, hasoru sira to'o manán no hasai tiha sira-nia ai-dona hosi sira-nia liman no hafoin soe tiha nia ai-dona rasik ba rai. No istória seluk kona-ba jogadór ida be joga perigu loos, husi rai-Portu, ne'ebé naran Carvalho no serbisu fa'an karau, ne'ebé iha basar loron 26 nian iha rai-Anjeja, besik Aveiru, bele tahan mesak de'it hasoru grupu ida ne'ebé ataka nia, to'o nia sidi no monu ba rai. Iha momentu ne'ebá ninia adversáriu ne'ebé joga di'ak liu sira seluk haksoit ba nia sorin, prontu atu defende nia, no hateten ba nia kolega sira katak sé maka hakarak baku ema barani ne'e tenke hasoru nia uluk. Iha literatura ita mós bele hetan istória barak kona-ba jogudupau, porezemplu iha livru hosi hakerek-na'in hanesan Aquilino Ribeiro i Miguel Torga. Hahú husi dékada 30 *jogo do pau* komesa lakon. Iha razaun oioin: hahalok autoridade polísia sira, ne'ebé, hodi hadook ema baku malu to'o raan fakar, bandu ema uza ai-dona iha fatin basar nian; mane barak emigra ba sidade ka ba rai-li'ur; ema barak komesa uza kilat-ahi baibain, no buat ne'e halo ema la presiza ona haka'as an atu aprende téknika durante tempu barak hodi defende an ho ai-dona. Iha Lizboa, sira pratika ona *jogo do pau*, hahú husi sékulu XIX, ho nia estilu rasik, ne'ebé dezenvolve iha kintál sira iha kapitál no iha klibur hanesan Ateneu Comercial de Lisboa i Real Ginásio, ne'ebé hafoin sai Ginásio Clube Português. Klibur sira-ne'e agora ne'e daudaun sei hanorin hela. Eskola boot rua mosu, ho téknika no situasaun sosiál no istórika la hanesan: Eskola Norte nian no Eskola Lizboa nian (ne'ebé mós pratika iha Ribatejo i Estremadura). Ida-ne'e dezenvolve téknika foun barak no komesa ladún fó importánsia ba luta hasoru adversáriu barak.

Durante *jogo do pau* nia istória iha mestre barak maka sai naran-boot iha rejiaun oioin iha Portugál. Ita bele temi balu: Mestre António Nunes Caçador, Mestre Frederico Hopffer, Mestre Júlio Hopffer, Mestre Joaquim Baú, Mestre Calado Campos no nia oan, Mestre Chula, Mestre Custódio Neves, Mestre Pedro Ferreira, Mestre Elias Gameiro, Mestre Nuno Russo, Mestre Manuel Monteiro, nsst... Mestre Pedro Ferreira (mr. 26 fulan-Marsu 1915 – mt. 24 fulan-Setembru 1996) nia naran boot tebetebes tanba nia halo dezenvolvimentu tékniku kapás liu, tau hamutuk Eskola Norte nian no Eskola Lizboa nian, ne'ebé nia hatene didi'ak. Mestre barak ne'ebé agora hanorin hela, uluk sira mós Mestre Ferreira nia eskolante. Nia kontinua pratika *jogo do pau* iha nia moris tomak, no jogadór sira seluk sei konsidera nia nu'udar jogadór di'ak tebetebes to'o nia mate. Nia maka Mestre iha Ateneu Comercial de Lisboa, to'o loron ikus nia entrega responsabilidade ida-ne'e ba Mestre Manuel Monteiro, ninia saseluk.

Jogo do Pau ne'e hahú prosesu hodi organiza an iha nivel nasionál bainhira Mestre Pedro Ferreira dada jogadór sira atu harii klibur ida, iha 1977, ho naran Associação Portuguesa de Jogo do Pau. Eskola no klibur oioin agora ne'e daudaun organiza sira-nia an iha estrutura ida naran Federação Portuguesa de Jogo do Pau ne'ebé maka reprezenta sira. Nu'udar sasin ba kualidade téknika sistema ida-ne'e nian, ita bele hateten katak iha kampeonatu-nakloke ba luta ho ai naruk ne'ebé realiza iha Fransa iha dékada 80, ho partisipasaun husi sistema baku-malu husi Japaun, Vietname, Fransa, no nasaun seluseluk tan, jogadór portugés sira maka sai kampeaun absolutu no sira manán kombate hotu-hotu ne'ebé sira hola parte.

publika tiha iha
Várzea de Letras, Suplemento Literário mensal do jornal *Semanário*, nº 4 [5], Julho 2004

Licenciatura em Língua Portuguesa e Culturas Lusófonas

Todos sabemos que a nossa nação tem duas línguas oficiais, o tétum e o português. Isto foi uma decisão inteligente dos nossos líderes, porque desta forma os timorenses que ainda não sabem português também podem comunicar com o Estado. Por exemplo, uma *tia* não-escolarizada na montanha pode escrever uma carta – ou pedir a alguém que lha escreva – usando apenas o tétum e enviá-la para um Ministério ou para o Tribunal sobre um problema qualquer que ela tenha. Mas nós também sabemos que o tétum ainda está num processo de desenvolvimento, e que o português é que é o seu aliado histórico e a língua portuguesa é que é a língua da nação leste-timorense que usamos para ter acesso à alta cultura. Ainda não podemos ler em tétum o Mahabarata ou a Odisseia ou os textos de Stephen Hawking ou António Damásio, Santo Agostinho ou Karl Marx, Shakespeare ou Camões, José Saramago ou George Orwell. Ainda não podemos usar o tétum para conhecer a Grande Literatura mundial, ou para saber sobre as ciências modernas, e é muito importante que os intelectuais leiam sobre tudo isto. Se não seremos uma nação sem intelectuais e sem especialistas. E só estes é que podem saber por exemplo como se produz electricidade, se fazem operações cirúrgicas, se extrai petróleo do fundo do mar, ou se desenvolve a nossa economia... Nós timorenses poderemos através da língua portuguesa estudar sobre estes assuntos.

Claro que é verdade que muita gente ainda não domina o português. A *tia* da montanha que já mencionámos pode compreender uma frase como esta "*Maria konta ke Domingu-Domingu, depoizde misa, avó bá merkadu halo kompras. Nia presiza kafé, repollu, pepinu, alfase, mostarda, agriaun, tomate, kouve, salsa, ervilla i senoura*" (A Maria conta que aos Domingos, depois da missa, a avó vai ao mercado fazer compras. Ela precisa de café, repolho, pepino, alface, mostarda, agrião, tomate, couve, salsa, ervilha e cenoura). Mas esta *tia* não pode ler *A última morte do Coronel Santiago,* do escritor timorense Luís Cardoso. Da mesma forma, a *tia* também pode falar "*bahasa pasaran*" (língua malaia "do

mercado”), porém não é capaz de ler *Bumi Manusia*, do autor indonésio Pramoedya Ananta Toer. Quem quer estudar para saber português correctamente tem muitas oportunidades. Todas as crianças actualmente o aprendem na escola primária, os professores em Díli e nos distritos seguem actualmente um Bacharelato para aprenderem este idioma, e os jovens que terminaram a escola secundária e têm intenção de aprofundar os seus conhecimentos podem vir estudar connosco na nossa Licenciatura em Língua Portuguesa e Culturas Lusófonas.

Esta Licenciatura foi criada na Universidade Nacional de Timor Lorosa’e, na Faculdade de Ciências da Educação, no ano académico de 2001/2002. Neste curso estudamos muitas coisas interessantes: língua portuguesa, literatura de Portugal, Brasil, países africanos lusófonos e Timor-Leste, cultura timorense e de outras nações da lusofonia, gramática, linguística e história de Timor-Leste, entre outras coisas. O nosso curso também dá uma grande atenção ao tétum, e temos cadeiras como Padronização e Ortografia do Tétum, e Gramática do Tétum. No final da Licenciatura poderemos procurar trabalho como professores, intérpretes, tradutores, secretárias, jornalistas, ou funcionários em locais que exijam o domínio das duas línguas oficiais da nossa nação. Muitos dos nossos professores vêm de Portugal ou de outros países lusófonos, principalmente do Instituto Camões. Levamos também a cabo diversas actividades como o jornal literário “Várzea de Letras”, teatro, traduções, etc...

Jovem timorense, vem estudar connosco!

A versão em tétum foi publicada no
Várzea de Letras, Suplemento Literário mensal do jornal *Semanário*, nº 4 [5], Julho 2004

Lisensiatura kona-ba Lia-Portugés no Kultura Luzófona sira

Ita hotu hatene katak ita-nia nasaun iha lian ofisiál rua, tetun no portugés. Ne'e desizaun matenek husi ita-nia na'i-ulun sira, tanba hanesan ne'e timoroan sira ne'ebé seidauk hatene portugés mós bele komunika ho Estadu. Porezemplu, tia ida iha foho ne'ebé laeskola bele hakerek surat – ka husu ba ema ruma atu hakerek – uza de'it tetun no haruka ba Ministériu ida ka ba Tribunál kona-ba problema ruma ne'ebé nia hetan. Maibé ita mós hatene katak tetun sei tuir hela prosesu atu dezenvolve an, no lia-portugés maka nia belun istóriku no lia-portugés maka lian nasaun Timór Lorosa'e nian ne'ebé ita uza hodi hatene kultura aas. Ita seidauk bele lee ho tetun *Mahabarata* ka *Odisseia* ka testu sira husi Stephen Hawking ka António Damásio, Santu Agostiñu ka Karl Marx, Shakespeare ka Camões, José Saramago ka George Orwell. Ita seidauk bele uza tetun hodi koñese Literatura Boot husi mundu ne'e, ka hatene kona-ba siénsia foun oioin, no importante tebetebes ba intelektuál sira atu lee kona-ba buat hirak-ne'e hotu. Selae ita sei sai nasaun ida ke la iha matenek-na'in. No matenek-na'in sira de'it maka bele hatene porezemplu oinsá atu prodús eletrisidade, halo operasaun ba ema moras, ke'e mina-rai iha tasi-kidun, ka dezenvolve ita-nia ekonomia... Ita timoroan sei bele uza lia-portugés atu estuda kona-ba asuntu hirak-ne'e.

Tebes duni, ema barak seidauk hatene portugés moos. Tia husi foho ne'ebé ita temi tiha ona bele komprende fraze ida hanesan ne'e "*Maria konta ke Domingu-Domingu, depoizde misa, avó bá merkadu halo kompras. Nia presiza kafé, repollu, pepinu, alfase, mostarda, agriaun, tomate, kouve, salsa, ervilla i senoura*." Maibé tia ida-ne'e la bele lee *A última morte do Coronel Santiago*, husi hakerek-na'in timoroan Luís Cardoso. Hanesan de'it tia mós bele ko'alia "*bahasa pasaran*" maibé nia la hatene lee *Bumi Manusia*, husi autór indonéziu Pramoedya Ananta Toer. Ema ne'ebé hakarak estuda atu hatene portugés moos iha oportunidade oioin. Labarik sira hotu oras-ne'e estuda ona iha eskola primária, profesór sira iha Dili no iha distritu tuir daudaun Baxarelatu atu

aprende lian ida-ne'e, no foin-sa'e sira ne'ebé remata eskola sekundária no iha intensaun atu buka matenek bele mai estuda iha ami-nia Lisensiatura kona-ba Lia-Portugés no Kultura Luzófona sira.

Universidade Nacional de Timor Lorosa'e maka hala'o Lisensiatura ida-ne'e, iha Faculdade de Ciências da Educação, hahú tiha ona iha tinan akadémiku 2001/2002. Iha kursu ne'e ami estuda buat oioin interesante tebetebes: lia-portugés, literatura husi Portugál, Brazíl, rain oioin iha Áfrika no Timór Lorosa'e, kultura Timór nian no rain seluk nian, gramátika, linguístika, Istória Timór Lorosa'e nian no seluseluk tan. Ami-nia kursu mós fó atensaun maka'as ba lia-tetun, no ami tuir kadeira (ho lia-indonézia katak *mata kuliah*) hanesan Padronizasaun no Ortografia Tetun nian, no Gramátika Tetun nian. Bainhira ami-nia Lisensiatura hotu ami sei bele buka serbisu nu'udar profesór, durubasa, tradutór, sekretária, jornalista, ka funsionáriu iha fatin sira ne'ebé ezije ema atu hatene momoos lian ofisiál rua ita-nia nasaun nian. Ami-nia profesór barak mai husi Portugál no rain sira seluk ne'ebé mós iha lia-portugés nu'udar lian ofisiál, liuliu husi Instituto Camões. Ami mós hala'o atividade oioin hanesan jornál kona-ba literatura "Várzea de Letras", teatru, tradusaun, nsst...

Joven timoroan, mai estuda ho ami!

publika tiha iha
Várzea de Letras, Suplemento Literário mensal do jornal *Semanário*, nº 4 [5], Julho 2004

Aprender português com apoio da língua indonésia Livro de autor timorense

A Universidade da Paz, uma instituição privada, acolheu no dia 24 de Julho a cerimónia de lançamento do livro intitulado "*Sebenta - Português das Águas Turvas ao aroma do exótico Sândalo de Timor*", da autoria de Tomás Gonçalves.

O autor assume desde o início o carácter provisório deste livro, e diz logo no prefácio estar aberto a críticas e a sugestões construtivas que possam vir a melhorar a sua obra de forma a que os erros que existam possam ser corrigidos numa eventual segunda edição. Porém, como explicou na cerimónia, sentiu-se compelido a escrever e a publicar com carácter de urgência o fruto do seu labor devido à constação de que pode contribuir para preencher uma lacuna na sociedade timorense. Com efeito, a razão que o levou a começar a escrever foi precisamente o facto de muitos jovens que estão actualmente a aprender a língua portuguesa lhe pedirem com frequência ajuda para tirar as dúvidas com que se deparam.

Algumas pequenas incorrecções não obstam a que este seja, segundo a minha opinião, um livro útil no panorama actual de Timor-Leste. Representa uma novidade importante em relação à maior parte dos materiais didácticos que são usados para o ensino do português no país, na medida em que usa a língua indonésia como apoio para a explicação dos conteúdos. Isto é especialmente útil para aprendentes adultos jovens (os que não foram escolarizados no tempo da administração colonial portuguesa, mas apenas durante a ocupação indonésia), que estão habituados a usar o indonésio como língua de estudo, e é neste idioma que conhecem a metalinguagem que se usa para falar de gramática. Eu explico: imagine-se que se quer dizer a um aluno que três palavras portuguesas escritas numa determinada frase são por exemplo um substantivo ou nome, um verbo e um adjectivo, sem ter que lhe explicar o que significa cada um destes conceitos. Em tétum dir-se-á *substantivu*, *verbu* e *adjetivu*. Porém os alunos estão mais habituados a referir-se a estas noções com os termos indonésios *kata benda*, *kata kerja* e *kata sifat*. Esta Sebenta que agora nos chega às mãos fornece todas

essas explicações na língua em que os estudantes fizeram a maior parte do seu percurso escolar. Significa isto que é errado preparar materiais pedagógicos bilingues com o tétum como língua de apoio? De forma nenhuma! Esses materiais têm uma função dupla, que não se esgota no ensino do português, mas que diz também respeito ao desenvolvimento e promoção do tétum, a outra língua oficial de Timor-Leste, e no lugar que lhe compete e é próprio: de mãos dadas com o idioma da lusofonia, espaço cultural pluri-continental a que Timor-Leste pertence por direito. A Sebenta do Senhor Tomás Gonçalves não vem substituir esses materiais, mas complementá-los. De resto, também no Instituto Nacional de Linguística, a instituição responsável pelo desenvolvimento do tétum, existe esta preocupação em disponibilizar obras de referência usando a língua da ocupação. Foi já publicado pelo INL um *Disionáriu Malaiu-Tetun* e sairá brevemente um Dicionário Malaio-Português.

Esta Sebenta é digna de nota por mais uma razão: foi escrita por um timorense. Há alunos que por vezes me perguntam qual é a minha motivação para vir para cá ensinar a minha língua, respondo-lhes sempre que esta língua não é minha, mas de todos os que a falam ou querem falar. Dos duzentos milhões de pessoas que no mundo têm a língua portuguesa como língua materna só uns quinze milhões são portugueses: dez milhões em Portugal e os restantes nas comunidades da emigração. O idioma de Camões e Saramago é também o de Fernando Sylvan e Luís Cardoso. A língua portuguesa também pertence aos timorenses.

publicado no
jornal *Semanário*, Ano 0, nº 0030, 31 de Julho de 2004

Aprende portugés ho tulun husi lia-indonézia Livru husi autór timoroan

Universidade da Paz, instituisaun privada ida, simu iha loron 24 fulan-Jullu serimónia-lansamentu ba livru ho títulu "Sebenta - Português das Águas Turvas ao aroma do exótico Sândalo de Timor", husi hakerek-na'in Tomás Gonçalves.

Bainhira livru hahú hakerek-na'in fó-sai kedas katak nia livru ne'e iha karater provizóriu de'it, no nia dehan iha lia-maklokek katak nia prontu atu simu krítika ka sujestaun konstrutiva hirak ne'ebé bele ajuda atu hadi'a nia knaar ne'e no nune'e sala ruma ne'ebé iha karik bele hadi'a fali iha edisaun daruak, se iha. Maibé, hanesan nia esplika tiha iha serimónia, nia sente katak nia tenke hakerek no publika ho urjénsia rezultadu husi nia serbisu tanba nia haree katak nia bele fó kontribuisaun ho buat ruma ne'ebé sosiedade Timór nian seidauk iha maibé presiza. Ne'e duni, razaun ne'ebé halo nia komesa hakerek maka foin-sa'e barak ne'ebé estuda daudaun lia-portugés husu beibeik ba nia atu ajuda sira halakon dúvida hirak ne'ebé sira hetan.

Maski iha sala ki'ik balu, livru ne'e util iha situasaun oras ne'e daudaun iha Timór Lorosa'e, tuir ha'u-nia hanoin. Nia sai hanesan buat foun ida bainhira kompara ho maioria husi materiál didátiku hirak ne'ebé uza hodi hanorin lia-portugés iha rain ne'e, tanba uza lia-indonézia hodi tulun atu esplika matéria hirak–ne'e. Ne'e util, liuliu ba aprendente adultu joven sira (sira ne'ebé la eskola iha otas administrasaun koloniál Portugál nian, maibé durante okupasaun indonézia de'it), ne'ebé toman atu uza lia-indonézia hanesan lian estudu nian, no iha lian ida-ne'e maka sira hatene metalinguajen ne'ebé bele uza atu ko'alia kona-ba gramátika. Ha'u esplika: ita bele imajina katak ita hakarak hateten ba alunu ida katak liafuan portugés tolu ne'ebé hakerek iha fraze ida hanesan porezemplu substantivu ida, verbu ida no adjetivu ida, maibé ita lakohi atu esplika konseitu ida-idak ne'e katak saida. Iha lia-tetun ida dehan "substantivu", "verbu" no "adjetivu". Maibé alunu sira toman liu atu temi nosaun hirak-ne'e ho liafuan indonézia hanesan *kata benda*,

kata kerja no *kata sifat*. Sebenta ne'ebé agora to'o ba ita-nia liman fó esplikasaun sira-ne'e hotu iha dalen ne'ebé estudante sira uza iha sira-nia dalan iha eskola to'o agora. Ne'e katak sala bainhira prepara materiál pedagójiku bilinge ho tetun nu'udar lian apoiu nian? Konserteza lae! Materiál hirak-ne'e iha funsaun rua, ne'ebé la hotu ho hanorin portugés, maibé iha mós ligasaun ho dezenvolvimentu no promosaun tetun nian, lian ofisiál seluk Timór Lorosa'e nian, no iha nia fatin rasik ne'ebé ninian loos: kaer liman hela ho lian luzofonia nian, espasu kulturál plurikontinentál ne'ebé Timór Lorosa'e mós tama iha ne'ebá tuir nia direitu. Señor Tomás Gonçalves nia Sebenta la mai atu troka materiál hirak-ne'e, maibé atu kompleta ka sai hanesan komplementu. Nune'e, Instituto Nacional de Linguística, instituisaun ne'ebé responsavel ba dezenvolvimentu tetun nian, mós iha preokupasaun atu prepara materiál-referénsia ne'ebé uza lian okupasaun nian. INL publika tiha ona Disionáriu Malaiu-Tetun ida no la kleur sei hasai *Dicionário Malaio-Português* ida.

Sebenta ida-ne'e mós merese ita temi tanba razaun ida tan: timoroan ida maka hakerek. Alunu balu dala ruma husu mai ha'u kona-ba ha'u-nia motivasaun atu mai iha-ne'e hodi hanorin ha'u-nia lian, ha'u sempre hatán katak lian ida-ne'e la'ós ha'u-nian, maibé ema hotuhotu ne'ebé hatene ka hakarak hatene nian. Husi ema millaun atus rua ne'ebé iha portugés nu'udar sira-nia lia-inan iha mundu tomak só maizomenus millaun sanulu-resin-lima maka ema-Portugál: millaun sanulu iha Portugál no sira seluk iha komunidade emigrante portugeza sira iha rai-li'ur. Camões no Saramago nia dalen mós Fernando Sylvan no Luís Cardoso nian. Lia-portugés mós timoroan sira-nian.

Versaun ho lia-portugés publika tiha iha
jornál *Semanário*, Ano 0, nº 0030, 31 fulan-Jullu 2004

Desenvolver o tétum
Algumas considerações avulsas sobre propostas ortográficas

Alguns jovens protestam contra a escolha do português como língua oficial, dizendo que a língua deles é o tétum, mas o que é espantoso é que dizem isto em indonésio. Houve inclusivamente durante algum tempo uma revista chamada *Lian Maubere* (voz maubere), que era totalmente escrita em língua indonésia. É caso para perguntar se não deveria chamar-se antes *Suara Marhaen*, não me consta que os mauberes se expressassem na língua dos invasores ou fossem particularmente entusiastas do seu uso. Não vou debruçar-me neste texto sobre o português, que tem o seu lugar em complementaridade com o tétum, como língua co-oficial. Vou apenas analisar algumas ideias em relação ao tétum, e principalmente sobre algumas das coisas que se têm feito para o seu desenvolvimento. Continuo a pensar que é motivo de estranheza o facto de haver pouco envolvimento da juventude e de organizações de base na promoção e desenvolvimento do tétum. Os linguistas fizeram a parte deles, prepararam uma ortografia cientificamente válida e fundamentada que foi oficializada pelo Governo. Agora seria encorajador ver algum esforço dos jovens nacionalistas para não escreverem na língua da ocupação e para deixarem de escrever tétum com uma ortografia completamente macarrónica que revela não haver da parte de quem a usa qualquer respeito pela língua, que consideram "desprovida de regras" e "que cada um escreve como lhe der na real gana". Isto contrasta profundamente com o que acontece noutras sociedades em que a questão da promoção de uma língua nacional se coloca como prioridade, nas quais se vê um grande envolvimento de jovens e de organizações culturais, associações locais, etc...

Um caso que conheço razoavelmente bem é o da Galiza, onde há mais de duas décadas a questão da ortografia oficial do galego é assunto debatido fervorosamente na sociedade, e onde cada proposta ortográfica conta com os seus acérrimos defensores e com as suas publicações próprias. Lá, como aqui, opõem-se opções

políticas diferentes. As propostas de ortografia são elaboradas por linguistas, mas traduzem uma determinada política linguística que influencia as escolhas feitas. Na Galiza o debate principal é entre os que defendem uma ortografia própria, bastante influenciada pela do espanhol (ou castelhano), que são muitas vezes chamados "isolacionistas" pelos seus adversários, e os que preferem re-aproximar a ortografia galega da do português, que chamam a si mesmos "reintegracionistas" e a quem os partidários do outro lado chamam "lusistas".Estes reintegracionistas fazem as suas opções fundamentalmente por partilharem uma postura de rejeição do imperialismo cultural espanhol, a aproximação da sua língua materna ao português garante-lhes maior distância em relação à língua que vêem como ameaça directa, o castelhano. Ao mesmo tempo essa proximidade com o idioma que é irmão gémeo do galego abre as portas para um universo de 200 milhões de falantes da mesma língua.

Aqui em Timor também há diferentes opções políticas a condicionar as opções linguísticas. A primeira linha de demarcação é imediata e põe de um lado os que permitem na sua proposta de padronização a ocorrência de palavras do indonésio chegadas a Timor com a ocupação, bem como a utilização de barbarismos surgidos no tempo da "ditadura linguística anglo-saxónica" da UNTAET (falo de termos como **agrimentu* em vez de *akordu*, **komitementu* em vez de *empeñu* ou *kompromisu*, etc…). Alguns materiais escritos, por exemplo, pela Dra Catharina van Klinken incluem-se neste grupo. O Instituto Nacional de Linguística, por outro lado, defende que não havendo um vocábulo necessário a opção mais acessível, imediatamente disponível e que está mais de acordo com a política linguística do país é ir buscá-la ao português, e adaptar-lhe apenas a ortografia. É opção do INL, como foi da Igreja timorense quando no início dos anos 80 traduziu para tétum o missal para que o tétum pudesse ser aprovado como língua oficial da Igreja em TL, que não se deve usar no tétum literário nenhuns termos do indonésio. O INL, como a Igreja, vê a língua portuguesa como o parceiro histórico na evolução do tétum moderno, e a língua indonésia como aquela contra a qual há que cerrar fileiras por ser um factor corrosivo da especificidade cultural timorense.

O Dicionário do Dr Luís Costa partilha com os materiais sobre a ortografia oficial publicados pelo INL a posição de princípio de rejeição de empréstimos lexicais indonésios. Tem muito mais coisas em comum, como o facto de propor uma ortografia etimológica para as palavras autóctones, que inclui por exemplo a marcação da oclusiva glotal usada no tétum térique e em variedades do tétum-praça, mas não em Díli (ou seja, quer o INL quer Luís Costa escrevem *ha'u*, *du'ut*, *to'os-na'in*...). A crítica que o público faz mais frequentemente ao Dicionário do Luís Costa é completamente despropositada: "Esse dicionário tem muitas palavras que não conhecemos, que são próprias do tétum térique!" Ora, uma das funções mais úteis que um dicionário tem é ensinar-nos muitos vocábulos que não conhecemos. O Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa tem grande quantidade de termos que muitos portugueses ainda não conhecem, o *Kamus Besar Bahasa Indonesia (Edisi Ketiga)* do *Departemen Pendidikan Nasional* e da *Balai Pustaka* tem imensas palavras que qualquer indonésio não conhece. Isso não é um defeito, é uma qualidade. O tétum térique é uma fonte permanente de palavras para o tétum literário moderno. E de resto esse processo começou há muito. Quem é que usava em Díli há trinta anos palavras como *maksalak*, *kuanan*, *knaar*, *falur* (para quem não soubesse, o Dicionário do Luís Costa permite ver por exemplo que o nome de guerra do Comandante Falur Rate Laek significa "Pombo sem Sepultura")? O Dicionário de Luís Costa é um documento importantíssimo. O INL reconheceu isto quando, logo que saiu este Dicionário, incluiu todas as palavras provenientes do tétum térique que nele aparecem no prontuário ortográfico preparado e publicado pelo INL. O INL defende que os dialectos rurais do tétum (de áreas como Soibada, Viqueque, Alas, Balibó, Suai, etc...) são uma das fontes importantes de léxico para o tétum moderno e literário que se está actualmente a cultivar, e o Dicionário de Luís Costa é um tesouro lexical inestimável a que recorrem todas as pessoas que procuram com seriedade cultivar e desenvolver o tétum.

A diferença fundamental do Dicionário de Luís Costa em relação aos materiais do INL diz respeito aos empréstimos lexicais

do português. O INL define como padrão para a ortografia dos empréstimos lexicais (do português, ou - até ao séc XIX - do malaio) no tétum moderno a pronúncia acrolectal, o que significa a forma como é pronunciada a palavra pelas elites, principalmente urbanas, que são também fluentes em português. O Luís Costa prefere incluir no seu dicionário a forma como essas palavras são pronunciadas pelos habitantes não-escolarizados das montanhas falantes de tétum térique e não fluentes em português. Por exemplo, onde a ortografia oficial, do INL, escreve: ”*palásiu*”, “*polísia*”, “*pregu*”, “*xave*”, “*xapeu*”, “*saugati*” o Dicionário do Luís Costa tem apenas “*palasi*”, “*polisi*”, “*preku*”, “*sabi*”, “*sapeo*”, “*saukati*”. Seria como se os responsáveis dos dicionários de português se sentirem obrigados a começar a incluir como entrada lexical a palavra “tchuba” porque é a pronúncia dos habitantes do planalto mirandês no Nordeste de Portugal que falam um português mais conservador.

Uma limitação grave é a falta de muitas palavras originárias da língua portuguesa que entraram para o tétum. Tente-se usar o Dicionário de Luís Costa para ler a tradução que o próprio Luís Costa fez para tétum da brochura da Fundação Mário Soares “A nossa vitória é apenas uma questão de tempo – Memória da Resistência do Povo de Timor- Leste”. Por razões de espaço olhemos apenas para o título na tradução do Luís Costa: “*Ami hein de’it tenpu uit atu manán – Hanoin Povu Timor Lorosa’e nia Rezistensi*”. Procuremos no Dicionário do Luís as palavras “*tenpu*”, “*povu*”, “*rezistensi*”. Não encontramos! O problema maior do Dicionário de Luís Costa é que o autor é um purista, ainda que tenha vindo a moderar as suas posições em relação a esta questão dos empréstimos lexicais, como a tradução que referi demonstra até à saciedade. Vejamos o que ele diz como comentário à entrada lexical “e”: “Os não falantes nativos de tétum usam sobretudo «ka»”. Os “não falantes nativos de tétum” a que se refere Luís Costa incluem muitos milhares de falantes de tétum-praça como língua materna (e não apenas em Díli), assim como a imensa maioria da população timorense que fala tétum-praça como língua segunda e língua franca. Para quem está familiarizado com a literatura portuguesa podemos traçar um paralelo. Um leitor “mouro” nado e

criado em Lisboa não tem muito do vocabulário necessário para ler por exemplo “Terras do Demo” ou “O Malhadinhas” de Aquilino Ribeiro, por haver muitos termos próprios do mundo rural das montanhas da Beira Interior, precisa de um bom dicionário. O Dicionário de Luís Costa responde a essa necessidade de compreender o léxico vernáculo do mundo rural, que o falante citadino não conhece. No entanto, como a tradução que Luís Costa fez da tal brochura mostra, o Dicionário dele não dá conta de um texto vindo do mundo urbano da tecnologia e das ideias modernas. Os materiais do INL já permitem responder a essa necessidade de modernização. Para os que clamam contra o abastardamento da língua por causa da introdução de empréstimos lexicais, perguntamos, a palavra “biologia” apareceu primeiro em português, ou foi cunhada numa outra língua qualquer e depois trazida para o português? A língua indonésia, que escolhe outros parceiros, padronizou “*biologi*”. O INL padronizou para o tétum “*biolojia*”. É uma escolha coerente, com o português como parceiro permanente. Pensamos que o Dr. Luís Costa é um dos nomes chave no esforço de promoção do tétum, mas cremos que ele precisa de rever algumas das suas posições. Talvez numa nova edição do Dicionário dele, quem sabe?

Por tudo isto, consideramos que o Governo tomou a opção correcta ao oficializar a ortografia do INL, aquela que do ponto de vista científico é mais coerente e do ponto de vista político é mais fiel à política linguística definida pela Assembleia Constituinte e pelos líderes de Timor-Leste.

publicado no
jornal *Semanário*, Ano 0, nº 0032, 14 de Agosto de 2004

Dezenvolve tetun
Hanoin oioin kona-ba proposta ortográfika sira

Foin-sa'e balu protesta hasoru hahilik ne'ebé hasa'e lia-portugés nu'udar lian ofisiál, sira dehan katak tetun maka sira-nia lian, maibé buat ida ne'ebé halo ita hakfodak maka sira dehan buat ne'e iha lia-indonézia. Uluk iha mós durante tempu balu revista ida naran "Lian Maubere", ne'ebé hakerek hotu-hotu iha lia-indonézia. Ita bele husu se di'ak liu karik tau naran *Suara Marhaen* ba revista ne'e, ami ladún sente katak maubere sira toman ko'alia dalen invazór sira-nian ka katak sira iha entuziazmu atu uza lian ne'e. Ami sei la fó atensaun iha testu ida-ne'e ba lia-portugés, ne'ebé iha nia fatin hanesan komplementu ba tetun, nu'udar lian ko-ofisiál. Ami sei analiza de'it ideia balu kona-ba tetun, liuliu kona-ba buat balu ne'ebé ema oioin halo ba nia dezenvolvimentu. Ami kontinua hanoin ida-ne'e eskizitu loos katak juventude no organizasaun sira iha baze ladún envolve iha promosaun no dezenvolvimentu tetun nian. Linguista sira halo tiha ona sira-nia knaar, sira prepara tiha ona ortografia loloos ho valór sientífiku ne'ebé hetan tiha ona ofisializasaun husi Governu. Agora ita sei haksolok se ita haree foin-sa'e nasionalista sira haka'as an uitoan atu la hakerek ho lian okupasaun nian no atu para hakerek tetun ho ortografia la hun la dikin ne'ebé hatudu katak sira la respeita lian ida-ne'e, no sira konsidera hanesan buat ida ne'ebé "la iha regras" no "ida-idak hakerek konforme nia hakarak de'it". Ida-ne'e la hanesan saida maka akontese iha sosiedade seluseluk ne'ebé asuntu promosaun ba lian nasionál ida sai hanesan prioridade, no iha-ne'ebá ita sei haree envolvimentu maka'as husi joven sira, organizasaun kulturál sira, asosiasaun oioin iha fatin ida-idak, nsst…

Kazu ida ne'ebé ha'u bele dehan ha'u koñese di'ak maka Galiza nian. Iha-ne'ebá durante tinan ruanulu resin ema-galegu sira debate maka'as kona-ba ortografia ofisiál, no sosiedade sivil mós hola parte iha debate hirak ne'e. Proposta ortográfika ida-idak iha ema sira ne'ebé defende nia ho neon-metin loos, no ida-idak mós soi sira-nia publikasaun rasik. Iha-ne'ebá, hanesan iha-ne'e, opsaun polítika oioin hasoru malu. Linguista sira maka halo proposta

ortográfika oioin, maibé proposta ida-idak leno polítika linguístika ida ne’ebé iha influénsia ba eskolla (hahilik) sira ne’ebé linguista hirak-ne’e halo. Iha Galiza debate importante liu maka ida-ne’ebé tau sira ne’ebé defende ortografia rasik ba lia-galegu ho influénsia maka’as husi español (ka kastellanu) kontra sira ne’ebé hakarak atu halo ortografia lia-galegu nian hakbesik fila fali ba lia-portugés nian. Sira ne’ebé buka atu hakbesik sira-nia ortografia ba lia-portugés bolu naran “reintegrasionista” ba sira-nia an (maibé sira-nia adversáriu hanaran sira “luzista”); reintegrasionista sira-ne’e bolu sira ne’ebé buka atu hakbesik ba lia-español ho naran “izolasionista”. Reintegrasionista sira halo sira-nia eskolla oioin tanba sira hotu la simu imperializmu kulturál españól, bainhira sira hakbesik fila fali sira-nia lian-inan ba lia-portugés sira hatene katak sira sei sai dook liu tan husi lian ida-ne’ebé sira konsidera hanesan ameasa direta, ne’e kastellanu. Sira hetan vantajen ida tan bainhira sira hakbesik lia-galegu ba ninia lian kaduak: ne’e loke odamatan ba universu ida ho ema millaun 200 ne’ebé ko’alia lian inan ida-ne’e.

Iha-ne’e iha Timór Lorosa’e mós ita hetan opsaun polítika oioin ne’ebé iha influénsia ba opsaun linguístika sira. Uluknanain ita halo kedas liña ida atu fahe husi sira ne’ebé husik liafuan lia-Indonézia nian mosu iha sira-nia proposta ba padronizasaun, liafuan hirak-ne’e husi lia-Indonézia tama iha Timór ho Okupasaun. Ita mós hakdook husi sira-ne’ebé uza liafuan-barbarizmu ne’ebé mosu iha tempu “ditadura linguístika anglo-saksónika (obriga uza lia-inglés)” UNTAET nian. Liafuan-barbarizmu balu bele porezemplu: **agrimentu* iha *akordu* nia fatin, **komitementu* iha *empeñu* ka *kompromisu* nia fatin, nst…). Ita hetan opsaun balu hanesan ne’e, porezemplu, iha materiál balu husi Dra Catharina van Klinken. *Instituto Nacional de Linguística*, ne’ebé kontra opsaun hirak-ne’e, defende katak baihira la iha liafuan foun ruma ne’ebé presiza, opsaun ne’ebé fasil liu, ne’ebé bele uza kedas, no ne’ebé tuir polítika linguístika nasaun nian, maka foti liafuan ne’e husi portugés de’it, no muda nia ortografia ba tetun. INL defende katak ita labele uza liafuan ida husi lia-Indonézia iha tetun literáriu, hanesan mós Kreda Katólika Timór nian defende hori uluk iha tinan 1980 bainhira Amu-lulik sira tradús tiha misál ba lia-tetun atu lian ida-ne’e bele sai lia-

ofisiál Kreda nian iha TL. INL, hanesan mós Kreda Katólika, haree lia-portugés nu'udar belun istóriku iha prosesu ba evolusaun ba tetun modernu, no sira haree lia-Indonézia nu'udar ameasa ne'ebé ita tenke kontra ho neon-metin tanba lian ida-ne'e hanesan fatór ida ne'ebé estraga espesifisidade kulturál Timór Lorosa'e nian.

Dr. Luís Costa nia Disionáriu, hanesan mós materiál ne'ebé INL prepara tiha ona kona-ba ortografia ofisiál, la simu liafuan-empresta husi lia-Indonézia. Iha buat oioin tan ne'ebé mós hanesan, porezemplu nia mós halo proposta hodi uza ortografia etimolójika ba liafuan orijinál tetun nian, inklui markasaun ba okluziva glotál ne'ebé ema temi iha tetun-terik no mós iha variedade balu tetun-prasa nian, maibé ema la temi iha Dili (ne'e katak, INL ho Luís Costa, rua ne'e hotu, hakerek *ha'u, du'ut, to'os-na'in...*). Krítika ne'ebé públiku halo beibeik ba Luís Costa nia Disionáriu ne'e laloos: "Disionáriu ne'e iha liafuan barak ne'ebé ami la koñese, liafuan barak husi tetun-terik!" Ne'e duni, objetivu importante ida husi disionáriu sira maka hanorin ita liafuan barak ne'ebé ita seidauk koñese. *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* husi *Academia das Ciências de Lisboa* iha liafuan barak ne'ebé portugés sira mós seidauk koñese, tem grande quantidade de termos que eu ainda não conheço, *Kamus Besar Bahasa Indonesia (Edisi Ketiga)* husi *Departemen Pendidikan Nasional* ho *Balai Pustaka* iha liafuan wa'in ne'ebé ema-Indonézia sira mós la koñese. Ne'e la'ós sala ida, ne'e kualidade ida. Tetun-terik ne'e hanesan bee-matan kapás ne'ebé fó liafuan ba tetun literáriu modernu. No ita labele haluha katak prosesu ne'e hahú horiuluk. Sé maka, tinan tolunulu liubá, uza iha Dili liafuan hanesan *maksalak, kuanan, knaar, falur* (ba sira ne'ebé seidauk hatene, Luís Costa nia Disionáriu hatudu katak naran-funu husi Komandante Falur Rate Laek signifika "Pombu la iha rate")? Luís Costa nia Disionáriu ne'e dokumentu importante tebetebes. INL mós rekoñese ida-ne'e, i bainhira disionáriu ne'e mosu, liafuan hotu-hotu ne'ebé mai husi tetun-terik i ita hetan iha-ne'ebá, hetan hotu mós iha matadalan ortográfiku ne'ebé INL prepara no publika. INL defende katak dialetu tetun sira foho nian (iha rejiaun hanesan Soibada, Vikeke, Alas, Balibó, Suai, nst...) hanesan bee-matan importante ne'ebé fó léksiku (liafuan sira) ba tetun modernu literáriu

ne'ebé ita haburas daudaun, no Luís Costa nia Disionáriu ne'e hanesan riku-soin leksikál folin-boot ne'ebé ema hotu-hotu ke buka atu haburas no dezenvolve lia-tetun sei uza i konsulta.

Diferensa boot liu bainhira ita kompara Luís Costa nia Disionáriu ho materiál hirak ne'ebé INL nian kona-ba liafuan-empresta husi portugés. INL dehan katak ita tenke uza pronúnsia akroletál nu'udar padraun ba ortografia ba liafuan-empresta (husi portugés, ka – to'o sék XIX – husi malaiu) iha tetun modernu. Ne'e katak oinsá maka elite sira, liuliu iha sidade, temi liafuan hirak-ne'e. Elite hirak-ne'e mós hatene ko'alia portugés. Maibé Luís Costa gosta liu atu hatama ba ninia disionáriu pronúnsia husi ema-foho rejiaun tetun-terik nian ne'ebé la eskola no la hatene portugés. Porezemplu, enkuantu ortografia ofisiál Timór Lorosa'e nian, ne'ebé INL maka halo, hakerek: "*palásiu*", "*polísia*", "*pregu*", "*xave*", "*xapeu*", "*saugati*" Luís Costa nia Disionáriu hakerek de'it "**palasi*", "**polisi*", "**preku*", "**sabi*", "**sapeo*", "**saukati*". Ne'e hanesan porezemplu se matenek-na'in sira ne'ebé halo disionáriu lia-portugés nian deside atu hahú hatama "*tchuba*" nu'udar liafuan iha sira-nia disionáriu tanba ne'e maka pronúnsia antigu liu ne'ebé sei uza nafatin iha foho rejiaun Mirandadudouru nian iha Portugál norte-lorosa'e no rain-na'in sira iha ne'ebá sei ko'alia portugés ne'ebé konservadór liu, maski iha Lizboa sira temi "*chuva*".

Problema ida iha disionáriu ne'e maka kuran liafuan barak ne'ebé mai husi lia-portugés tama ba lia-tetun. Koko to'ok atu uza Luís Costa nia disionáriu atu lee tradusaun ne'ebé Luís Costa rasik halo ba tetun husi broxura *Fundação Mário Soares* nian "*A nossa vitória é apenas uma questão de tempo – Memória da Resistência do Povo de Timor- Leste*". Atu la gasta fatin barak ita bele fihir de'it ninia títulu iha Luís Costa nia tradusaun: "*Ami hein de'it tenpu uit atu manán – Hanoin Povu Timor Lorosa'e nia Rezistensi*". Buka to'ok iha ninia disionáriu liafuan "**tenpu*", "*povu*", "**rezistensi*". Ita sei la hetan! Problema boot liu husi Luís Costa nia Disionáriu maka ninia hakerek-na'in hanesan purista ida, katak nia lakohi simu liafuan-empresta, maski ikusliu nia komesa tiha ona atu muda ninia hanoin, hanesan ita bele haree iha ninia tradusaun ne'ebé ami temi tiha ona. Ita haree to'ok saida maka nia

dehan nu’udar komentáriu ba liafuan “e”: “*Ema ne’ebé la ko’alia tetun nu’udar lian-inan toman uza liafuan «ka»*”. “*Ema ne’ebé la ko’alia tetun nu’udar lian-inan*” ne’ebé Luís Costa temi inklui makdalen rihun-rahun ne’ebé uza tetun-prasa nu’udar lian-inan (i la’ós de’it iha Dili), hanesan mós populasaun barakliu iha Timór Lorosa’e ne’ebé uza tetun-prasa nu’udar lian-daruak no lian franka. Ba ema sira ne’ebé koñese literatura husi Portugál ami bele halo komparasaun ida. Lee-na’in (makleek) ida husi Portugál súl ne’ebé moris no boot iha Lizboa la hatene liafuan barak ne’ebé presiza hodi lee porezemplu “*Terras do Demo*” ka “*O Malhadinhas*” husi Aquilino Ribeiro, tanba liafuan barak iha livru hirak ne’e uza de’it iha foho iha Beira Interior. Tanba ne’e makleek ne’e tenke uza disionáriu di’ak ida. Luís Costa nia Disionáriu di’ak tebes atu bele komprende liafuan foho nian hanesan ne’e, ne’ebé ema-sidade la hatene. Maibé nia la to’o atu bele komprende testu ida kona-ba mundu urbanu teknolojia no ideia moderna nian, hanesan Luís Costa nia tradusaun hatudu iha broxura ne’ebé ami temi tiha ona. Materiál sira INL nian bele uza ona atu ko’alia kona-ba buat modernu hirak-ne’e. Ba sira ne’ebé hakilar no dehan katak ne’e estraga lian de’it, tanba hatama liafuan-empresta, ami husu, liafuan “*biologia*” mosu uluk iha lia-portugés, ka mosu iha lian seluk ruma no depois maka tama ba lia-portugés? Lia-Indonézia, ne’ebé la’o ho belun seluk, simu “*biologi*”. INL padroniza ba tetun “*biolojia*”. Ne’e hahilik (eskolla) loos, ho lia-portugés nu’udar belun istóriku. Ami hanoin katak Dr. Luís Costa ne’e ema ida husi sira ne’ebé importante tebes iha esforsu atu haburas lia-tetun, maibé ami fiar katak nia presiza haree fila fali ninia pozisaun balu. Kala iha edisaun foun ruma husi ninia disionáriu, sé maka hatene?

Tanba buat hirak-ne’e hotu, ami konsidera katak Governu deside di’ak bainhira sira ofisializa tiha ortografia padronizada INL nian, tanba ida-ne’e maka koerente liu husi pontudevista siénsia nian no ida-ne’e maka halo tuir duni polítika linguístika ne’ebé sai nu’udar desizaun husi Asembleia Konstituinte i husi ukun-na’in sira Timór Lorosa’e nian.

Versaun ho lia-portugés publika tiha iha
jornál *Semanário*, Ano 0, nº 0032, 14 fulan-Agostu 2004

Pepetela

Nascido em 1941 em Benguela (Angola), de nome original Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, o autor conhecido por Pepetela veio a tornar-se um dos maiores escritores angolanos e de toda a lusofonia. Tendo aderido em 1963 ao MPLA - Movimento Popular para a Libertação de Angola (que lutava pela independência de Angola contra o colonialismo português) e frequentado de 1960 a 1970 a Casa dos Estudantes do Império, em Lisboa, vem depois a tratar estas experiências em romances como *Mayombe*, *As Aventuras de Ngunga* e *A Geração da Utopia.* Outros assuntos que aparecem na sua obra são a construção da identidade e História do seu país, as dificuldades da vida nos primeiros anos da independência, os problemas trazidos pela guerra civil que assolou o país durante muitos anos, e a traição de alguns líderes que abandonaram os ideais por que tinham lutado em tempos para se tornarem corruptos e obcecados pelo poder.

Em 1997 ganhou o Prémio Camões pelo conjunto da sua obra até então publicada.

Segue-se um excerto do livro "*Lueji – O Nascimento de um Império*" (Publicações Dom Quixote, 3ª edição, 1997) deste escritor.

página 451-456 (a tradução em tétum desta parte foi publicada no *Várzea de Letras*, Suplemento Literário mensal do jornal *Semanário*, nº 7, Agosto 2004)

Depois daquela vitória, foram ao bar da esquina festejar a certeza de que não só o trono da Lunda estava salvo, mas também o seu espectáculo. A Directora declarou hoje sou eu que pago e todos aplaudiram. Lu e Cândido estavam sentados lado a lado, depois Jaime e Olga, a Directora e os outros. Faltava Afonso Mabiala, mas tem uns dias já que anda desaparecido, embora me tivesse dito que hoje ia aparecer sem falta para me pagar umas despesas fiadas. E é muito dinheiro, confidenciou o dono do bar aos bailarinos, ele bebe e mija, bebe e mija, bebe e mija. No meio compõe umas músicas.

- Não assuste – disse Jaime. – Ele vai receber bué agora.
- Espero que não gaste tudo antes de me pagar.
- É preciso ser indulgente para os génios – disse Lu.
- E não tenho sido? – perguntou o dono do bar. – Até o deixo dormir aí nos fundos quando não aguenta ir para casa... E aqui para nós, é mesmo um génio. Quase choro ao ouvir as músicas dele.

Foi buscar as cervejas e cafés, pausa aproveitada pela Directora para falar:

- Podemos dizer o espectáculo está pronto. Mais uma semana para limar as arestas e depois, ensaio geral. Haka, se soubesse nunca me tinha metido nesta, vejam o que emagreci.
- Deixe disso – falou Jaime. – Até gostou. E fica melhor assim magrinha. O seu marido que o diga.
- Este aqui deu-nos trabalho – disse a Directora, apontando para o Cândido. – Primeiro que descobríssemos o mambo, eu quase desesperava.
- O mal é que vocês não conheciam os Cuvale, só de nome. Nós somos seres independentes, sempre fomos. Para nos dominarem, só massacrando. E renascíamos. Como queriam aprisionar um cuvale com as vossas marcações? Obrigar-me a fazer uma pirueta quando eu estava mesmo a ver tinha era de saltar! Enfim, compreenderam.
- Mais um a engrossar a tribo dos anarquistas – suspirou Jaime. – Como querem fazer um país com cada um a agir como pensa e se marimba para o colectivo, para as regras seculares e sagradas?
- Aqui não estamos a fazer país nenhum – disse Lu. – A arte não tem que o fazer, apenas reflecti-lo.
- Frase profunda – disse Jaime. – Talvez falsa, mas quimporta? E estou de acordo. Não percebeste a ironia, Lu. Eu queria era fustigar os dogmas, *un*, *deux*, *foueté*, *un*, *deux*, *trois*, *quatre*, *plié*…
- Eu sei, Jaime. Por isso te inscreves na corrente do realismo animista...
- É. O azar é que não crio nada para exemplificar. E ainda não apareceu nenhum cérebro para teorizar a corrente. Só existe o nome

e a realidade da coisa. Mas este bailado todo é realismo animista, duma ponta à outra. Esperemos que os críticos o reconheçam.

- Questória é essa? – perguntou Cândido.

- O Jaime diz a única estética que nos serve é a do realismo animista – explicou Lu. Como houve o realismo e o neo, o realismo socialista e o fantástico, e outros realismos por aí.

- Hum, estou mais ou menos a ver – disse Cândido.

- Ainda bem – disse Jaime. – Porque às vezes eu não vejo. Mas isto que andamos a fazer é sem dúvida alguma. E se triunfamos é graças ao amuleto que a Lu tem no pescoço. Ela não quer contar a estória, mas que é um amuleto ela não pode negar.

- Claro que é – disse Lu, muito rápido. – Só que se contar, talvez ele perca o efeito.

- Disparate! – disse Cândido. – Se o espectáculo resulta, é porque vocês todos tinham capacidades e energias até aqui ignoradas. E acreditaram em vocês próprios. Vontade, muita vontade, foi esse o feitiço.

Um dos bailarinos que veio do Dundo pediu disciplinadamente a palavra, levantando o braço, dá licença? Todos olharam para ele, permitindo-lhe a fala:

- Sou vosso mais velho. E já vi muita coisa. Na Lunda então, que é terra de mistérios... Não dá pra duvidar. E esse amuleto eu conheço, é dos mais velhos, não é?

- É – disse Lu.

- Esse tem muita força.

- Ora – interrompeu Cândido. – Andaram vocês a fazer esse esforço todo, a lutar contra tudo e contra todos e agora dão o mérito só a um bocado de pau. Não acham que é modéstia demais?

- Anarquista e materialista! – disse Jaime. – Já viram o que nos saiu na rifa? E espantem, vindo dos desertos, onde nada se faz sem uma cerimónia sagrada.

- Estás a brincar e eu estou a falar sério, Jaime.

- Olha, Cândido – interrompeu Lu. – Eu também não acredito...não acreditava, agora já nem sei...O certo é que começou tudo a sair melhor. Ou quase tudo...

- Te deu confiança, só isso. Quando se acredita que se consegue fazer alguma coisa, é já meio caminho andado. Mas uma vaca não

consegue parir um leão, com todos os amuletos que se lhe ponha ao pescoço.

- Oh, as vacas tinham de vir – disse Jaime. – Ou não se tratasse dum cuvale.

- Cada um usa os exemplos que conhece. Desculpa se tenho pouco conhecimento citadino. Sou um criador de gado, mas não acredito nessas magias de que tanto falam. Estudei o suficiente para entender a raiz das coisas.

- OK, OK, não te zangues, cada um fica com as suas crenças. Mas que só podia ser o realismo animista a contar a estória de Lueji, isso não podes negar.

- Obscurantismos! – refilou Cândido, meio irritado.

Lu lhe segurou na mão por cima da mesa, calma, essas coisas não devem ser discutidas, nunca se chega a lado nenhum. Depois retirou a mão, porque todos os olhavam, admirados. Lu não era muito desses gestos de ternura para os amigos, havia já algo por trás? Não, não havia, foi um gesto irreflectido, apenas. No entanto, Jaime ficou pensativo.

- De qualquer maneira, agora que as coisas estão a correr bem, Lu, não abandones o amuleto – disse a Directora. – Ninguém acredita nisso, mas mal não faz. Cágado sábio morre velho...

- Não faz mal! – disse Cândido. – Vocês não entendem. Realmente os citadinos nunca deixam de me surpreender. Vivem numa metrópole onde aparece gente de todo o Mundo, vêem cinema e televisão de todo o lado. Deviam ter um espírito científico, ainda mais porque estamos a meses do ano 2000. E afinal querem desenterrar crenças que só atrasam...

- Desenterrar? – falou Olga pela primeira vez. – Elas estão aí, como desenterrar?

- Sim, tens razão – concordou Cândido. – Desenterrar é palavra imprópria. Querem reforçar, assim está melhor. As religiões só amarram o homem. Nunca estiveram no campo, não é? Pois não sabem o que se faz em nome dessas crenças e religiões. O homem é impotente perante a Natureza, deixa se subjugar por ela, não há nada a fazer, os espíritos é que sabem se deve chover ou não, o deserto avança e o gado morre, são os espíritos que eu querem porque alguém cometeu um crime contra eles. E as obras necessárias

não se fazem e o homem continua escravo da Natureza ou dos outros homens mais poderosos. Os tais que defendem as tradições para que tudo se mantenha na mesma e eles conservem ou reforcem o seu poder sobre a sociedade. Isto não é teoria, passa-se ali na minha região. E nas outras. E venho para Luanda, onde deviam nascer as ideias mais avançadas, e afinal o que vejo? Intelectuais, artistas, rezando aos deuses ou com amuletos ao pescoço. E perdendo a confiança em si próprios, perdendo até o amor-próprio, subjugados a vontades de cazumbis. Francamente!

Ninguém replicou. Eram palavras magoadas, ditas em tom sério mas sem agressividade. Não ficaram chocados, apenas reflectindo. Cândido continuou:

- O bailado é bom porque se juntaram vontades e talentos fora do comum. Vocês são mesmo bons e criaram uma coisa bela. Não diminuam o valor do vosso trabalho. Deixem que os outros o diminuam, por todas as razões obscuras que conhecemos. Não sejam vocês a ver defeitos no vosso filho.

- Porque te pões de fora? – perguntou Lu.

- Porque já apanhei o comboio em movimento. O mérito é vosso. Eu não fiz nada...

- Criaste, sim. Estás a enriquecer o que estava planeado.

- OK! Estou enriquecer. Estamos todos. Não foi nenhum ser sobrenatural que nos ajudou, é isso que minteressa compreendam.

- Claro que não foi – disse a Directora. – No fundo, sabemos. Mas pensar que a conjunção de astros ou de espíritos é favorável reforça a nossa confiança e faz com que as coisas saiam melhor, porque mais convictas. É só isso.

- Continua a ser uma concessão ao obscurantismo.

- Se declarássemos isso numa entrevista, então seria – disse Jaime. – Mas fica só entre nós. É uma espécie de cumplicidade colectiva, meio a brincar, que reforça a coesão do grupo.

- Meio a brincar? É a brincar que põem uma panela com água à entrada da sala, quando vão ensaiar?

- Oh, isso é para os espíritos malignos não passarem da porta – disse Jaime, com uma gargalhada. – O que o checo devia ter feito quando ensaiámos o “Cahama”. Daí o fracasso...

Cândido levantou, agora furioso, da mesa. A voz saiu contundente, parecia mesmo um cuvale a comandar um ataque:

- Com vocês não dá mesmo para falar.

Ia sair mas Lu lhe segurou de novo na mão, espera, não nos vais acompanhar a casa? O teu hotel é para as nossas bandas. O grupo inteiro levantou da mesa, se diluiu aos grupos na noite de cacimbo que já caía sobre a cidade. Cândido acompanhou Lu e Olga. Durante um bom bocado em silêncio. Lu pensava na força que emanava do carácter do parceiro. Teimoso, obstinado, talvez dogmático, também ele? A obstinação da raça estava bem patente, quem não conhecia a irredutibilidade dos Cuvale, que sempre levantaram a cabeça contra todas as opressões, orgulhosos com o seu gado e as suas ongandas? Mas ao mesmo tempo Cândido era generoso e sabia ser meigo, como Ilunga. Uma combinação de Ilunga com Tchinguri? Já antes tinha pensado o mesmo de Uli, mas então estava errada, Uli não tinha a firmeza de Tchinguri. Cândido, sim, era a síntese. Que significa isso para mim? Recusou ir mais longe nos pensamentos e disse:

- Vens jantar connosco. A Olga vai preparar uma coisa boa, não é, Olga?

Cândido aceitou e entraram no prédio, cujas escadas estavam mais uma vez às escuras.

- Nunca mais vai haver luz aqui – queixou Olga.

- Mas porquê? – perguntou Cândido.

- Sempre que põe lâmpadas novas, roubam-nas. Continua a haver falta na cidade.

Subiram pela escada às apalpadelas nas paredes. E Olga foi preparar o jantar. Cândido aproveitou falar:

- Não queria voltar ao mesmo, mas francamente, Lu, vocês desiludem-me. Brincam com essas coisas, uns brincam, outros não, mas dizem que brincam... E não vêem as consequências. Imagina os bailarinos que vieram da Lunda. Não têm o vosso nível de instrução. Acreditam totalmente no feitiço. E que vão dizer quando para lá voltarem? Os artistas da cidade também acreditam, até põem panela com água para afastar os cazumbis. Isso reforça as suas crendices e vai lhes dar um argumento fortíssimo para convencerem os seus lá na Lunda. Ora os artistas têm uma responsabilidade muito grande na educação do povo. Pelo que dizem ou criam e pelo

exemplo. E é esse o exemplo? Gostava que pensasses nisso, Lu. O que pode ser uma brincadeira na cidade, sem mais consequências, é de uma importância terrível no campo. Luanda tem de começar a pensar em termos do resto do País, não viver só para si.

- O Jaime brinca com isso, mas eu não. Um dia vou te contar a estória, é pelo menos perturbante. Mas hoje não.

- Então eu conto-te a minha. Quando fui para a escola, acreditava nisso tudo como qualquer miúdo cuvale. Depois comecei a estudar Ciências e a encontrar a respostas para as perguntas que fazia na onganda e que me explicavam pelas forças naturais ou feitiços ou maldades desconhecidas. E as respostas da ciência tinham sentido. Interessei-me, era curioso, e estudei mais que ninguém. E cada vez mais as respostas tinham sentido. Fui para o Tchivinguiro, só queria estudar para encontrar respostas cada vez mais coerentes. E convenci-me. Essas crenças só servem para escravizar. Por isso quis ser professor. Para libertar aqueles jovens que vão para lá cheios de superstições, pois praticamente todos vêm do campo. Qual é o citadino que quer estudar Agronomia ou Pecuária? E o meu trabalho é esse. Mostrar que, se se tem mentalidade científica, o gado produz mais e as pessoas obtêm mais bens, vivem melhor. Essa é a minha luta de todos os dias. Também como professor de dança, mostrando que a tradição deve ser utilizada, mas num sentido de progresso, de libertação das pessoas. Pois bem. Imagina que o brincalhão do Jaime vai lá expor as suas brincadeiras. Destrói todo esse trabalho. É justo?

- Estou muito baralhada. Claro que não é justo ir um diletante qualquer lá estragar o vosso trabalho. Por diletantismo. Mas não estou tão certa que essas crenças escravizem...

- É evidente para quem viveu nessas sociedades. O poder tradicional baseia-se nisso. Dos velhos sobre os novos, dos homens sobre as mulheres, das ideias velhas sobre as ideias novas. E a submissão do homem à Natureza. O homem se torna incapaz de iniciativas para mudanças benéficas, pois tudo gira segundo a vontade dos ventos ou do oma-kisi. O homem acaba por não contar, é um joguete das forças superiores. Se o homem não conta, como vai mudar a sociedade e aperfeiçoar os métodos de trabalho? Só a

educação pode mudar as coisas, mas uma educação vista em termos globais, de cultura. É o que fazemos lá.

- Talvez tenhas razão.

- Devemos aproveitar os cânticos, as danças, as outras artes tradicionais. Mas depurando-as das crendices obscurantistas.

- O que significa adulterar a cultura, pois esta é um todo.

- Qualquer aperfeiçoamento é uma adulteração. E nenhuma cultura se mantém parada. Isso queriam os nossos tradicionalistas, para não perderem os privilégios.

- Talvez.

- Não te chateio mais. Põe música. Tens Vivaldi?

- Como adivinhaste, Cândido?

- Talvez eu seja um pouco feiticeiro!

E riram os dois. Os primeiros acordes das Quatro Estações invadiram a sala e Lu se sentia bem com Cândido a seu lado. Um cuvale materialista que gostava de Vivaldi. Que mistura! Eu, como escritor, nunca teria a ousadia de inventar um personagem assim. Mas essa é a magia do nosso mítico Sul, que cria tais homens.

Pepetela

Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos moris iha 1941 iha Bengela (Angola), i agora nia autór koñesidu ho naran Pepetela. Nia sai tiha hakerek-na'in boot ida iha Angola no mós iha Luzofonia tomak nia laran. Iha 1963 nia tama ba MPLA - *Movimento Popular para a Libertação de Angola* (ne'ebé luta ba ukun-rasik an Angola nian hasoru kolonializmu portugés) no nia mós hela beibeik iha *Casa dos Estudantes do Império*, iha Lizboa, iha 1960/1970. Depois nia sei ko'alia kona-ba esperiénsia hirak-ne'e iha romanse hanesan *Mayombe*, *As Aventuras de Ngunga* ho *A Geração da Utopia*. Asuntu seluk tan ne'ebé mosu beibeik iha ninia knaar literáriu maka: harii identidade i Istória nia rain nian, susar oioin ne'ebé sira hetan bainhira sira-nia nasaun foin sai independente, problema hirak-ne'ebé mosu tanba funu sivíl ne'ebé haterus Angola durante tinan barak, no mós traisaun husi ukun-na'in balu ne'ebé soe tiha ideál ne'ebé sira defende uluk iha tempu funu nian no agora sai korruptu no buka de'it atu kaer metin ba sira-nia kadeira ukun nian.

Tuirmai iha parte husi livru "*Lueji – O Nascimento de um Império*" (Publicações Dom Quixote, edisaun datoluk, 1997) husi hakerek-na'in ida-ne'e.

pájina 451-456 (publika tiha tradusaun ba tetun ida-ne'e iha *Várzea de Letras*, Suplemento Literário mensal do jornal *Semanário*, nº 7, Agosto 2004)

Liutiha vitória ne'ebá, sira bá bár iha dalan sikun atu festeja tanba sira hatene loos ona katak la'ós de'it kadeira liurai nian iha Lunda maka salva maibé mós sira-nia espetákulu. Diretora hateten ohin ha'u maka selu no sira hotu basa liman. Lu ho Cândido tuur besik malu hela, tuir fali Jaime ho Olga, depois Diretora ho sira seluk. Falta Afonso Mabiala, maibé loron balu tiha ona nia lakon, maski nia dehan mai ha'u katak ohin nia sei mosu mai duni, atu selu osan ne'ebé nia tusan mai ha'u. No nia tusan barak, bár nia na'in konta

segredu ba bailarinu sira, nia hemu no mii, hemu no mii, hemu no mii. Iha klaran nia kompoin múzika balu.

- Keta ta'uk – Jaime dehan. – Nia sei simu barak agora.

- Ha'u hein katak nia sei la gasta hotu molok nia selu ha'u.

- Ita tenke fó deskulpa ba matenek-na'in sira – Lu dehan.

- Entaun ha'u la fó deskulpa ba nia? – bár nia na'in husu. – To'o ha'u husik nia toba iha kotuk ne'ebá bainhira nia la bele ona fila ba uma… No ha'u dehan ba imi de'it, nia matenek hanesan jéniu duni. Ha'u besik atu tanis bainhira rona ninia múzika sira.

Nia ba foti serveja no kafé sira, no Diretora aproveita pauza ne'e atu ko'alia:

- Ita bele dehan espetákulu prontu ona. Semana ida tan atu halo kabeer de'it no tuir mai ensaiu jerál. Ah, se ha'u hatene uluk karik, ha'u sei la kaer knaar ne'e, imi haree to'ok oinsá maka ha'u-nia isin tun.

- Husik bá – Jaime hateten. – Tebes, Ita gosta duni. No Ita di'ak liu krekas hanesan ne'e. Ita-Boot nia katuas-oan maka bele dehan.

- Ida-ne'e fó susar mai ita – dehan Diretora, no hatudu ba Cândido. – Molok ita foin bele deskobre problema, ha'u kuaze lakon neon.

- Buat ida ne'ebé ladi'ak maka imi la koñese ema-kuvale[1] sira, imi hatene de'it ami-nia naran. Ami ema independente, hori uluk hori wa'in ami hanesan ne'e. Atu bele ukun ami, só liuhosi masakre. No ami moris fila fali. Hanu'usá imi hakarak dadur kuvale ida ho imi-nia markasaun sira? Obriga ha'u halo pirueta ida bainhira ha'u haree duni katak tuir loloos ha'u tenke haksoit! Ikus liu imi komprende.

- Ida tan atu aumenta tribu anarkista sira-nian – Jaime dada iis maka'as. – Oinsá maka imi hakarak harii nasaun ida ho ida-idak halo hela konforme nia hakarak no la liga ba koletivu, ba regra sekulár no lulik sira?

- Ami iha-ne'e la harii nasaun ida – Lu dehan. – Arte lalika harii nasaun, só tenke leno nasaun.

- Fraze kle'an – Jaime dehan. – Kala laloos, maibé sé mak liga? No ha'u mós hanoin hanesan ne'e. Ó la komprende ironia ne'e, Lu. Ha'u-nia intensaun atu hu'an dogma sira, *un, deux, foueté, un, deux, trois, quatre, plié…*

- Ha'u hatene, Jaime. Tanba ne'e maka ó tuir korrente realizmu animista nian…

- Sin. Azár maka ha'u la halo buat ida atu sai banati. No seidauk mosu kakutak ida atu halo teoria ruma kona-ba korrente ne'e. Só iha de'it nia naran no nia realidade. Maibé bailadu ida-ne'e tomak realizmu animista, husi hun to'o rohan. Ita espera katak krítiku sira sei rekoñese ne'e.
- Istória saida mak ne'e? – Cândido husu.
- Jaime dehan katak estétika ida de'it ne'ebé di'ak ba ita maka realizmu animista – Lu esplika. – Hanesan iha tiha ona realizmu no neorealizmu, realizmu sosialista no realizmu fantástiku, no realizmu oioin tan.

- Hmmm, maizomenus ha'u haree ona – Cândido dehan.

- Ne'e di'ak – Jaime dehan. – Tanba dala ruma ha'u la haree. Maibé buat ne'ebé ita halo daudaun ne'e realizmu animista la iha dúvida ida. No se ita hetan susesu ne'e ita tenke agradese ba biru ne'ebé Lu tara iha kakorok. Nia lakohi atu konta istória, maibé nia la bele nega katak ne'e biru ida.

- Loos duni – Lu dehan, lailais tebes. – Maibé se ha'u konta karik nia sei lakon nia kbiit.

- Keta beik! – Cândido dehan. – Se espetákulu ne'e sai di'ak, ne'e tanba imi hotu iha kapasidade no enerjia ne'ebé to'o agora imi seidauk hatene. No imi fiar imi-nia an. Vontade, vontade maka'as, ne'e maka fekit.

Bailarinu ida ne'ebé mai husi Dundu husu ho respeitu atu ko'alia, foti liman, Ita-Boot sira fó lisensa? Sira hotu hateke ba nia, atu husik nia ko'alia.

- Ha'u boot liu imi. No haree tiha ona buat barak. Liuliu iha Lunda, ne'ebé rain mistériu nian… Ita labele duvida. No biru ida-ne'e ha'u koñese, ne'e ferik no katuas sira-nian, loos ka lae?

- Loos – Lu dehan.

- Ida-ne'e maka'as liu.

- Afinál – Cândido korta. – Imi haka'as an kleur hanesan ne'e, luta hasoru buat hotu-hotu no ema hotu-hotu no agora imi fó-méritu ka agradese de'it ba ai pedasuk ida. Imi la hanoin katak ne'e haraik an demais?

- Anarkista no materialista! – Jaime dehan. – Imi haree saida maka ita hetan iha rifa? No hakfodak bá, nia mai husi rai-maran fuik, ne'ebé la iha buat ida ema halo la ho serimónia lulik ruma.

- Ó halimar hela no ha'u ko'alia sériu, Jaime.

- Rona, Cândido – Lu korta tiha. – Ha'u mós la fiar… uluk ha'u la fiar, agora ha'u la hatene ona… Tebes maka buat hotu hahú sai di'ak liu. Ka kuaze buat hotu-hotu…

- Nia fó fiar-an ba ó, mak ne'e de'it. Bainhira ita fiar katak ita konsege halo buat ruma, ne'e hanesan ita la'o tiha ona to'o dalan klaran. Maibé karau-baka inan ida sei la bele hahoris leaun ida, maski ó tara biru barak iha ninia kakorok.

- Oh, karau-baka sira mós tenke temi – Jaime dehan. – Se lae la'ós ema-kuvale ida.

- Ida-idak uza ezemplu ne'ebé nia hatene. Deskulpa se ha'u ladún hatene kona-ba sasán sidade nian. Ha'u ema ne'ebé hakiak karau, maibé ha'u la fiar majia hirak ne'ebé imi temi barak. Ha'u-nia eskola to'o ona atu bele komprende buat sira nia hun.

- OK, OK, keta hirus, ida-idak hela ho ninia fiar. Maibé katak só realizmu animista de'it maka bele konta istória Lueji nian, ne'e ó labele nega.

- Fiar-bosok! – Cândido murmura, hanesan atu hirus ona.

Lu kaer nia liman iha meza leten, kalma, buat hirak-ne'e lalika diskute, ita nunka sei to'o ba nia rohan. Depois nia hasai nia liman, tanba sira seluk hotu hateke ba sira, hakfodak hela. Lu ladún toman halo jestu hamaus ho estima hanesan ne'e ba nia belun sira, iha buat ruma karik! Lae, lae ida, ne'e jestu ida ne'ebé nia halo de'it la hanoin buat seluk. Maski hanesan ne'e, ne'e halo Jaime hanoin.

- Dekualkér maneira, agora bainhira buat hotu-hotu la'o di'ak hela, Lu, keta soe biru ne'e – Diretora dehan. – La iha ema ida fiar buat ne'e, maibé mós sei la halo aat ba ó. Lenuk matenek mate bainhira nia katuas ona…

- La halo aat! – Cândido dehan. – Imi la komprende. Tebes duni, ema-sidade sira la para halo ha'u hakfodak. Imi hela iha sidade-boot no iha-ne'e mosu ema husi rain hotu-hotu iha mundu, imi haree sinema no televizaun husi fatin hotu-hotu. Tuir loloos imi tenke iha hanoin sientífiku, liuliu tanba falta de'it fulan balu ba tinan rihun rua. Maibé afinál imi hakarak ke'e-sai fali fiar atrazadu de'it…

- Ke'e-sai fali? – Olga ko'alia ba dala uluk. – Fiar hirak-ne'e iha-ne'e hela, hanu'usá "ke'e-sai fali"?

- Sin, ó dehan loos duni – Cândido hatán. – Ke'e-sai ne'e liafuan laloos. Imi hakarak haberan fiar hirak-ne'e, hanesan ne'e di'ak liu tan. Relijiaun sira só kesi ema. Imi seidauk ba foho, loos ka lae? Ne'e duni, imi la hatene buat hirak ne'ebé ema halo tanba fiar no relijiaun sira-ne'e. Ema labele halo buat ida hasoru natureza, sira husik natureza hanehan sira, la iha buat ida atu sira bele halo, rain-na'in no mate-klamar de'it maka hatene sei udan ka lae, rai-maran fuik sai luan liu tan no karau sira mate, rain-na'in ka mate-klamar sira maka hakarak hanesan ne'e tanba ema ruma halo sala hasoru sira. No obras ne'ebé presiza hodi hadi'a situasaun ema la halo, no ema kontinua nu'udar atan ba natureza ka ba ema sira seluk ne'ebé kbiit boot liu. Sira-ne'e maka defende tradisaun ba buat hotu-hotu atu kontinua hanesan ne'e de'it nafatin no sira bele rai ka haberan sira-nia kbiit iha sosiedade nia leten. Ne'e la'ós teoria, ne'e akontese iha ne'ebé iha ha'u-nia rejiaun. No iha fatin seluseluk. No ha'u mai iha Luanda, ne'ebé tuir loloos iha-ne'e maka tenke mosu ideia hirak ne'ebé avansadu liu, no afinál saida maka ha'u haree? Intelektuál sira, artista sira, hamulak ba maromak oioin ka tara biru iha sira-nia kakorok. No lakon sira-nia fiar-an, lakon mós sira-nia domin ba an rasik, haraik an ba rain-na'in sira. La di'ak liu!
La iha ema ida hatán. Nia liafuan hatudu nia laran-kraik, ko'alia ho jeitu sériu maibé la hirus. Sira la hakfodak, sira hanoin de'it. Cândido kontinua:
- Bailadu ne'e di'ak tanba imi tau hamutuk vontade no talentu la hanesan baibain. Imi mesak di'ak de'it no imi halo buat furak ida mosu. Keta hamenus folin husi imi-nia knaar. Husik bá ema seluk hatun imi-nia folin, tanba razaun aat oioin ne'ebé ita hotu hatene. Keta imi rasik maka haree buat ladi'ak iha imi-nia oan.
- Tanbasá maka ó tau ó-nia an iha li'ur? – Lu husu.
- Tanba ha'u sa'e komboiu bainhira nia la'o hela ona. Méritu imi-nian. Ha'u la halo buat ida…
- Ó haburas loos. Ó hasa'e folin ba buat ne'ebé ami tau ona.
- OK! Ha'u hasa'e hela folin. Ita hotu hasa'e hela folin. La'ós kriatura sobrenaturál ruma maka ajuda ita, ne'e maka ha'u hakarak imi atu komprende.
- Konserteza la'ós – Diretora dehan. – Loloos, ami hatene. Maibé hanoin katak fitun sira-nia pozisaun ka rain-na'in sira-nia tulun di'ak

ba ita haberan ita-nia fiar-an no halo buat hotu-hotu sai di'ak liu tan, tanba ita halo ho neon-metin. Mak ne'e de'it.
- Ne'e kontinua nafatin fó fatin ba fiar-bosok.
- Se ami fó-sai buat hirak-ne'e iha entrevista ida, entaun ne'e loos – Jaime dehan. – Maibé ne'e iha ita-nia leet de'it. Ne'e hanesan kumplisidade koletiva, halimar uitoan, ne'ebé hametin unidade ka koezaun iha grupu laran.
- Halimar uitoan? Imi halimar hela bainhira imi tau sanan ida ho bee iha odamatan kotuk, bainhira imi atu treina?

- Oh, ne'e ba mate-klamar aat sira la bele tama liu odamatan – Jaime dehan, no hamnasa maka'as. – Ne'e maka di'ak liu se ema nia aman xeku ne'ebá halo bainhira uluk ita halo ensaiu ba "*Cahama*". Tanba ne'e maka ita la susesu…

Cândido hamriik husi meza, agora nia nervozu. Nia lian sai kro'at, nia haree duni hanesan ema-kuvale ida komanda hela atake ida:

- Ho imi maka ha'u la bele ko'alia.

Nia atu sai maibé Lu kaer fila fali nia liman, hein, ó sei la la'o ho ami ba uma? Ó-nia otél besik ami-nia fatin. Grupu tomak hamriik husi meza, sira fahe malu iha grupu oioin, lakon iha kalan ho mahobeen ne'ebé monu hela ona iha sidade leten. Cândido akompaña Lu no Olga. Durante tempu balu sira nonook de'it. Lu hanoin hela kona-ba forsa ne'ebé mosu-sai husi nia parseiru nia karater. Ulun-toos, neon-na'in, kala dogmátiku, nia mós hotu? Fasil atu haree katak nia iha ninia povu nia neon-metin duni, sé mak la hatene kuvale sira-nia aten-barani ne'ebé nunka lakon neon, sira sempre foti ulun hasoru opresaun sira hotu, ho orgullu ho sira-nia karau no sira-nia *onganda* [lutu ba defeza ne'ebé hale'u liurai nia uma no nia feen sira-nian]? Maibé Cândido mós hatene sai laran-luak no estimadór, hanesan Ilunga. Nia hanesan Ilunga kahur ho Tchinguri? Uluk nia mós hanoin tiha ona hanesan ne'e kona-ba Uli, maibé iha momentu ne'ebá nia hanoin sala, Uli la neon-na'in hanesan Tchinguri. Cândido, sin, nia maka sínteze. Ne'e signifika saida mai ha'u? Nia nega atu hanoin ba dook tan no nia dehan:

- Ó mai han-kalan ho ami. Olga sei prepara buat ruma gostu, ne'e ka, Olga?

Cândido aseita no sira tama iha uma-andár, ne'ebé nia eskada iha nakukun laran hela dala ida tan.

- Iha ne'e sei nunka iha ahi – Olga murmura.

- Maibé tanbasá? – Cândido husu.

- Dala ida-idak ne'ebé ita tau ahi-oan foun, ema ruma na'ok tiha. Ahi-oan sei kuran nafatin iha sidade.

Sira sa'e eskada lamas-lamas ba parede. No Olga bá prepara tiha hahán-kalan. Cândido aproveita atu ko'alia:

- Ha'u lakohi fila fali ba asuntu ohin nian, maibé la di'ak liu, Lu. Imi halo ha'u laran-kraik. Imi halimar ho buat hirak-ne'e, balu halimar, balu lae, maibé sira dehan sira mós halimar… No imi la haree ba konsekuénsia sira. Imajina bailarinu sira ne'ebé mai husi Lunda. Sira la eskola-boot hanesan imi. Sira fiar duni ba fekit. No sira sei dehan saida bainhira sira fila fali ba sira-nia rain? Artista sira husi sidade mós fiar. Sira to'o atu tau sanan ho bee hodi hadook rain-na'in no mate-klamar sira. Ida-ne'e sei haberan sira-nia fiar-bosok no sei fó argumentu ida maka'as loos ba sira hodi konvense sira-nia ema iha Lunda ne'ebá. Maibé artista sira iha responsabilidade boot ida ba edukasaun povu nian. Ho buat ne'ebé sira dehan ka hamosu no ho sira-nia ezemplu. No ida-ne'e maka ezemplu ne'ebé imi hatudu? Ha'u hakarak ó hanoin kona-ba buat ne'e, Lu. Buat ne'ebé bele sai hanesan halimar iha sidade, ne'ebé la iha konsekuénsia tan, sai importante paramate iha foho. Luanda tenke hahú hanoin ba nasaun tomak. Labele moris ba nia an de'it.

- Jaime halimar ho buat ne'e, maibé ha'u lae. Loron ida ha'u sei konta istória ne'e ba ó, nia pelumenus halo ita neon-taridu. Maibé ohin lae.

- Entaun ha'u konta ha'u-nian ba ó. Kuandu ha'u bá eskola, ha'u sei fiar buat hirak-ne'e hotu hanesan labarik kuvale baibain. Depois ha'u hahú estuda siénsia sira no ha'u komesa hetan resposta ba pergunta hirak ne'ebé uluk ha'u halo iha *onganda*, ne'ebé ema iha-ne'ebá toman esplika mai ha'u liuhosi forsa naturál sira ka fekit ka malisan ne'ebé ema la hatene. No resposta sira siénsia nian loloos duni. Ha'u interesa, ha'u kuriozu no ha'u estuda barak liu ema hotu. No beibeik-beibeik resposta sira sai loloos liu tan. Ha'u bá *Tchivinguiro*, ha'u só hakarak estuda atu bele hetan resposta ne'ebé klaru liu tan. No ha'u hetan duni. Fiar hirak-ne'e só serve atu halo ema sai atan. Tanba ne'e maka ha'u hakarak sai profesór.

Atu liberta foin-sa’e sira ne’ebé tama iha-ne’ebá nakonu ho superstisaun ka fiar-bosok sira, tanba sira kuaze hotu-hotu mai husi foho. Ema-sidade ida-ne’ebé maka hakarak estuda agronomia ka pekuária? No ida-ne’e maka ha’u-nia serbisu. Hatudu katak se ita iha mentalidade sientífika karau sira sei aumenta liu tan no ema sei hetan sasán barak liu tan, sei moris di’ak liu tan. Ne’e maka ha’u-nia luta loroloron. Nu’udar profesór dansa nian mós hanesan ne’e, hatudu katak ita tenke uza ita-nia lisan, maibé ho diresaun ba progresu, ba libertasaun ema sira-nian. Nune’e. Imajina katak Jaime halimardór bá ne’ebá hatudu ninia halimar. Nia sei sobu serbisu ne’e hotu. Ne’e justu?

- Ha’u konfuza loos. Konserteza la’ós justu se ema lasériu bá ne’ebá estraga imi-nia serbisu. Atu halimar de’it. Maibé ha’u sente ladún loos katak fiar hirak-ne’e halo ema sai atan…

- Ne’e fasil tebetebes atu haree ba ema ne’ebé moris tiha ona iha sosiedade hirak-ne’e. Podér tradisionál nia hun mak ne’e. Husi katuas sira ba foin-sa’e, husi mane sira ba feto sira, husi ideia antigu sira ba ideia foun sira. No ema nia haraik-an ba natureza. Ema sai kbiit-laek ba mudansa sira ne’ebé di’ak, tanba buat hotu-hotu la’o tuir anin sira ka *oma-kisi* [duruhui] sira-nia hakarak. Ema sai hanesan laimportante, nia hanesan brinkedu ba forsa superiór sira. Se ema laimportante, oinsá maka nia bele muda sosiedade no hadi’a lala’ok serbisu nian? Edukasaun de’it maka bele muda buat hirak-ne’e, maibé edukasaun ida ne’ebé tenkesér globál, kultura nian. Ne’e maka ami halo iha-ne’ebá.

- Kala ó loos duni.

- Ita tenke kaer metin ba hananu no dansa, no arte tradisionál sira seluk. Maibé presiza hamoos, halakon tiha fiar-bosok atrazadu.

- Ne’e signifika adulterasaun, katak halakon kultura ne’ebé tebes no hamosu kultura ne’ebé falsu ona, tanba kultura ne’e buat ida ne’ebé tomak.

- Hadi’a ka aperfeisoamentu hotu-hotu sempre adulterasaun ida. No la iha kultura ida ne’ebé para hela nafatin. Se bele hanesan ne’e duni karik, ne’e sei halo kontente ita-nia tradisionalista sira atu la lakon sira-nia priviléjiu.

- Kala hanesan ne’e.

- Ha’u la xateia tan ó. Tau múzika lai. Ó iha Vivaldi?
- Oinsá maka ó si’ik, Cândido?
- Ha’u matan-dook uitoan karik!

No sira na’in-rua hamnasa. Primeirus akordes husi *Quatro Estações* hakonu sala laran no Lu sente di’ak ho Cândido iha nia sorin. Kuvale materialista ida ne’ebé gosta Vivaldi. Arbiru de’it! Ha’u, nu’udar hakerek-na’in, sei nunka barani atu inventa personajen ida hanesan ne’e. Maibé ne’e majia husi ita-nia rain mitu nian iha Súl, ne’ebé halo mosu mane hanesan ne’e.

[1] NhT: “Kuvale” ne’e naran husi etnia ida iha rai-Angola

Leandro e Leonardo
A cantar o amor...

Era uma vez uma família pobre, constituída pelo senhor Avelino Costa, a Dona Carmen e os seus oito filhos. Os pequenos começavam o dia às quatro da manhã, caminhando com o pai para as roças de tomate para trabalharem e ganharem o pão para a família. Na sua casa humilde só se comia carne uma vez por mês. Nas horas vagas o senhor Avelino ensinava os filhos a tocar viola. Esta história começa num lugar chamado Goianópolis, no interior do Brasil. Na década de 70, um dos filhos resolveu tentar a sorte na música e, ainda adolescente, fez parte de uma banda chamada “Os Dominantes”, que interpretava sem grande sucesso canções da moda dos Beatles, Roberto Carlos e Bee Gees em boates “em que moças direitas não punham os pés”. Esse rapaz tinha por nome José Luís Costa, nascido em 15 de Agosto de 1961, muito mais conhecido pelo nome artístico de Leandro. Emival Eterno Costa, que nasceu em 25 de Julho de 1963 e sonhava ser jogador de futebol, continuou a trabalhar na agricultura, até que percebeu que não ia longe por aí e decidiu juntar-se ao irmão. Hoje toda a gente o conhece por Leonardo. Nos primeiros tempos iam sobrevivendo com empregos de ocasião: num mercado, numa farmácia, numa lavandaria... Um dia Emival ouviu um motorista contar que a sua mulher tinha dado à luz gémeos e que lhes iam chamar Leandro e Leonardo. Os manos José Luís e Emival consideraram isso um bom augúrio e resolveram adoptar esses nomes para a dupla de música sertaneja que tinham formado. Começaram por actuar numa boate dos arredores de Goiânia muito mal frequentada, onde as noites terminavam às vezes em porrada e facadas. Daí foram avançando, fizeram depois exibições pelo interior do Brasil em feiras, exposições agro-industriais e circos, ainda com dificuldade para conseguir gravar as suas músicas. Em 1983 gravaram o seu primeiro LP com o seu próprio dinheiro, que não teve grande sucesso, mas fez surgir a oportunidade para gravar o primeiro disco profissional. E depois vieram os sucessos, com músicas como “Contradições”, “Entre Tapas e Beijos”, “Pense em Mim”, “Não Aprendi a Dizer Adeus”, “Paz na

Cama”, “Sonho por Sonho”, “Temporal de Amor”... Gravaram muitos discos, participaram em programas de televisão, fizeram digressões bem pagas a cantar pelas grandes cidades do Brasil e por outros países, entraram numa parceria com duas outras duplas sertanejas, Chitãozinho & Xororó e Zezé di Camargo & Luciano, para criarem o espectáculo “Amigos”, o êxito não parava... Um dia estavam ambos a pescar com um amigo, quando Leandro sentiu uma dor forte nas costas. Depois de testes no seu país e nos Estados Unidos, os exames revelaram que tinha um tipo de cancro raro no pulmão direito. Em 23 de Junho de 1998 Leandro morreu. O seu irmão continua hoje a carreira a solo, e uma dupla nova, formada pelos filhos de ambos, Tiago e Pedro, começa também a dar os primeiros passos no mundo de espectáculo...

Esta é a história, mais coisa menos coisa, contada nas inúmeras páginas de fãs que se encontram na Internet. Mas também há páginas que contam outra história, a da música sertaneja e da progressiva perda de autenticidade que esta tem sofrido desde os anos 70, de tal forma que muitos se referem hoje a ela como música “breganeja” (num fenómeno algo parecido com o da chamada música “pimba” em Portugal). Também conhecida como música caipira e com origem no folclore do sertão brasileiro, tinha frequentemente como tema a vida rural e dos peões que tomavam conta do gado, bem como histórias contadas à noite à volta das fogueiras. Começou a ser conhecida do grande público através de grandes nomes como Cornélio Pires, Angelino de Oliveira, Raul Torres, João Pacífico, Serrinha, Cascatinha e Inhana, Tião Carreiro, Sérgio Reis, e Léo Canhoto e Robertinho. Estes últimos iniciaram um movimento de aproximação a outros géneros musicais como o country norte-americano, a música romântica popular brasileira e mesmo o rock. Nas décadas de 80 e 90 a tendência continuou no sentido de afastamento das raízes e de procura de formas mais comerciais, apelando a mais largas faixas de público, e privilegiando temas que agradassem a todos, como o amor, as paixões, os ciúmes, despedidas e amores não-correspondidos. Nesta nova fase destacam-se duplas como Leandro & Leonardo, Chitãozinho & Xororó, Chrystian & Ralf, Zezé di Camargo & Luciano, João Paulo & Daniel e Rionegro & Solimões.

No Brasil e noutros países os CDs de Leandro e Leonardo vendem milhões de cópias, dando lugar a prémios diversos de campeões de vendas. Aqui em Timor-Leste, onde a quase totalidade dos CDs e VCDs vendidos são piratas, os barómetros de popularidade são outros. Basta ir a qualquer festa de casamento, e imediatamente se percebe o entusiasmo que a música dos dois irmãos provoca.

publicado no
jornal *Semanário*, Ano 0, nº 0029, 24 de Julho de 2004

Leandro e Leonardo
Hananu domin...

Iha tempu uluk iha família mukit ida, ne'ebé inklui señór Avelino Costa, Dona Carmen no sira-nia oan na'in-ualu. Labarik sira hahú sira-nia loron tuku haat dadeer, la'o ho sira-nia aman ba to'os hodi kuda tomate, serbisu atu manán osan ba sira-nia família. Iha sira-nia uma kiak sira han na'an fulan ida dalan ida de'it. Bainhira señór Avelino iha tempu livre nia hanorin nia oan sira toka viola. Istória ida-ne'e komesa iha fatin ida naran Goianópolis, iha foho Brazíl nian. Iha dékada 70, nia oan mane ida deside atu buka moris ho múzika no, bainhira nia sei adolexente, nia hola parte iha banda ida naran "Os Dominantes", ne'ebé kanta, ladún ho susesu, kantiga sira ne'ebé ema toman rona iha otas ne'ebá husi Beatles, Roberto Carlos no Bee Gees iha diskoteka hirak "ne'ebé feto aat de'it maka tama". Labarik-mane ne'ebá naran José Luís Costa, moris iha loron-15 fulan-Agostu 1961, maibé ema barak koñese nia ho nia naran artístiku Leandro. Emival Eterno Costa, ne'ebé moris iha loron-25 fulan-Jullu 1963 no mehi atu sai jogadór futeból, kontinua serbisu nu'udar to'os-na'in, to'o nia komprende katak tuir dalan ne'e nia sei la bá dook no nia rezolve atu halibur ho nia maun. Agora ema hotu-hotu koñese ho naran Leonardo. Primeiru sira buka moris lororoon nian liuhosi serbisu oioin ne'ebé mosu: iha merkadu, iha farmásia, iha fatin fase roupa... Loron ida Emival rona motorista ida konta katak nia feen foin hahoris oan-kaduak no sira atu tau naran Leandro i Leonardo. Maun-alin José Luís no Emival haree ne'e nu'udar sinál sorte ba sira no sira deside atu uza naran rua ne'e nu'udar naran artístiku ba dupla múzika sertaneja nian ne'ebé sira foin hahú. Sira komesa toka iha diskoteka ida besik Goiánia ne'ebé ema ladún di'ak maka toman tama, no kalan baibain hotu ho ema baku malu no sona malu. Husi ne'e sira laó ba oin neineik, sira ba toka iha fatin oioin iha sidade ki'ik barak, iha basar, iha espozisaun kona-ba agroindústria no iha sirku, maibé kontinua susar atu bele grava sira-nia múzika. Iha 1983 sira grava sira-nia LP dahuluk ho sira-nia osan rasik. LP ne'e ladún hetan susesu maibé hamosu oportunidade atu grava sira-nia disku profisionál primeiru. Depois

sira hetan susesu barak, ho múzika hanesan “*Contradições*” (Kontradisaun sira), “*Entre Tapas e Beijos*” (Entre basa ho re’in), “*Pense em Mim*” (Hanoin ha’u), “*Não Aprendi a Dizer Adeus*” (Ha’u la aprende dehan Adeus), “*Paz na Cama*” (Dame iha kama), “*Sonho por Sonho*” (Mehi ba mehi), “*Temporal de Amor*” (Anin-fuik no udan-boot domin nian)... Sira grava disku barak, sira hola parte iha programa televizaun, sira lemo rai no hetan osan barak hodi kanta iha sidade boot sira iha Brazíl no iha nasaun seluk, sira hananu serbisu lisuk ho dupla sertaneja rua tan, Chitãozinho & Xororó no Zezé di Camargo & Luciano, hodi hamosu espetákulu “*Amigos*”, sira nia susesu la hotu... Loron ida sira na’in-rua peska hela ho sira-nia belun ida, no Leandro sente moras maka’as iha ninia kotuk. Halo tiha teste oioin iha sira-nia rain no iha Estadus Unidus, ezame sira hatudu katak nia moras ho kankru oin ida ne’ebé raru iha ninia pulmaun kuanan. Iha loron-23 fulan-Juñu 1998 Leandro mate. Nia alin kontinua nafatin nia karreira mesak, no dupla foun, ho ida-idak nia oan, Tiago no Pedro, komesa mós la’o ona iha mundu espetákulu nian...

Ne’e maka istória, maizomenus, ne’ebé pájina barak fan sira-nian konta iha Internet. Maibé iha mós pájina hirak ne’ebé haktuir istória seluk, kona-ba múzika sertaneja no oinsá maka múzika ne’e hadook husi nia abut liuliu ba beibeik, hahú iha dékada 70, to’o agora ema barak hanaran nia “múzika breganeja” (ne’e fenómenu atu hanesan ho “múzika pimba” nian iha Portugál). Ema wa’in mós koñese muzika ne’e ho naran *caipira*, ne’ebé nia orijen husi folklore husi rain sira iha Brazíl nia laran ne’ebé dook husi sidade boot no ema barak iha-ne’ebá kiak. Uluk, dala barak sira hananu kona-ba ema rurál no karau-atan sira-nia moris, no mós kona-ba istória hirak ne’ebé ema toman konta bainhira tuur hale’u ahi iha kalan. Públiku barak hahú koñese múzika ne’e liuhosi kantadór naran-boot hanesan Cornélio Pires, Angelino de Oliveira, Raul Torres, João Pacífico, Serrinha, Cascatinha i Inhana, Tião Carreiro, Sérgio Reis, no Léo Canhoto i Robertinho. Sira ikus ne’e komesa movimentu atu hakbesik ba múzika oin seluk hanesan *country* norte-amerikanu, múzika romántika populár brazileira no mós *rock*. Iha dékada 80 no 90 tendénsia kontinua ba diresaun atu hadook husi sira-nia lisan no

abut no buka de'it jeitu ne'ebé komersiál liu tan, katak ne'ebé fa'an di'ak liu, bolu públiku barak liu tan, no kanta agora só kona-ba asuntu ne'ebé ema hotu-hotu bele gosta, hanesan domin, paixaun sira, siúmes, fahe malu, hadomi ema ne'ebé la hadomi ita. Iha faze foun ida-ne'e mosu dupla naran-boot oioin hanesan Leandro & Leonardo, Chitãozinho & Xororó, Chrystian & Ralf, Zezé di Camargo & Luciano, João Paulo & Daniel no Rionegro & Solimões.

Iha Brazíl no iha rain seluseluk Leandro i Leonardo nia CD sira fa'an kópia millaun barak, no tanba ne'e sira hetan prémiu oioin nu'udar kantadór ne'ebé sira-nia CD fa'an barak liu hotu. Iha-ne'e iha Timór Lorosa'e, ne'ebé CD no VCD kuaze hotu-hotu ne'ebé ema fa'an pirata mesak de'it, ita tenke uza métodu seluk atu buka hatene sé maka populár liu hotu. Presiza de'it bá festa kazamentu ruma, no ita sei haree kedas oinsá maka timoroan sira gosta tebes maun-alin ne'e sira-nia múzika.

Versaun ho lia-portugés publika tiha iha
jornál *Semanário*, Ano 0, nº 0029, 24 fulan-Jullu 2004

Letras de algumas canções especialmente conhecidas em Timor
Liafuan husi kantiga balu ne'ebé koñesidu liu iha Timór

Temporal de amor – ***Leandro e Leonardo***

Chuva no telhado
Vento no portão
E eu aqui nesta solidão
Fecho a janela
'Tá frio no nosso quarto
E eu aqui sem o teu abraço

Doido pra sentir seu cheiro
Doido pra sentir seu gosto
Louco pra beijar seu beijo
Matar a saudade e esse meu desejo

Vê se não demora muito
Coração 'tá reclamando
Traga logo teu carinho
'Tou aqui sozinho, 'tou te esperando

Quando você chegar
Tira essa roupa molhada
Quero ser a toalha
E o seu cobertor

Anin-fuik no udan-boot domin nian – ***Leandro e Leonardo***

Udan iha uma-kakuluk
Anin iha odamatan boot
No ha'u iha-ne'e mesak hela
Ha'u taka janela
Malirin hela iha ita-nia kuartu
No ha'u iha-ne'e la iha ó-nia hako'ak

Ha'u bulak ona hein atu horon ó-nia iis
Ha'u bulak ona hein atu sente ó-nia gostu
Ha'u bulak ona hein atu re'i ó-nia re'in
atu halakon saudades no ha'u-nia kaan ne'e

Koko atu mai la kleur
Ha'u-nia laran reklama hela
Lori mai lailais ó-nia hamaus
Ha'u iha-ne'e mesak, ha'u iha-ne'e hein hela ó

Bainhira ó to'o mai
Hasai ó-nia roupa bokon
Ha'u hakarak sai ó-nia toalla
no ó-nia manta

Quando você chegar Manda a saudade sair Vai trovejar, vai cair Um temporal de amor	Bainhira ó to’o mai Manda saudades bá ona Rai sei tarutu, sei mosu anin-fuik no udan-boot domin nian
Doido pra sentir seu cheiro Doido pra sentir seu gosto Louco pra beijar seu beijo Matar a saudade e esse meu desejo	Ha’u bulak ona hein atu horon ó-nia iis Ha’u bulak ona hein atu sente ó-nia gostu Ha’u bulak ona hein atu re’i ó-nia re’in atu halakon saudades no ha’u-nia kaan ne’e
Vê se não demora muito Coração ‘tá reclamando Traga logo teu carinho ‘Tou aqui sozinho, ‘tou te esperando	Koko atu mai la kleur Ha’u-nia laran reklama hela Lori mai lailais ó-nia hamaus Ha’u iha-ne’e mesak, ha’u iha-ne’e hein hela ó
Quando você chegar Tira essa roupa molhada Quero ser a toalha E o seu cobertor	Bainhira ó to’o mai Hasai ó-nia roupa bokon Ha’u hakarak sai ó-nia toalla no ó-nia manta
Quando você chegar Manda a saudade sair Vai trovejar, vai cair Um temporal de amor	Bainhira ó to’o mai Manda saudades bá ona Rai sei tarutu, sei mosu anin-fuik no udan-boot domin nian
Quando você chegar Tira essa roupa molhada Quero ser a toalha E o seu cobertor	Bainhira ó to’o mai Hasai ó-nia roupa bokon Ha’u hakarak sai ó-nia toalla no ó-nia manta

Quando você chegar
Manda a saudade sair
Vai trovejar, vai cair
Um temporal de amor
Um temporal de amor
Um temporal de amor

Bainhira ó to'o mai
Manda saudades bá ona
Rai sei tarutu, sei mosu
anin-fuik no udan-boot domin nian
anin-fuik no udan-boot domin nian
anin-fuik no udan-boot domin nian

Quero colo – *Leandro e Leonardo*

Quem é que garante
Que não vou chorar
Se eu ficar sozinho
Não vou segurar

Lágrimas que rolam
Não voltam para trás
Um amor que vai
É uma mágoa a mais

Já perdi um grande amor
E não quero a mesma dor
O meu peito já chorou
Tudo o que eu tinha para chorar

Eu preciso de um beijo
Quero colo
Quero tanto esse teu cheiro
Quero colo

Ha'u hakarak ema estima no hamaus ha'u – *Leandro e Leonardo*

Sé maka bele fó-garantia
Katak ha'u sei la tanis
Ha'u sai mesak karik
Ha'u sei la tahan

Matan-been ne'ebé sulin
sei la fila fali
Domin ida ne'ebé bá ona
sai tristeza ida tan

Ha'u lakon tiha ona domin boot ida
No ha'u lakohi terus tan hanesan
Ha'u-nia hirus-matan tanis tiha ona
Buat hotu ne'ebé nia bele tanis

Ha'u presiza re'in ida
Ha'u hakarak ema estima no hamaus ha'u
Ha'u hakarak loos ó-nia iis
Ha'u hakarak ema estima no hamaus ha'u

Eu preciso de um beijo
Quero colo
Quero tanto esse teu cheiro
Quero colo

Ha'u presiza re'in ida
Ha'u hakarak ema estima no hamaus ha'u
Ha'u hakarak loos ó-nia iis
Ha'u hakarak ema estima no hamaus ha'u

Quem é que garante
Que não vou chorar
Se eu ficar sozinho
Não vou segurar

Sé maka bele fó-garantia
Katak ha'u sei la tanis
Ha'u sai mesak karik
Ha'u sei la tahan

Lágrimas que rolam
Não voltam para trás
Um amor que vai
É uma mágoa a mais

Matan-been ne'ebé sulin
sei la fila fali
Domin ida ne'ebé bá ona
sai tristeza ida tan

Já perdi um grande amor
E não quero a mesma dor
O meu peito já chorou
Tudo o que eu tinha para chorar

Ha'u lakon tiha ona domin boot ida
No ha'u lakohi terus tan hanesan
Ha'u-nia hirus-matan tanis tiha ona
Buat hotu ne'ebé nia bele tanis

Eu preciso de um beijo
Quero colo
Quero tanto esse teu cheiro
Quero colo

Ha'u presiza re'in ida
Ha'u hakarak ema estima no hamaus ha'u
Ha'u hakarak loos ó-nia iis
Ha'u hakarak ema estima no hamaus ha'u

Eu preciso de um beijo
Quero colo
Quero tanto esse teu cheiro
Quero colo

Ha'u presiza re'in ida
Ha'u hakarak ema estima no hamaus ha'u
Ha'u hakarak loos ó-nia iis
Ha'u hakarak ema estima no hamaus ha'u

Eu preciso de um beijo Quero colo Quero tanto esse teu cheiro Quero colo Quero colo	Ha'u presiza re'in ida *Ha'u hakarak ema estima no hamaus ha'u* Ha'u hakarak loos ó-nia iis *Ha'u hakarak ema estima no hamaus ha'u* *Ha'u hakarak ema estima no hamaus ha'u*
Eu preciso de um beijo Quero colo Quero tanto esse teu cheiro Quero colo Quero colo Quero colo	Ha'u presiza re'in ida *Ha'u hakarak ema estima no hamaus ha'u* Ha'u hakarak loos ó-nia iis *Ha'u hakarak ema estima no hamaus ha'u* *Ha'u hakarak ema estima no hamaus ha'u* *Ha'u hakarak ema estima no hamaus ha'u*
Não aprendi a dizer adeus – *Leandro e Leonardo*	**Ha'u la aprende dehan adeus – *Leandro e Leonardo***
Não aprendi a dizer adeus Não sei se vou me acostumar Olhando assim nos olhos seus Sei que vai ficar nos meus A marca desse olhar	Ha'u la aprende dehan adeus Ha'u la hatene se ha'u sei bele toman Ha'u fihir hela ó-nia matan hanesan ne'e Ha'u hatene katak sei hela iha ha'u-nia matan Marka husi ó-nia fihir ne'e

Não tenho nada pra dizer	Ha'u la iha buat ida atu hateten
Só o silêncio vai falar por mim	Siléensiu de'it maka sei ko'alia
Eu sei guardar a minha dor	Ha'u hatene rai ha'u-nia terus
Apesar de tanto amor	Maski domin boot hanesan ne'e
Vai ser melhor assim	dalan ida-ne'e di'ak liu
Não aprendi a dizer adeus	Ha'u la aprende dehan adeus
Mas tenho que aceitar	Maibé ha'u tenke simu
Que amores vem e vão	Katak domin sira mai no bá
São aves de verão	Sira manu-fuik bailoro nian
Se tens que me deixar	Se ó husik ha'u duni
Que seja então feliz	entaun ksolok ba ó iha ó-nia moris
Não aprendi a dizer adeus	Ha'u la aprende dehan adeus
Mas deixo você ir	Maibé ha'u husik ó bá
Sem lágrimas no olhar	Matan-been laek iha ha'u-nia matan
Seu adeus me machuca	Ó-nia adeus halo ha'u terus
O inverno vai passar	Tempu-malirin sei liu
E apaga a cicatriz	No sei hamoos ha'u-nia fitar
Não tenho nada pra dizer	Ha'u la iha buat ida atu hateten
Só o silêncio vai falar por mim	Siléensiu de'it maka sei ko'alia
Eu sei guardar a minha dor	Ha'u hatene rai ha'u-nia terus
Apesar de tanto amor	Maski domin boot hanesan ne'e
Vai ser melhor assim	dalan ida-ne'e di'ak liu
Não aprendi a dizer adeus	Ha'u la aprende dehan adeus
Mas tenho que aceitar	Maibé ha'u tenke simu
Que amores vem e vão	Katak domin sira mai no bá
São aves de verão	Sira manu-fuik bailoro nian
Se tens que me deixar	Se ó husik ha'u duni
Que seja então feliz	entaun ksolok ba ó iha ó-nia moris
Não aprendi a dizer adeus	Ha'u la aprende dehan adeus
Mas deixo você ir	Maibé ha'u husik ó bá

Sem lágrimas no olhar	Matan-been laek iha ha'u-nia matan
Seu adeus me machuca	Ó-nia adeus halo ha'u terus
O inverno vai passar	Tempu-malirin sei liu
E apaga a cicatriz	No sei hamoos ha'u-nia fitar
Não aprendi a dizer adeus	Ha'u la aprende dehan adeus
Mas tenho que aceitar	Maibé ha'u tenke simu
Que amores vem e vão	Katak domin sira mai no bá
São aves de verão	Sira manu-fuik bailoro nian
Se tens que me deixar	Se ó husik ha'u duni
Que seja então feliz	entaun ksolok ba ó iha ó-nia moris
Não aprendi a dizer adeus	Ha'u la aprende dehan adeus
Mas deixo você ir	Maibé ha'u husik ó bá
Sem lágrimas no olhar	Matan-been laek iha ha'u-nia matan
Seu adeus me machuca	Ó-nia adeus halo ha'u terus
O inverno vai passar	Tempu-malirin sei liu
E apaga a cicatriz	No sei hamoos ha'u-nia fitar

José Afonso, cantor de intervenção

Se fosse vivo teria neste mês feito anos o cantautor José Afonso. Aqui em Timor muitos lembrar-se-ão das suas músicas que tocavam na rádio em 74/75, outros recordam-se de antes ainda do 25 de Abril, quando oficiais milicianos (vindos das universidades e incorporados na tropa contra a sua vontade) por cá interpretavam e davam a conhecer as suas cantigas.

Todos sabemos quem é Iwan Fals, o cantor indonésio que criticava frequentemente as autoridades no tempo da ditadura de Suharto. Mas no mundo lusófono também encontramos muitos cantores que ergueram a voz contra situações de opressão em tempos em que a liberdade era apenas um sonho distante. Durante muitos anos no exílio o poeta e cantor timorense Abé Barreto denunciou, junto com o músico e activista canadiano Aloz MacDonald, a ocupação indonésia, fazendo-se porta-voz da causa da autodeterminação em concertos para muita gente e em pequenos palcos, às vezes improvisados, umas vezes para espectadores solidários, outras vezes para público indiferente ou mesmo hostil. Na Guiné-Bissau, antes da independência, José Carlos Schwarz e o seu grupo Cobiana Djazz recuperavam e modernizavam tradições musicais guineenses e denunciavam o colonialismo, como fazia Rui Mingas de Angola, e também músicos de outros países lusófonos da África. Em Portugal, quando o país vivia sob a ditadura de Salazar e Marcelo Caetano surgiram muitos cantores que se dedicavam ao que se veio a chamar o "canto de intervenção", que se pode definir sumariamente como um tipo de música consciente dos problemas sociais e políticos que tenta alertar as pessoas para a necessidade de mudança. Muitas vezes segue de mãos dadas com o esforço para evitar a alienação cultural, motivada pela importação exclusiva de modelos estrangeiros, frequentemente de pouca qualidade, propondo em vez disso a absorção selectiva de influências positivas e a busca das raízes na música popular para construir depois algo de novo a partir daí. O mais emblemático dos cantores de intervenção

em Portugal foi sem dúvida José Manuel Cerqueira Afonso dos Santos.

José Afonso, ou Zeca Afonso, como é mais conhecido, nasceu em Aveiro, Portugal, a 2 de Agosto de 1929, filho de um magistrado e de uma professora primária, e teve uma infância algo andarilha, devido às deslocações profissionais do pai. Viveu no "Ultramar" (como eram chamadas habitualmente na época as colónias africanas), Belmonte, e depois Coimbra. Nesta cidade fez a escola secundária e a universidade. Coimbra é em Portugal a cidade mais cheia de tradições académicas (como Joguejacarta na Indonésia), com a sua universidade fundada há sete séculos e muitas gerações de intelectuais portugueses a terem por ali passado. Os estudantes foram desenvolvendo através dos séculos uma série de regras que orientam a sua vida académica, algo a que se veio a chamar praxe, bem como um tipo de música próprio que é o fado de Coimbra. Habitualmente trajados com a capa e batina pretas, cantam sobre a vida dos estudantes, sobre amores e despedidas, sobre noites de boémia e copos... Fazem também serenatas às cachopas, que os ouvem à janela. José Afonso começou por cantar o fado de Coimbra tradicional. Depois foi levando as suas músicas para outros caminhos, quer recolhendo e interpretando cantigas tradicionais quer compondo poema e música de novas canções, muitas deles com uma mensagem política (normalmente não demasiado óbvia, pois a censura cortava as críticas ao regime).

Esta era uma época em que Coimbra começava a fervilhar de atitudes contestatárias. Zeca envolveu-se também em diversas actividades académicas. Em 1952 integrou uma lista de esquerda candidata à Direcção da Associação Académica de Coimbra, publicou também alguns textos na revista dos estudantes *Via Latina*. Esta revista viria aliás a ser ponto de partida para uma importante polémica, que polarizou posições entre a esquerda e a direita. Em Abril de 1961 foi publicado um texto intitulado "Carta a Uma Jovem Portuguesa", da autoria do estudante Artur Jorge Marinha de Campos, mas assinado apenas por A., no qual se denunciava a situação de quase prisão ou clausura em que viviam as estudantes universitárias, em contraste com a vida livre dos colegas masculinos.

No Portugal da época, onde se vivia ainda um catolicismo conservador, muito atrasado em relação ao resto da Europa, muita gente considerava ainda que as raparigas deviam estar fechadas dentro de portas ao fim da tarde. A "Carta", cujo texto hoje é lido como algo lírico e inocente, provocou naquele tempo um escândalo. As organizações da direita conservadora fizeram um virulento ataque à revista e à Associação Académica, o que contribuiu muito para unir os estudantes em torno de projectos da esquerda que se opunha ao regime vigente e ajudou também a despertar a consciência de muitas moças para os seus direitos como mulheres e cidadãs. Mesmo instituições sociais tradicionalmente conservadoras, como a praxe, eram usadas pelos estudantes para denunciar o regime, deixando a PIDE sem saber o que fazer. Na latada (cortejo pelas ruas da cidade, de recepção aos caloiros no início do ano) de 1961 havia caloiros a transportarem cartazes que diziam coisas como "O Salazar tem um cancro, coitado do cancro!"

José Afonso vai entretanto tentando equilibrar uma intensa participação cultural com as responsabilidades familiares e as necessidades económicas. Vai estudando, trabalha como revisor num jornal da cidade, o "Diário de Coimbra", faz o serviço militar obrigatório de 1953 a 1955, a seguir vai dando aulas em escolas e colégios em diversos pontos do país, e mais tarde, de 1964 a 1967, em Moçambique. Depois viria a ser expulso do ensino devido ao seu posicionamento político. E também chegou a estar preso pela mesma razão. E ia compondo, gravando e cantando. Apontava como seus mestres na música o guitarrista Flávio Rodrigues, Roseira Boavida, Edmundo Bettencourt e José da Lata (um cantor popular do Pico), bem como as cantadeiras das fogueiras de São João e a Cristina de Matos Cortesão, que era empregada doméstica de várias repúblicas (as repúblicas constituem uma velha tradição em Coimbra e são residências dos estudantes da Universidade, que funcionam em auto-gestão, e que ao longo da história se têm caracterizado pela atitude irreverente, boémia, rebelde, e muitas vezes de oposição aos poderes instalados). Bebia em fontes mais eruditas e noutras mais populares. Não tardaria a ser visto também como um mestre por muitos cantores da nova geração que aparecia então. Em 1969,

em tempos da chamada “Primavera Marcelista”, em que a ditadura, agora sob a liderança de Marcelo Caetano, tentava dar uma imagem de liberalização, surge um programa que fez história na televisão portuguesa, o “Zip-Zip”. Era um programa gravado ao vivo sobre música e a sobre a cena artística no Portugal da época, onde tinham presença frequente os “baladeiros” de intervenção que então cantavam no país. O programa era transmitido em diferido e em todas as sessões de gravação havia responsáveis da censura que davam ordens sobre o que podia ou não ser emitido. Muitos cantores tinham a maior parte das suas actuações cortadas. Curiosamente, a ida de Zeca Afonso ao programa, tal como da poetiza e declamadora Natália Correia, nunca chegou a ser autorizada pela censura.

Não se pode negligenciar a grande importância dos cantores de intervenção no despertar da consciência política de muita gente no Portugal daqueles tempos, assim como na socialização junto das classes populares da poesia de autores como Manuel Alegre, cuja “Trova do Vento que Passa” cantada por Adriano Correia de Oliveira se tornou quase um hino da oposição. Com o início da guerra colonial em 1961 e a mobilização forçada de muitos universitários para os teatros de operações em África, a canção de contestação também entrou nos quartéis, ajudando a preparar o clima que veio a desembocar no 25 de Abril.

Um momento importante para avaliar o que foi esse fenómeno foi o Encontro da Canção Portuguesa organizado pela Casa da Imprensa no Coliseu dos Recreios em Lisboa, em 29 de Março de 1974. O espectáculo, reunindo os grandes nomes da música de intervenção, foi sendo alternadamente proibido e autorizado durante o tempo em que esteve a ser organizado, e só na própria noite do concerto teve luz verde para a realização, mas com as letras cortadas pela censura. Um dos cantores, Manuel Freire (célebre principalmente por cantar o poema “Pedra Filosofal”, de António Gedeão), anunciou com ironia que se tinha esquecido das letras no comboio, e o público de milhares de pessoas compreendeu a mensagem e aplaudiu. A GNR e a PIDE-DGS estavam por todo o lado. Zeca Afonso foi autorizado pela censura a cantar apenas duas canções: “Milho Verde” e “Grândola Vila Morena”.

Esta última cantiga acabaria por se tornar um dos mais importantes símbolos da liberdade em Portugal. A primeira versão da canção apareceu em 1964 como homenagem à Sociedade Fraternidade Operária Grandolense. No início tinha quatro estrofes, que foram reduzidas a três e depois, por sugestão de José Mário Branco, foram aumentadas para seis, reproduzindo a estrutura tradicional do cante alentejano. Os militares revoltosos que preparavam o golpe de Estado para derrubar a ditadura escolheram esta cantiga para ser transmitida por uma rádio como senha definitiva para o seu movimento, aquela que pouco depois da meia-noite no dia 25 de Abril de 1974 dava o sinal para o arranque dos quartéis (a primeira senha preparatória fora a canção "E depois do adeus" cantada por Paulo de Carvalho). "Grândola Vila Morena" passou a ser praticamente um hino da "Revolução dos Cravos".

Depois da conquista da liberdade, Zeca Afonso continua envolvido em mil e um projectos, na música e na política, principalmente com organizações de esquerda e de extrema esquerda. Em 1982 vai a Moçambique e o Presidente Samora Machel recebe-o com honras semelhantes às de um chefe de Estado. Gravou vários discos depois do 25 de Abril. Entretanto descobre que tem uma doença incurável (esclerose lateral amiotrópica) que provoca a destruição lenta e progressiva do tecido muscular, e vem a falecer no hospital de Setúbal na madrugada de 23 de Fevereiro de 1987.

Um dia disse a alguém: "Quando começamos a procurar alibis para justificar o nosso conformismo, então está tudo lixado..."

publicado no
jornal *Semanário*, Ano 0, nº 0034, 28 de Agosto de 2004

José Afonso, kantadór-intervensaun

Se nia sei moris karik iha fulan ida-ne'e nia sei halo tinan, José Afonso, kantadór-autór. Iha-ne'e iha Timór ema barak sei hanoin nafatin nia múzika sira ne'ebé toka iha rádiu iha tinan 74/75, seluseluk sei hanoin otas molok loron-25 fulan-Abríl, bainhira ofisiál milisianu sira (ne'ebé mai husi universidade no tenke tama ba tropa hasoru vontade sira-nian rasik) interpreta no fó-hatene José Afonso nia kantiga sira iha-ne'e.

Ita hotu hatene sé maka Iwan Fals, kantadór husi Indonézia ne'ebé uluk kritika beibeik ukun-na'in sira iha tempu ditadura Suharto nian. Maibé iha mundu luzófonu ita mós hetan kantadór barak ne'ebé uza sira-nia lian hasoru situasaun opresaun iha otas ne'ebé liberdade nu'udar mehi de'it ne'ebé sei dook. Durante tinan barak iha ezíliu iha li'ur poeta no kantadór timoroan Abé Barreto, hamutuk ho múziku no ativista kanadianu Aloz MacDonald, kanta kona-ba okupasaun indonézia, no sai portavós ba kauza autodeterminasaun iha konsertu ba ema barak ka iha palku ki'ikoan de'it, dala ruma iha fatin ladún kapás, dala balu kanta ba públiku ne'ebé solidáriu, dala balu ba ema ne'ebé la liga ba situasaun Timór nian, ka nein hakarak rona sira. Iha Giné-Bisau, molok independénsia, José Carlos Schwarz ho nia grupu Cobiana Djazz foti no moderniza tradisaun muzikál Giné nian no denunsia kolonializmu, hanesan Rui Mingas husi Angola, no mós múziku husi rain luzófonu sira seluk iha Áfrika. Iha Portugál, bainhira ema sei hela iha ditadura okos, Salazar i Marcelo Caetano maka ukun, mosu kantadór barak ne'ebé fó sira-nia an ba hananu ne'ebé depois ema hanaran "*canto de intervenção*". Ne'e katak múzika oin ida ne'ebé fó atensaun maka'as ba problema sosiál i polítiku sira no koko atu "fanun" ema ba nesesidade atu halo sosiedade nakfila an ka la'o ba oin. Dala barak vontade ne'e la'o hamutuk ho esforsu atu sees husi alienasaun kulturál, ne'ebé mosu tanba simu de'it modelu husi li'ur, dala barak ho kuakidade lad'un di'ak, no nune'e kantadór-intervensaun sira buka atu hili saida maka di'ak atu simu no hasa'e fali abut múzika povu nian atu bele haburas múzika foun kapás husi ne'e. "*Cantor de intervenção*" naran-boot liu hotu, ne'ebé sai

emblema ba múzika hanesan ne'e iha Portugál maka José Manuel Cerqueira Afonso dos Santos.

José Afonso, ka Zeca Afonso, hanesan ne'e maka ema barak toman temi nia naran, moris iha Aveiru, Portugál, iha 2 fulan-Agostu tinan-1929, oan husi majistradu ida no mestra eskola primária nian ida, no bainhira nia sei labarik nia lemo rai beibeik, tanba nia aman nia servisu orsida ba fatin ida, orsida ba fatin seluk. Nia hela iha "*Ultramar*" (iha tempu ne'ebá ema toman uza liafuan ne'e hodi hanaran kolónia sira iha Áfrika), Belmonte, no depois Koimbra. Iha sidade ida-ne'e nia tuir eskola sekundária no universidade. Koimbra maka sidade Portugál nian ne'ebé iha tradisaun akadémika barak liu (hanesan Jogejakarta iha Indonézia), ho ninia universidade ne'ebé hahú tinan atus hitu liubá no jerasaun barak husi intelektuál portugés liu husi ne'ebá. Estudante sira dezenvolve iha sékulu barak nia laran regras lubun ida ne'ebé orienta sira-nia moris iha universidade, regras ne'ebé ema hanaran *praxe*, no mós múzika tipu ida ne'ebé fadu Koimbra nian. Sira baibain hatais farda ne'ebé inklui kapa i batina metan, no kanta kona-ba moris estudante nian, kona-ba domin no fahe malu, kona-ba kalan vadiu nian no hemu tua... Sira mós halo serenata ba feto-raan, ne'ebé rona sira iha janela. Serenata ne'e katak hananu ba feto ne'ebé sira hadomi. José Afonso hahú husi fadu tradisionál Koimbra. Depois nia lori nia múzika ba dalan seluseluk, liuhusi buka no kanta kantiga tradisionál povu nian no liuhusi hakerek liafuan no múzika ba kantiga foun, ne'ebé barak iha mensajen polítika (baibain labele diretu demais, tanba sensura tesi krítika ne'ebé sira halo hasoru rejime).

Ne'ebá otas ne'ebé Koimbra hahú nakali ho hahalok kontestasaun nian. Zeca mós badinas iha atividade akadémika oioin. Iha tinan 1952 nia kandidatu iha lista ida husi "eskerda" ba Diresaun *Associação Académica de Coimbra* nian, nia mós publika testu balu iha revista estudante sira-nian naran *Via Latina*. Revista ida-ne'e sai mós fatin-hahú ba polémika ka haksesuk-malu boot ida, ne'ebé tau "eskerda" hasoru "direita". Iha fulan-Abríl 1961 sira publika testu ida ho nia títulu "*Carta a Uma Jovem Portuguesa*" [Surat ba feto-raan portugeza ida], ne'ebé nia autór maka estudante Artur Jorge Marinha de Campos, maibé asina de'it ho A., no testu

ne'e fó-sai ka kesar kona-ba situasaun hanesan dadur ka sulan ba feto estudante universitária sira hela ba, la hanesan vida livre sira-nia kolega mane nian. Iha Portugál otas ne'ebá nian, ne'ebé ema barak sei kaer metin ba katolisizmu konservadór ne'ebé sei atrazadu loos se ita kompara ho fatin seluk iha Europa, ema barak sei konsidera nafatin katak feto-raan sira tenke tama iha uma laran molok nakukun. "Carta" ne'e, agora daudaun ema hotu lee ninia testu hanesan buat ida líriku i inosente, maibé iha tempu ne'ebá halo eskándalu boot. Organizasaun sira husi "direita" konservadora halo atake maka'as hasoru revista no Associação Académica, no ida-ne'e kontribui tebes atu halibur estudante sira iha projetu "eskerda" nian oioin ne'ebé buka atu hatún rejime, no reasaun liutiha "Carta" ne'e mós ajuda atu fanun feto-raan sira-nia konxiénsia kona-ba sira-nia direitu nu'udar feto i nu'udar sidadaun. Estudante sira mós uza lisan ka uzus-i-kostumes hanesan *praxe* ne'ebé baibain konservadór loos, kaer metin ba tradisaun, hodi fó-sai lian hasoru rejime, no halo PIDE (*Intel* rejime nian) la hatene atu halo saida. Iha *latada* (korteju ka prosisaun tuir lurón iha sidade, hodi simu kaloiru sira bainhira tinan akadémiku hahú) iha tinan-1961 iha kaloiru balu ne'ebé lori kartás ne'ebé hakerek fraze hanesan porezemplu "O Salazar tem um cancro, coitado do cancro!" [Salazar hetan kankru, kasian kankru ne'e tanba nia hetan Salazar!].

José Afonso iha tempu ne'ebá buka hela atu hala'o ba oin, dala ida, ninia partisipasaun iha atividade kulturál barak ho ninia responsabilidade familiár no mós hasoru nesesidade ekonómika (buka moris). Nia estuda, nia serbisu nu'udar revizór iha jornál ida sidade ne'ebá nian, "Diário de Coimbra", nia ba tuir servisu militár obrigatóriu (tropa) husi 1953 to'o 1955, tuirmai nia hanorin iha eskola no koléjiu iha fatin oioin iha Portugál, no depois, husi 1964 to'o 1967, iha Mosambike. Hafoin nia sei hetan espulsaun husi hanorin (katak boot sira duni-sai nia husi serbisu iha eskola) tanba nia hanoin polítiku. No nia mós tama ba dadur tanba razaun ida-ne'e. No nia kontinua nafatin hakerek múzika, grava no kanta. Nia toman dehan katak nia mestre sira iha múzika maka gitarrista Flávio Rodrigues, Roseira Boavida, Edmundo Bettencourt i José da Lata (kantadór populár ida husi fatin ida naran Piku), hanesan mós kantadeira sira iha ahi

ne'ebé ema toman sunu iha festa Saun Joaun nian no Cristina de Matos Cortesão, ne'ebé empregada be hamoos estudante sira-nia uma balu naran *repúblicas* (*repúblicas* hirak-ne'e hanesan tradisaun antigu iha Koimbra no uma sira-ne'e nu'udar hela-fatin ba estudante Universidade nian, ne'ebé sira rasik mak kaer iha autojestaun, no mós hori uluk hori wain sira koñesidu tanba sira-nia karaterístika nu'udar ema ne'ebé la gosta hakru'uk, vadiu, hemudór, rebelde, no dala barak sira luta hasoru ukun-na'in sira). José Afonso buka atu hatene husi bee-matan eruditu (kultura aas) no mós husi bee-matan iha povu nia lisan. Lakleur mós kantadór sira husi jerasaun foun ne'ebé hahú mosu iha otas ne'ebá haree nia nu'udar mestre ida. Iha tinan-1969, iha tempu ne'ebé ema hanaran "*Primavera Marcelista*", bainhira ditadura, ne'ebé agora Marcelo Caetano maka ukun, koko atu hatudu ilas liberalizasaun nian (hakarak povu atu hanoin katak liberdade komesa mosu daudaun ona), mosu programa ida ne'ebé halo Istória iha televizaun portugeza, naran "Zip-Zip". Ne'e programa ne'ebé grava *ao vivo* kona-ba múzika no mós saida maka akontese hela iha mundu artístiku portugés iha tempu ne'ebá, ke mós hatudu beibeik kantadór-baladeiru intervensaun nian ne'ebé kanta iha momentu ne'ebá. Programa ne'e sira grava tiha no hafoin maka transmite ba públiku tele-espetadór maibé iha sesaun-gravasaun ida-idak iha makaer-sensura ne'ebé manda kona-ba saida maka bele ka labele sai ba públiku iha televizaun. Iha kantadór barak ne'ebé sira-nia atuasaun kuaze ema tesi tomak. Kuriozamente, sensura la fó autorizasaun nein dala ida ba Zeca Afonso atu bá programa ne'e, hanesan mós ho feto-poeta i lia-na'in Natália Correia.

Ita labele haluha importánsia boot husi kantadór-intervensaun hodi fanun konxiénsia polítika ema barak nian iha Portugál iha tempu ne'ebá, hanesan mós hodi halo sosializasaun iha povu nia leet husi poezia husi hakerek-na'in hanesan Manuel Alegre, ne'ebé ninia "*Trova do Vento que Passa*" kanta husi Adriano Correia de Oliveira sai kurakuran Inu Opozisaun nian. Bainhira funu koloniál komesa tiha iha 1961 no rejime obriga universitáriu barak tama ba tropa hodi bá funu iha Áfrika, kantiga-kontestasaun mós tama ona ba kuartél sira, no ajuda atu prepara ambiente ne'ebé sei halo mosu *25 de Abril*.

Momentu importante ida atu bele tetu-sukat fenómenu ida ne'e oinsá loos maka *Encontro da Canção Portuguesa* ne'ebé organiza husi *Casa da Imprensa* iha *Coliseu dos Recreios* iha Lizboa, iha 29 fulan-Marsu 1974. Espetákulu ida-ne'e, ne'ebé halibur kantadór naran-boot sira iha múzika-intervensaun, hetan susar oioin, ulun-boot sira bandu no fó-autorizasaun troka bá-mai durante tempu ne'ebé organizasaun hala'o ninia knaar, no só iha kalan konsertu nian ne'e duni maka hetan autorizasaun loloos maibé ho kantiga ne'ebé sensura ko'a tiha liafuan barak. Kantadór ida, Manuel Freire (famozu liuliu tanba nia kanta poema "*Pedra Filosofal*", husi António Gedeão), fó-sai ba públiku ho lia-bones katak nia haluha kantiga sira-nia liafuan iha komboiu, no públiku ho ema rihun-rahun komprende nia mensajen no basa liman. GNR ho PIDE-DGS namkari iha fatin hotu-hotu. Zeca Afonso hetan autorizasaun husi sensura atu kanta kantiga rua de'it: "*Milho Verde*" i "*Grândola Vila Morena*".

Kantiga ikus ne'e sei sai símbolu ida ne'ebé importante liu ba liberdade iha Portugál. Versaun dahuluk husi kantiga ne'e mosu iha tinan-1964 nu'udar omenajen ba *Sociedade Fraternidade Operária Grandolense*, klibur ida ema-ki'ik nian iha fatin ida naran Grándola iha rai-Alenteju iha Portugál súl. Primeiru iha estrofe haat, ne'ebé depois sai tolu de'it, maibé ikusliu, tanba sujestaun husi José Mário Branco, aumente ba neen, hasara estrutura tradisionál *cante* (hananu tuir povu alentejanu nia lisan) nian. Militár revoltozu sira ne'ebé prepara golpedestadu hodi hatún ditadura hili kantiga ida-ne'e atu tranzmite liuhosi rádiu nu'udar seña loloos ba sira-nia movimentu, ida-ne'ebé fó-sinál bainhira foin liu meianoite iha loron-25 Abríl 1974 ba sira atu arranka husi sira-nia kuartél oioin (seña preparatória uluk maka kantiga "*E depois do adeus*" ne'ebé Paulo de Carvalho maka kanta). "*Grândola Vila Morena*" sai kuaze hanesan Inu "*Revolução dos Cravos*" nian.

Depoizde Portugál hetan liberdade, Zeca Afonso kontinua envolve iha projetu barak loos, iha múzika no iha polítika, liuliu ho organizasaun oioin "eskerda" no "eskerda radikál" nian. Iha tinan-1982 nia bá Mosambike no Prezidente Samora Machel simu nia ho onras hanesan fali ba xefe-Estadu ida. Nia grava disku balu liutiha

25 de Abril. Entretantu nia deskobre katak nia iha moras todan ida ne'ebé la bele kura (eskleroze laterál amiotrópika) ne'ebé estraga neineik múskulu sira hotu, no ikusliu nia mate iha ospitál sidade Setúbal nian iha dadeer-saan iha loron-23 fulan-Fevereiru 1987.

Loron ida nia dehan ba ema ida: "Bainhira ita hahú buka deskulpa oioin atu justifika ita-nia konformizmu [simu de'it aat ne'ebé mosu no la halo buat ida hasoru], entaun buat hotu-hotu fodidu ona..."

Versaun ho lia-portugés publika tiha iha
jornal *Semanário*, Ano 0, nº 0034, 28 de Agosto de 2004

Grândola, vila morena

Grândola vila morena
Terra da fraternidade
O povo é quem mais ordena
Dentro de ti ó cidade

Dentro de ti ó cidade
O povo é quem mais ordena
Terra da fraternidade
Grândola vila morena

Em cada esquina um amigo
Em cada rosto igualdade
Grândola vila morena
Terra da fraternidade

Terra da fraternidade
Grândola vila morena
Em cada rosto igualdade
O povo é quem mais ordena

À sombra duma azinheira
Que já não sabia a idade
Jurei ter por companheira
Grândola a tua vontade

Grândola a tua vontade
Jurei ter por companheira
À sombra duma azinheira
Que já não sabia a idade

Grándola, vila morena

Grándola, vila morena
Rain fraternidade nian
Povu ki'ik rasik mak ukun
Iha ó-nia laran, oh sidade

Iha ó-nia laran, oh sidade
Povu ki'ik rasik mak ukun
Terra da fraternidade
Grândola vila morena

Iha lidun ida-idak, belun ida
Em cada rosto igualdade
Grândola vila morena
Terra da fraternidade

Rain fraternidade nian
Grándola, vila morena
Iha ida-idak nia oin haree malu hanesan de'it
Povu ki'ik rasik mak ukun

Iha ai-aziñeira ida nia mahon
Ne'ebé la hatene ona nia tinan
Ha'u jura ha'u sei la'o ba nafatin
Ho ó-nia hakarak, Grándola.

Grándola, ho ó-nia hakarak,
Ha'u jura ha'u sei la'o ba nafatin
Iha ai-aziñeira ida nia mahon
Ne'ebé la hatene ona nia tinan

Cantar Alentejano	**Hananu rai-Alenteju nian**
Chamava-se Catarina	Nia naran Catarina
O Alentejo a viu nascer	Rai-Alenteju haree nia moris
Serranas viram-na em vida	Feto-foho haree nia durante nia vida
Baleizão a viu morrer	Rai-Baleizaun haree nia mate
Ceifeiras na manhã fria	Feto natar-na’in sira iha dadeer malirin
Flores na campa lhe vão pôr	Bá tau ai-funan iha nia rate
Ficou vermelha a campina	Natar sai mean
Do sangue que então brotou	Tanba raan sulin iha momentu ne’ebá
Acalma o furor campina	Natar, halo ó-nia hirus hakmatek
Que o teu pranto não findou	Tanba ó-nia tanis seidauk hotu
Quem viu morrer Catarina	Sé maka haree Catarina mate
Não perdoa a quem matou	Sei la fó-perdua ba sé mak oho
Aquela pomba tão branca	Pombu-inan mutin loos ne’ebá
Todos a querem para si	Ema hotu-hotu hakarak nia ba sira-nia an
Ó Alentejo queimado	Oh Alenteju mutuk
Ninguém se lembra de ti	La iha ema ida hanoin ó
Aquela andorinha negra	Manu-andoriña metan ne’ebá
Bate as asas a voar	Baku liras semo hela
Ó Alentejo esquecido	Oh Alenteju ne’ebé ema haluha
Inda um hás-de cantar	Loron ida ó sei hananu

José Carlos Schwarz, *lia-na'in* da Guiné-Bissau

A Guiné Bissau é um país com várias coisas em comum com Timor-Leste. É um Estado pequeno, pobre, com muitas etnias e muitas línguas diferentes, com o português como língua oficial e uma outra língua franca a ser usada na comunicação inter-étnica, lá o crioulo guineense e aqui o tétum-praça. Há outros aspectos comuns, como a distância que havia na época colonial (e há ainda) entre o mundo da capital e o mundo do interior. No final da década de 60, início dos anos 70, havia em Díli vários grupos musicais, como Os Cinco do Oriente, Os Lordes, Os Académicos, que tocavam principalmente as músicas em inglês ou vindas do Brasil que estavam então na moda; em Bissau, na mesma época, havia grupos semelhantes, os Pérolas Negras, Os Náuticos, Juventude 71, Académicos, Capa Negra, Voz da Guiné, Os Apaches, Sweet Fenda... José Carlos Schwarz fez parte de alguns, antes de fundar em 1971 o Cobiana Djazz, com Aliu Bari, Mamadu Bá, Samakê, Ducko Castro Fernandes, etc... José Carlos e o seu novo grupo iriam revolucionar a música guineense. Primeiro, pela opção de pôr de lado o português e o inglês, e cantar em crioulo da Guiné, a língua de comunicação do povo, sobre temas de crítica social e política, depois pelo retorno às raízes, em busca de uma sonoridade moderna mas baseada na tradição musical guineense. Numa época em que se valorizava só o que vinha de fora, e em que a própria música cabo-verdiana que se ouvia era quase só *mornas* e *coladeras* (o *funaná* de Cabo Verde, tal como os ritmos autóctones guinéus, também era visto como música de "gentios não-civilizados", sem valor), o Cobiana Djazz foi recuperar géneros como o *ngumbé* e *badju di tina*, até aí desprezados pelos oriundos das famílias burguesas da "praça". O *ngumbé* desenvolveu-se nos subúrbios de Bissau onde se encontrava muita gente proveniente do campo, ao longo das décadas de 30, 40 e 50, nas tabernas frequentadas pelos operários depois de saírem do serviço. Após o massacre pelas autoridades coloniais de trabalhadores em greve no Porto de Pindjiguiti, em 1959, as tabernas foram proibidas de estar abertas depois das sete horas, para que os trabalhadores não se reunissem

aí, e isso quase provocou o fim do *ngumbé*. Para o desenvolvimento do que viria a ser o estilo do Cobiana Djazz, muito contribuiu o encontro do jovem "da praça" José Carlos com Aliu Bari, proveniente dos meios populares pobres dos subúrbios, conhecedor das técnicas musicais tradicionais.

José Carlos Schwarz nasceu em Bissau a 6 de Dezembro de 1949, neto pelo lado paterno de um alemão e uma mandinga (etnia da Guiné) e pelo lado materno de um pepel (etnia da Guiné) e uma cabo-verdiana. Jovem inteligente, com naturais dotes de liderança, conhecedor de autores da negritude francófona e afro-americanos, chegou a ser enviado pelas autoridades coloniais portuguesas a Lisboa no âmbito de uma acção de propaganda da nova política da "Guiné Melhor" posta em prática por Spínola (que apostava em tentar cativar as populações, em vez de recorrer simplesmente à repressão bruta), mas acabou por recusar-se a colaborar nessa acção, depois de doutrinado na metrópole pelos jovens quadros do PAIGC. O PAIGC – Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde – era a organização, fundada por Amílcar Cabral, que combatia pela independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde. De regresso a Bissau viria a ser recrutado para o trabalho clandestino de consciencialização das massas, a favor do PAIGC e da independência, ao que parece pelo próprio Aliu Bari.

Cedo o conteúdo e popularidade das cantigas do Cobiana Djazz começaram a serem notados pelas autoridades coloniais, e os membros de grupo passaram a estar sobre vigilância da PIDE. Uma das suas canções mais famosas da época em que cantavam denunciando o colonialismo é *Ke ki miminu na tchora* (1972), com letra de José Carlos, sobre os bombardeamentos aéreos das aldeias e ataques dos comandos africanos organizados pelos colonialistas.

Ke ki miminu na tchora?	**Por que é que o menino está a chorar?**
Ke ki miminu na tchora	Por que é que o menino está a chorar?
i dur na si kurpu	É dor que está a sentir.
Ke ki miminu na tchora	Por que é que o menino está a chorar?
i sangi ki kansa odja	Está farto de ver tanto sangue.

Pastru garandi bin
ku si obus di fugu
Pastru garandi bin
ku si obus di matansa

O pássaro grande veio
com os seus ovos de fogo,
O pássaro grande veio
com os seus ovos de morte.

Montiaduris ki ka kunsidu
e iara e fugial na tabanka
Montiaduris pretus suma nos
e iara e fugial na bolaña

Caçadores desconhecidos
erraram e atiraram nas tabancas.
Caçadores pretos como nós
erraram e atiraram nas bolanhas.

Matu kema
casa kema
dur, dur, dur na no alma

Mato queimado
casas queimadas
dor, dor, dor na nossa alma

Da mesma fase é a cantiga *Mindjeris di panu pretu* (letra de Armando Salvaterra, 1970), que fala sobre as esposas e mães que perdem os maridos e filhos na luta pela independência.

Mindjeris di panu pretu

Mindjeris di panu pretu
Ka bu tchora pena

Si kontra bo pudi
ora ke un son di nos fidi
bo ba ta rasa
pa tisinu no kasa

Pabia li ki no tchon
no ta bai nan te
bolta di mundu
i rabu di pomba

Mulheres de pano preto

Mulheres de pano preto,
não chorem mais

Se puderem
quando um de nós cair ferido
rezem por nós
para que regressemos à nossa casa.

Porque aqui é que é a nossa terra,
não importa aonde formos.
Por mais voltas que der o mundo,
volta-se sempre ao mesmo lugar
(as voltas que o mundo dá
são como o rabo da pomba).

Ma bo na limpa korson
ku no sangi
ki na kai na tchon

Mas vocês hão-de limpar o coração
com o nosso sangue
que cai no chão.

A canção *Mininu di kriason* (letra de José Carlos, 1973) foi composta numa única noite, durante um espectáculo, e faz uso de um estilo de música tradicional da etnia balanta, o *kussundê*. Conta-nos a história de um “menino de criação”, um crioulo (no significado que a palavra tem em Timor) que é maltratado e explorado pelos que deveriam tomar conta dele, até que foge e se junta à guerrilha independentista para lutar contra a injustiça.

Mininu di kriason

Ah, ora ke mandrugada abri si udjus
ke sereno ramelga
n ta lanta n dobra ña stera
Mininu di kriason
Pega trabadju

N bari kau tudu n boltia
N laba kusas tudu n seka
N findi leña ña ombra kansa
n bana fugu ña udju fuma
N bai mandadu ña dus pe gasta
n pembi mininu tok n kansa
Ña mestra kuma pa falal tia
si omi oi n ta ba ta falal tiu
Kuntangu ke dan oh tok n djua
ma se mesa mafe ta sobra
Ña tchakual rumpi tok i kaba
Kamisa sedu tok i muri

Filho de criação

Quando a madrugada abre os olhos
e o sereno está a cair,
levanto-me e dobro a minha esteira
filho de criação
começo a trabalhar.

Varri a casa toda,
lavei tudo e pus tudo a secar,
parti lenha, os meus ombros cansaram,
abanei o fogo, os meus olhos encheram-se de fumo,
fui fazer todos os mandados, os meus pés gastaram-se
ninei o bebé até cansar.
A minha mestra disse-me para chamá-la de tia,
o seu marido, imagina só, passo a chamá-lo tio.

N ka osa papia n ka osa kanta
n ka osa ri oh n ka osa tchora
N ka otcha skola nin tarbadju
te na dia ke n lanta n fusi

Ah, ora ki garsas pelikanus
disa bisia bolaña
e lanta pa ba tchur di sol
n sirbi ña feramenta sia
n dal bala tok i farta
pa no bai kaba ku kriason

Só me dão arroz, sem mais nada,
até enjoar
e à mesa deles, há carne e peixe de sobra.
Os meus calções rasgaram-se completamente,
a minha única camisa está em pedaços.
Não me atrevo a falar, não me atrevo a cantar,
não me atrevo a rir, não me atrevo a chorar.
Não consegui escola nem profissão
até o dia em que me levantei e fugi.

Ah, quando as garças e pelicanos
deixaram de vigiar as bolanhas
e foram assistir ao enterro do sol,
dei jantar às minhas ferramentas
saciei-as com balas até fartar
para acabarmos com essa servidão.

Os membros mais importantes do Cobiana Djazz cedo foram chamados para a tropa, uma medida comum naquele tempo para manter sobre controle jovens potencialmente subversivos. Entusiasmado com a leitura de Frantz Fanon e do brasileiro Carlos Marighela, José Carlos acha que deve tomar um papel mais activo na luta contra os interesses coloniais. Contra a opinião da direcção do PAIGC, e na companhia dos amigos, decide iniciar uma frente de guerrilha urbana na própria cidade de Bissau, colocando, de forma muito amadora, algumas bombas em diversos pontos da cidade. Rapidamente são descobertos, e ele, Ducko Castro Fernandes e Aliu Bari são presos. José Carlos permanece na prisão entre 18 de Maio de 1972 e 29 de Abril de 1974, a maior parte do tempo em total isolamento nas prisões da PIDE/DGS em Bissau, e três meses

e meio na Ilha das Galinhas. Os três são horrivelmente torturados, o que veio a inspirar a música *Ora ke abri porta* (1973), sobre a ansiedade e o medo sentidos pelo preso que vai ser levado para mais uma sessão de interrogatório.

Ora ke abri porta

Ora ke abri porta
ña korson i un kabalu
i un kabalu ke na sakudi na si korda

Ora ke abri porta
ña alma i un pumba
i un pumba ke na bua sai di ña pitu

Ora ke abri porta
ña kurpu i un flur
i un flur ke mon di mininu rinka

Ora ke abri porta
(Nos ke mas ke obi?)
Ora ke abri porta
(Nos ke mas ki misti?)

Quando abrem a porta

Quando abrem a porta,
o meu coração é um cavalo,
é um cavalo aflito a querer escapar.

Quando abrem a porta,
a minha alma é uma pomba,
uma pomba que voa e sai do meu peito.

Quando abrem a porta,
o meu corpo é uma flor,
uma flor que a mão de um menino arrancou

Quando abrem a porta,
(o que será que eles ouviram?)
Quando abrem a porta,
(o que eles ainda querem?)

Mininu puntan (Liberdadi) (1974) é sobre uma criança que pergunta ao pai o que é a liberdade, sem que este lhe possa responder, por também não saber.

Mininu puntan (Liberdadi)

Mininu abri si boka
nosenti
i falan: baba,
ke ke i liberdadi
ke ke i liberdadi

Ña korson findi
n panta
n falau: mininu
bai djuga bola

N kambantal kombersa
ndesan
n burguñu setal
kuma n ka sibi

Ma i puntan nosenti
nosenti
ke ki liberdadi

O menino perguntou-me (Liberdade)

O menino abriu a boca
inocente
e perguntou-me: papá,
o que é liberdade?
O que é liberdade?

O meu coração estremeceu,
assustei-me
e disse-lhe: menino,
vai jogar à bola.

Mudei de assunto
ai de mim!
Tive vergonha
de admitir que não sabia.

Mas ele perguntou-me,
inocente,
Inocente:
O que é que é liberdade?

Após o 25 de Abril, o Cobiana Djazz transforma-se numa espécie de grupo musical oficial da nova nação guineense. O conteúdo das suas canções alterna entre a glorificação dos heróis da independência, o desafio da construção nacional, e a denúncia dos líderes que, já instalados no poder, traem os princípios pelos quais todos lutaram. Algumas canções são dedicadas à emancipação da mulher e aos problemas que esta enfrenta. *Apili* (1974) é a história de uma mulher camponesa, mulher de um guerrilheiro nos tempos difíceis das provações no mato, que é depois abandonada por este quando, atingida a independência, os guerrilheiros sobem na vida e o seu companheiro prefere uma moça sofisticada da cidade.

Apili

Apili, Apili, Apili
son pertu di si omi
matchu, matchu garandi
kombatenti di povu

Ma tugas ruma se kargu
pa e riba se tera
kombatentis entra prasa
omi di Apili bai

Omi di Apili bai
i bai buska mindjer nobu
ki sibi entra ki sibi sai

Apili fika el son
ku si lembransa di kansera
di fomi di foronta

Ma Apili ka bu larga bu kurpu
bardadi di partidu ka ta pirdi
si ka na boka de mal tomadus!

Apili

Apili, Apili, Apili,
sempre perto do seu homem,
homem corajoso,
combatente do povo.

Mas os tugas arrumaram as malas
para voltarem à sua terra.
Os combatentes entraram na cidade,
o homem de Apili também entrou.

O marido de Apili se foi embora
e procurou outra mulher,
mais fina e desembaraçada.

Apili ficou sozinha
com a lembrança dos sofrimentos,
da fome, das aflições [do tempo da luta].

Mas Apili, não percas a coragem
que os princípios do partido não se perdem
a não ser na boca dos ingratos.

No Estado recém-independente José Carlos Schwarz assume várias funções oficiais na área da cultura. Em 1976 foi enviado para Cuba, no cargo de Encarregado de Negócios da Embaixada da Guiné-Bissau naquele país. Morre num acidente aéreo

numa viagem para Havana, no dia 27 de Maio de 1977, quando, quase a aterrar, o avião choca contra um poste de alta tensão. Dos 59 passageiros e nove tripulantes houve um único sobrevivente. O corpo do artista foi transladado para Bissau, onde a sua campa tem gravado um dos seus textos: *N na nega bedju* (Recuso-me a ficar velho). Pouco conhecido no exterior, permanece até hoje um ídolo nacional na Guiné-Bissau.

publicado no
jornal *Semanário*, Ano 0, nº 0031, 7 de Agosto de 2004

A versão em tétum foi publicada no
Várzea de Letras, Suplemento Literário mensal do jornal *Semanário*, nº 9/10, Outubro/Novembro 2004

As letras e traduções das cantigas e a maior parte da informação do texto foi encontrada no excelente livro de investigação sobre o artista: AUGEL, Moema Parente (1997) – *Ora di kanta tchiga – José Carlos Schwarz e o Cobiana Djazz*. Bissau, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa.

José Carlos Schwarz, *lia-na'in* hosi Giné-Bisau

Iha buat oioin ne'ebé hanesan iha Giné-Bisau no iha Timór Lorosa'e. Giné mós rain ida be ki'ik, kiak, ho etnia barak no lian oioin, ho portugés mak nu'udar lia-ofisiál no lian ida seluk nu'udar lia-franka ne'ebé uza ba komunikasaun husi etnia ida ba etnia seluk. Iha-ne'ebá krioulu-Giné maka sai lia-franka no iha-ne'e mak tetun-prasa. Iha buat balu tan ne'ebé hanesan, iha ne'ebá mós uluk iha tempu koloniál iha mundu rua (no agora sei iha) ne'ebé lahanesan: mundu sidade-inan nian no mundu distritu sira-nian. Iha dékada 60 nia rohan, hahú tinan 70, iha Dili iha grupu muzikál oioin, hanesan Os Cinco do Oriente, Os Lordes, Os Académicos, ne'ebé toman toka liuliu múzika sira iha lia-inglés ka sira ne'ebé mai husi Brazíl no iha tempu ne'ebá ema barak mak gosta; iha Bisau, iha otas ne'ebá, iha grupu hirak ne'ebé atu hanesan, Pérolas Negras, Os Náuticos, Juventude 71, Académicos, Capa Negra, Voz da Guiné, Os Apaches, Sweet Fenda... José Carlos Schwarz hola parte iha grupu sira-ne'e balu, molok atu hahú, iha tinan 1971 nia laran, grupu ida naran Cobiana Djazz, hamutuk ho Aliu Bari, Mamadu Bá, Samakê, Ducko Castro Fernandes, nsst... José Carlos no nia grupu foun sei halo revolusaun iha múzika Giné nian. Primeiru, tanba sira hili atu soe lia-portugés no lia-inglés, no kanta iha lia-krioulu Giné nian, lian komunikasaun povu ki'ik nian, kona-ba asuntu hanesan krítika sosiál no polítika, depois tanba sira fila ba lisan, buka atu halo múzika moderna ne'ebé iha nia abut ba tradisaun muzikál Giné nian. Iha otas ne'ebé ema sira fó-valór de'it ba buat ke mai husi li'ur, no múzika kabuverdiana rasik ne'ebé sira toman rona kuaze só *morna* no *koladera* (sira dehan katak *funaná*, hanesan mós ritmu sira rain-na'in Giné nian, maka múzika aat ema-metan jentiu lasivilizadu sira-nian, buat folin-laek) Cobiana Djazz ne'e ba hasa'e fali jéneru muzikál hanesan *ngumbé* no *badju di tina*, ne'ebé to'o tempu ne'ebá sira ne'ebé mai husi família burgeza sira husi "prasa" hakribit loos. *Ngumbé* mosu iha subúrbius (bairru hirak be hale'u Bisau), hela-fatin ba ema barak ne'ebé mai husi distritu sira, iha dékada 30, 40 no 50 nia laran, iha taberna sira (fatin ba serbisu-na'in sira atu halibur no hemu, han no kanta halimar bainhira sira sai husi serbisu-fatin). Liutiha masakre

ne'ebé autoridade koloniál sira halo ba serbisu-na'in hirak ne'ebé halo hela greve iha Namon Pindjigití, iha 1959, autoridade bandu taberna atu loke depoizde tuku hitu, ba serbisu-na'in sira atu labele halibur iha-ne'ebá , no ida-ne'e kuaze halo *ngumbé* lakon. Importante tebetebes ba dezenvolvimentu husi estilu ne'ebé sei sai Cobiana Djazz nian maka hasoru-malu husi José Carlos, foin-sa'e prasa nian, no Aliu Bari, ne'ebé mai husi povu ki'ik no kiak nia leet iha bairru hale'u Bisau, no nia hatene téknika muzikál tradisionál sira.

José Carlos Schwarz moris iha Bisau iha loron-6 fulan-Dezembru 1949, bei-oan husi aman husi mane-alemaun no feto-mandinga (etnia Giné nian) no bei-oan husi inan husi mane-pepél (etnia Giné nian) no feto kabuverdiana. Joven matenek, karismátiku ho don naturál atu sai lider, ne'ebé toman lee hakerek-na'in sira husi negritude frankófona no afro-amerikanu sira, autoridade koloniál portugeza dala ida haruka nia ba Lizboa atu halo propaganda ba polítika foun "Giné di'ak liu" ne'ebé Spínola hala'o hela (nia koko atu halo populasaun sira hili atu hakbesik ba autoridade koloniál sira, emvezde uza de'it represaun brutu), maibé ikusmai José Carlos dehan nia sei la partisipa iha asaun ne'e, liutiha nia hetan doutrinasaun iha metrópole husi foin-sa'e sira PAIGC nian iha-ne'ebá. PAIGC – Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde – ne'e maka organizasaun ne'ebé Amílcar Cabral hahú be funu ba ukun-rasik an Giné-Bisau no Kabuverde nian. Bainhira José Carlos fila fali ba Bisau PAIGC nia frente klandestina rekruta nia atu serbisu hodi halo konxiensializasaun ba povu kona-ba independénsia. Parese Ali Bari rasik maka rekruta nia.

La kleur autoridade koloniál sira haree ba sira-nia múzika nia mensajen no haree mós katak ema barak gosta, no tanba ne'e PIDE komesa hafuhu Cobiana Djazz nia membru sira. Sira-nia kantiga ida ne'ebé famozu liu iha otas ne'ebé sira kanta hasoru kolonializmu maka *Ke ki mininu na tchora* (1972), ho liafuan husi José Carlos, kona-ba bombardeamentu husi aviaun ba aldeia sira no atake husi komandus afrikanus ne'ebé organiza husi kolonialista sira.

Ke ki miminu na tchora?

Ke ki miminu na tchora
i dur na si kurpu
Ke ki miminu na tchora
i sangi ki kansa odja

Pastru garandi bin
ku si obus di fugu
pastru garandi bin
ku si obus di matansa

Montiaduris ki ka kunsidu
e iara e fugial na tabanka
montiaduris pretus suma nos
e iara e fugial na bolaña

Matu kema
casa kema
dur, dur, dur na no alma

Tanba saida maka labarik ne’e tanis?

Tanba saida maka labarik ne’e tanis
tanba nia isin moras
Tanba saida maka labarik ne’e tanis
tanba baruk ona haree raan fakar

Makikit boot semo mai
ho ninia tolun hanesan ahi
makikit boot semo mai
ho ninia tolun hodi oho

Kasadór sira ne’ebé ema la koñese
sira halo sala, sira tiru ba knua
kasadór sira ne’ebé metan hanesan ita
sira halo sala, sira tiru ba natar

Ai-laran ahi han tiha
uma ahi han hotu
terus, terus, terus iha ita-nia klamar

Husi faze ida-ne’e iha mós kantiga *Mindjeris di panu pretu* (liafuan husi Armando Salvaterra, 1970), ne’ebé ko’alia kona-ba feen no inan sira ne’ebé lakon sira-nia la’en ka oan iha funu ba independénsia.

Mindjeris di panu pretu

Mindjeris di panu pretu
ka bu tchora pena

Feto ho hena metan

Feto ho hena metan
keta tanis tan

Si kontra bo pudi
ora ke un son di nos fidi
bo ba ta rasa
pa tisinu no kasa

Pabia li ki no tchon
no ta bai nan te
bolta di mundu
i rabu di pomba

Ma bo na limpa korson
ku no sangi
ki na kai na tchon

Se imi bele karik
bainhira ida husi ami monu
reza ba ami
atu lori ami fila fali ba uma

Tanba ida-ne'e maka ita-nia rain
maski ami la'o lemo-rai
maski mundu ne'e dulas
nia sei fila fali ba nia fatin

Maibé imi sei hamoos imi-nia laran
ho ami-nia raan
ne'ebé nakfakar iha rai

Kantiga *Mininu di kriason* (liafuan husi José Carlos, 1973) mosu iha kalan ida de'it nia laran, durante espetákulu ida, no uza estilu muzikál husi etnia-balanta sira-nia lisan, naran *kusundê*. Nia konta istória husi "labarik hakiak", krioulu ida (tuir signifikadu liafuan ne'e nian iha Timór), ne'ebé hetan terus no susar de'it husi ema sira ne'ebé tuir loloos tenke tau matan ba nia, to'o nia halai no bá halibur ho gerrilleiru sira ne'ebé funu ba ukun-rasik an atu bele luta hasoru injustisa.

Mininu di kriason

Ah, ora ke mandrugada abri si udjus
ke sereno ramelga
n ta lanta n dobra ña stera
Mininu di kriason
Pega trabadju

N bari kau tudu n boltia
N laba kusas tudu n seka

Oan hakiak

Ah, oras bainhira dader-saan loke matan
no mahon-been sei tun hela
ha'u hadeer no lulun ha'u-nia biti
Oan hakiak
hahú serbisu

Ha'u dasa uma laran tomak
Ha'u fase no hamaran buat hotu-hotu
Ha'u fera ai to'o ha'u-nia kabaas kolen

N findi leña ña ombra kansa
n bana fugu ña udju fuma
N bai mandadu ña dus pe gasta
n pembi mininu tok n kansa
Ña mestra kuma pa falal tia
si omi oi n ta ba ta falal tiu
Kuntangu ke dan oh tok n djua
ma se mesa mafe ta sobra
Ña tchakual rumpi tok i kaba
kamisa sedu tok i muri
N ka osa papia n ka osa kanta
n ka osa ri oh n ka osa tchora
N ka otcha skola nin tarbadju
te na dia ke n lanta n fusi

Ah, ora ki garsas pelikanus
disa bisia bolaña
e lanta pa ba tchur di sol
n sirbi ña feramenta sia
n dal bala tok i farta
pa no bai kaba ku kriason

ha'u kehe ahi to'o ha'u-nia matan manas
Ha'u halo knaar hotu-hotu, to'o ha'u-nia ain kolen
ha'u ko'us labarik halo dukur to'o ha'u baruk
Ha'u-nia señora dehan mai ha'u atu hanaran nia tia
ninia la'en aiá! ha'u sei hanaran nia tiu
Sira fó de'it etu maran to'o ha'u enjoa
maibé iha sira-nia meza na'an ho ikan naresin
Ha'u-nia kalsaun bosan to'o naklees hotu
ha'u-nia faru ida de'it mós naklees
Ha'u la barani atu ko'alia ka kanta
ha'u la barani hamnasa nein tanis
Ha'u la eskola no ha'u la aprende profisaun ida
to'o loron ne'ebé ha'u hamriik no halai

Ah, bainhira manu-garsa no manu-pelikanu
la hein natar ona
no sira ba haree hakoi loro
ha'u fó han-kalan ba ha'u-nia besi-badain
ha'u tiru sira to'o ha'u baruk
atu hakotu eskravidaun to'o la iha atan tan

Membru sira ne'ebé importante liu iha Cobiana Djazz tenke tama ba tropa, autoridade sira iha tempu ne'ebá toman halo hanesan ne'e atu bele kontrola foin-sa'e ativista sira. José Carlos lee ho entuziazmu Frantz Fanon no Carlos Marighela, ema-Brazíl, no nia hanoin katak importante atu sai ativu liu iha luta hasoru interese koloniál sira. Nia bá kontra opiniaun diresaun PAIGC nian, no hamutuk ho nia belun sira, nia deside atu komesa frente gerrilla

urbana nian iha kota Bisau rasik. Sira tau, ho jeitu ladún profisionál, bomba balu iha fatin oioin iha sidade laran. Lailais de'it autoridade sira deskobre, no nia, Ducko Castro Fernandes no Aliu Bari tama ba dadur. José Carlos hela iha kadeia husi loron-18 fulan-Maiu 1972 to'o loron-29 fulan-Abríl 1974, tempu kuaze hotu-hotu nia dadur iha izolamentu iha prizaun PIDE/DGS nian iha Bisau, no fulan tolu ho balun iha *Ilha das Galinhas*. Sira na'in-tolu hetan tortura aat oioin,

Ora ke abri porta

Ora ke abri porta
ña korson i un kabalu
i un kabalu ke na sakudi na si korda

Ora ke abri porta
ña alma i un pumba
i un pumba ke na bua sai di ña pitu

Ora ke abri porta
ña kurpu i un flur
i un flur ke mon di mininu rinka

Ora ke abri porta
(Nos ke mas ke obi?)
Ora ke abri porta
(Nos ke mas ki misti?)

Bainhira loke odamatan

Bainhira loke odamatan
ha'u-nia fuan hanesan kuda ida
kuda ida ne'ebé foda hosi nia talin

Bainhira loke odamatan
ha'u-nia klamar hanesan pombu ida
pombu ida ne'ebé semo sai husi ha'u-nia hirus-matan

Bainhira loke odamatan
ha'u-nia isin hanesan ai-funan ida
ai-funan ida ne'ebé labarik nia liman fokit-sai

Bainhira loke odamatan
(Sira hakarak rona saida tan?)
Bainhira loke odamatan
(Sira hakarak saida tan?)

Mininu puntan (Liberdadi) (1974) ne'e kona-ba labarik ida ne'ebé husu ba nia aman saida maka liberdade, no nia aman mós la bele hatán tanba nia rasik la hatene.

Mininu puntan (Liberdadi)

Mininu abri si boka
nosenti
i falan: baba,
ke ke i liberdadi
ke ke i liberdadi

Ña korson findi
n panta
n falau: mininu
bai djuga bola

N kambantal kombersa
ndesan
n burguñu setal
kuma n ka sibi

Ma i puntan nosenti
nosenti
ke ki liberdadi

Labarik husu mai ha'u (Liberdade)

Labarik loke nia ibun
inosente
no dehan: apá
saida maka liberdade
saida maka liberdade

Ha'u-nia fuan taridu
ha'u hakfodak
ha'u dehan: labarik
ba tebe bola

Ha'u muda konversa
kasian!
ha'u moe atu simu
katak ha'u la hatene

Maibé nia husu mai ha'u,
inosente
inosente
saida maka liberdade

Liutiha *25 de Abril*, Cobiana Djazz nakfila ba grupu muzikál ofisiál iha nasaun foun Giné-Bisau. Sira kanta kona-ba buat oioin: hahi'i erói sira independénsia nian, dezafiu atu harii sira-nia nasaun foun, no duun boot sira ne'ebé, tanba sira maka ukun ona, haluha prinsípiu hirak ne'ebé uluk sira foti nu'udar importante iha tempu luta nia laran. Sira dedika kantiga balu ba emansipasaun feto nian no ba susar ne'ebé feto hasoru. *Apili* (1974) haktuir istória husi feto to'os-na'in ida, gerrilleiru ida nia feen iha tempu terus nian iha ai-laran, no depois nia la'en soe nia, bainhira independénsia to'o ona, tanba nia ema-boot ona no nia hakarak feto moderna husi sidade de'it.

Apili

Apili, Apili, Apili
son pertu di si omi
matchu, matchu garandi
kombatenti di povu

Ma tugas ruma se kargu
pa e riba se tera
kombatentis entra prasa
omi di Apili bai

Omi di Apili bai
i bai buska mindjer nobu
ki sibi entra ki sibi sai

Apili fika el son
ku si lembransa di kansera
di fomi di foronta

Ma Apili ka bu larga bu kurpu
bardadi di partidu ka ta pirdi
si ka na boka de mal tomadus!

Apili

Apili, Apili, Apili
sempre besik ba ninia mane
mane aten-barani
asuwa'in povu nian

Maibé malae sira haloot tiha
sira-nia mala
atu fila fali ba sira-nia rain
gerrilleiru sira tama tiha ona iha
sidade
Apili nia la'en mós tama

Apili nia la'en bá tiha ona
no bá buka fali feto seluk
ne'ebé estilu liu no hatais kapás

Apili hela mesak de'it
hanoin de'it ba tempu terus
nian
bainhira hamlaha no susar

Maibé Apili keta lakon neon
partidu nia prinsípius sei la
lakon
ka lakon de'it iha ema ne'ebé
halo an

Iha Estadu foin-independente José Carlos Schwarz kaer knaar ofisiál oioin iha área kultura nian. Iha 1976 nia bá Kuba, atu sai Makaer Negósius iha Embaixada Giné-Bisau nian iha rain ne'ebá. Nia mate iha asidente aviaun ida iha viajen ba Avana, iha loron-27 fulan-Maiu 1977, bainhira, besik atu tun ba rai, aviaun xoka hasoru

ai-riin eletrisidade nian. Husi pasajeiru na'in-59 no tripulante na'in-sia iha sobrevivente ida de'it. Artista nia mate-isin lori ba Bisau atu hakoi. Iha nia rate hakerek nia testu ida: *N na nega bedju* (Ha'u sei la sai katuas). Ema ladún koñese nia iha li'ur, maibé nia sei nafatin ídolu nasionál ida iha Giné-Bisau.

publika tiha iha
Várzea de Letras, Suplemento Literário mensal do jornal *Semanário*, nº 9/10, Outubru/Novembru 2004

Versaun ho lia-portugés publika tiha iha
jornál *Semanário*, Ano 0, nº 0031, 7 fulan-Agostu 2004

Liafuan kantiga sira-nian iha dalen krioulu no informasaun barakliu iha testu ne'e ami hetan iha livru kapás tebetebes kona-ba artista ne'e: AUGEL, Moema Parente (1997) – *Ora di kanta tchiga – José Carlos Schwarz e o Cobiana Djazz*. Bissau, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa.

Artista plástica timorense reconhecida além fronteiras

Maria Madeira é uma mulher de muitos talentos. Tem três bacharelatos diferentes feitos em universidades australianas: Belas Artes, Educação e Ciências Políticas, mas é fundamentalmente como artista plástica que se define, sente e marca o seu lugar nos mundos em que vive. E são muitos esses mundos, característica normal de quem viveu a sua vida no entrelaçar contínuo de culturas, lugares, exílios, perdas... Gleno é o lugar mágico da infância, interrompida demasiado depressa pelos acontecimentos políticos que viriam a alterar radicalmente a vida em Timor, depois veio Atambua durante perto de um ano e a partida para Portugal, segunda casa afectiva, onde ficaria até à adolescência, antes de partir para a Austrália, para Perth. Deste peregrinar de viajante por terras alheias, impedida de voltar à pátria, nasceu o olhar da artista que vislumbra a sua terra dos sonhos por entre os pesadelos da realidade do seu povo. Um olhar de aflição, mas também de esperança. Depois da saída dos indonésios tem vivido finalmente entre Timor e a Austrália. Reconhecida nos círculos das galerias e dos críticos de arte no estrangeiro, o seu desejo é transmitir essa linguagem da arte aos seus conterrâneos. Maria Madeira esteve entre nós, mais uma vez durante alguns meses, e aproveitou para dar alguma ajuda no centro de formação artística Arte Moris. Ficamos à espera do regresso...

publicado no
jornal *Semanário*, Ano 0, nº 0031, 7 de Agosto de 2004

Artista plástika timoroan hetan rekoñesimentu iha tasi-balun

Maria Madeira ne'e feto ida ho talentu oioin. Nia remata nia kursu baxarelatu oin-tolu ne'ebé nia hasai iha universidade Austrália nian: Belas-Artes, Edukasaun no mós Siénsia Polítika, maibé liuliu nu'udar artista plástika maka nia define nia an, nia sente nia an no nia marka ninia fatin iha mundu oioin ne'ebé nia hela ba. No mundu hirak ne'e barak, karaterístika normál ba ema ne'ebé hala'o nia moris haksokar hela kultura, fatin, ezíliu no lakon oioin... Glenu hanesan nia fatin lulik husi tempu bainhira nia sei labarik, maibé nia otas labarik kotu lailais demais tanba akontesimentu polítiku hirak ne'ebé muda buat hotu-hotu iha vida iha Timór, depois mai Atambua durante besik tinan ida no hafoin arranka ba Portugál, ne'ebé nia konsidera hanesan uma daruak iha ninia laran, ne'ebé nia hela iha-ne'ebá to'o nia feto-raan ona, molok nia sai ba Austrália, ba Perth. Husi peregrinasaun hirak-ne'e hanesan fali ema lemo-rai iha rai-li'ur, ne'ebé labele fila fali ba ninia rai-inan, mosu jeitu artista nian hodi fihir nia rain-mehi iha realidade nia kotuk, realidade ne'ebé nakonu ho mehi-aat de'it ba ninia povu. Fihir ho fuan-taridu, maibé mós ho esperansa. Ikusliu bainhira Indonézia sai tiha nia bele hela iha Timór no Austrália bá-mai. Nia hetan tiha ona rekoñesimentu iha galeria sira no krítiku-arte sira-nia leet iha rai-li'ur, agora nia hakarak atubele transmite linguajen arte nian ba nia maluk timoroan sira. Maria Madeira foin hela iha ne'e durante fulan balu nia laran, no nia aproveita atu fó-tulun iha sentru ba formasaun artístika Arte Moris. Ita hotu hein bainhira nia mai fali...

Versaun ho lia-portugés publika tiha iha
jornál *Semanário*, Ano 0, nº 0031, 7 fulan-Agostu 2004

Jah-Era – Introdutores dos ritmos africanos em Timor

Se formos dar um passeio a pé pelas ruas de Díli encontramos por todo o lado criancinhas a cantarem “África, mãe de Angola...” e outras cantigas do género. Fomos falar com o grupo que trouxe essas músicas para Timor.

Tudo começou em 96, em Perth, na Austrália, quando Gil Madeira saiu do grupo Kumalá (que numa das línguas aborígenes significa uma saudação do género de “como estás?” ou “tudo bem?” e fundou um novo grupo com alguns amigos. A formação inicial era: Phillip Irwin na bateria, Gavin no baixo, Ashi – um ganês – na percussão, e Gil na viola. No princípio andavam à procura de um cantor, e Gil começou por desempenhar o papel de vocalista apenas para poderem ir ensaiando. O nome inicial era outro, mas num aniversário da morte de Bob Marley a organização do festival em que estava previsto tocarem sugeriu que mudassem a denominação para algo que tivesse um ar mais de reggae, e foi daí que nasceu o nome Jah-Era, a era de Jah, uma espécie de divindade da Jamaica. O tal festival acabou por não se realizar, porém o nome ficou. Foram depois convidados por Jane Hazelby, duma rádio que passava música do mundo, para aparecer no programa, onde foram entrevistados e tocaram ao vivo durante 20 minutos. Essa rádio era muito ouvida pela malta dos festivais de música multi-étnica, e isso constituiu o lançamento para o grupo. Iam tocando, e escrevendo originais. Por essa altura Ashi seguiu a mulher, que era professora, para a região remota para onde ela foi dar aulas, e deixou a banda. Foi substituído na percussão por um arquitecto australiano chamado Ian Weir, e na mesma altura entrou a São (a conhecida artista plástica timorense Maria Madeira) para cantar. Eram já muito requisitados e actuavam em pubs, festivais, na rádio... Gavin mudou-se então para Sydney e entrou João Paulo Madeira para o baixo, seguido de Nídio Valadares. Foi por essa época que fizeram um CD-Demo, uma prática obrigatória no meio musical australiano, onde estas demos são disponibilizadas a rádios e organizadores de eventos musicais como amostra do que o grupo toca. No CD-Demo, de que fizeram apenas

seis cópias, incluíam cantigas do repertório tocado por eles como "Autocarro 45", "Garina", "Sofia Rosa", "One love" e "Hot hot hot". Seria uma versão-pirata deste CD-Demo que viria muitos anos mais tarde a ser comercializada aqui em Timor por alguém que conseguiu pôr as mãos a um exemplar. Entretanto entra também Grace Barbe (originária das Seycheles), como cantora. Phillip sofre um acidente, tem uma perna em recuperação, e não pode tocar bateria. Entra o baterista Aiden Dademahr, originário do Zimbábue, Ian Weir ganha uma bolsa de estudos para ir para Inglaterra e Phillip passa para a percussão. Passaram nesses tempos a ensaiar apenas originais, preparando-se para a gravação do seu primeiro CD comercial. Aiden, que era professor de matemática, arranjou um emprego que não lhe deixava tempo para a música, e Phillip recuperou e voltou à bateria. Em Fevereiro de 1999 gravaram o seu CD "O Herói". Tentaram primeiro num estúdio chamado Jewel Recording onde haviam gravado a demo, mas optaram depois pelo Oracle Studios, propriedade do engenheiro de som David Trail, com 25 anos de experiência, e que era um bom pianista que acabou por tocar piano numa das faixas do CD, precisamente a intitulada "O herói". O estúdio ficava longe, a quatro horas de viagem de Perth, mas tinha quartos próprios que eram alugados pelos artistas em processo de gravação. Todas as músicas gravadas eram originais, com excepção de "Timor Rap", um tributo à música popular timorense, em estilo de reggae. Entretanto entra também Robert "Betinho" Filipe.

Em 30 de Agosto votaram no referendo em Perth e no dia seguinte apanharam o avião para ir actual no conhecido Festival das Pérolas (Sinju) em Broome no norte da Austrália Ocidental, que tinha a duração de dez dias. Como chegaram com atraso, os organizadores estavam aborrecidos, foram apenas pousar as coisas no Hotel e dirigiram-se imediatamente para o local da actuação para montar a aparelhagem e fazer os testes de som, para tocar nessa noite. A actuação deles foi um sucesso, e como tinha havido um problema com a banda principal, a organização pediu-lhes que assumissem esse papel, tocando todos os dias, alguns dias duas vezes. Os resultados do referendo são anunciados e todas as bandas

que passam pelo palco vão dando os parabéns à nova nação, “finalmente livre”. Andam ocupadíssimos e sem acesso regular à televisão, mas os amigos que por lá fizeram começavam a falar de problemas em Timor. No regresso a Perth são-lhes contados os detalhes e todo o grupo vai imediatamente juntar-se à vigília de protesto que estava a decorrer. Entretanto os refugiados das instalações da UNAMET são evacuados para a Austrália. Os serviços de emigração de Perth pedem três pessoas para irem ser intérpretes dos recém-chegados; Gil, que já desempenhava às vezes essas funções, é um dos escolhidos para ir para Darwin. Ao fim de 3 semanas os refugiados são divididos entre Perth, Sydney e Melbourne. Gil foi um dos últimos intérpretes a sair do campo de refugiados em Darwin porque havia quatro destes que estavam doentes no hospital e ele traduzia para eles. Entre os quatro pacientes estava Verónica Gusmão, hoje sua esposa. Depois, em Perth, o grupo quase inteiro (Gil, São, João Paulo Madeira, Betinho e Grace) passava o tempo no campo de refugiados, dando apoio. Cancelaram as actuações que tinham e envolveram-se na organização de três concertos para angariar dinheiro que entregaram aos refugiados (que eram cerca de 300 em Perth). Estes acabariam por deixar Perth de vez ao fim de seis meses, para serem repatriados.

O João Paulo Madeira decide vir para Timor. Mais tarde Betinho e Gil seguem-no. Uma vez aqui não pensam ainda um tocar. Gil manda vir um computador dos EUA através de um amigo americano, para poder gravar as suas próprias músicas. Aparece depois Aurito Ximenes a dizer que havia uma cantora que tinha ganhado um concurso e estava interessada em gravar um CD, perguntando se Gil estava disposto a fazê-lo. Essa cantora era Lili Ribeiro, que se tornaria uma das maiores estrelas do firmamento da música pop em Timor-Leste. Gil Madeira declarou-se então pronto a assumir o projecto, mas só se fosse tudo em formato digital, o que era um modelo novo em Timor na época. Todos os *master* das gravações da música local costumavam ser feitos em cassete ou DAT. Lili e o seu grupo gravaram uma cassete em casa que trouxeram para mostrar, acabaram por decidir gravar apenas uma canção no estúdio com Gil para poderem verificar se gostavam do

resultado. Ficaram contentes com o efeito obtido e decidiram avançar para o CD. Levaram o *master* digital, pioneiro, para reproduzir na Indonésia, e o resto é história... O CD "*Hein Nafatin Ó*" foi um dos maiores êxitos de sempre no país. O sucesso deve-se a vários factores, de que se destaca a voz de anjo da cantora, mas também o que tinha de inovador, rompendo com o modelo habitual timorense do cantor e um órgão.

Aurito Ximenes, Gil Madeira, e outros amigos, vão ensaiando "só pelo prazer da música, tipo *jam session*". Até que surge Betinho Filipe a perguntar se não querem ir tocar num restaurante australiano, o "Roo Bar". Tocavam os três, com uma bateria electrónica, porque não arranjavam nesse tempo em Timor um baterista já habituado aos ritmos de origem africana que o grupo tocava (merengue, quizomba, marabenta, reggae...). Por cada noite de actuação do dono do restaurante pagava à banda apenas trinta dólares, mas tocavam para fazer música, não pelo dinheiro. O CD "O herói" era famoso por cá, a cantiga "China Mulata" um *mega-hit*, e toda a gente os identificava por "Jah-Era" ou como os "tocadores da China Mulata", pelo que mantiveram o nome. Começaram a tocar em casamentos, depois São e Phillip vêm propositadamente da Austrália para a actuação do grupo na Festa da Independência em Tacitolu, em 20 de Maio de 2002. Continuaram a tocar no circuito das festas de casamento, em restaurantes... e fizeram seguidores. Hoje em dia a música africana já faz parte do cenário musical timorense, e quase todas os grupos a juntaram ao seu repertório. Os Jah-Era preparam-se agora para gravar um novo CD de originais, onde se incluirá, mais uma vez, apenas uma cantiga popular ou que tenha passado a fazer parte da memória colectiva de toda a gente depois de gravada há muito tempo por um músico timorense (e sublinham que se for este o caso, irão pedir autorização ao autor). A formação actual da banda é: Gil Madeira, Aurito Ximenes, Betinho Filipe, Asoko Oliveira, Jimmy Madeira e Lala Sanwa.

O estúdio de Gil Madeira mantém-se em actividade, tendo gravado, nomeadamente, o CD do grupo Nekaf Mese de Oecússi, o segundo álbum de Vital Reis e o seu grupo Bis Kota, o VCD de Valdo Belo, Enia Matos e Kito Belo (Zeqval), e o do Grupo Emanuel,

de Suai, o álbum de Enia Matos, Marcos e Agio, o CD do Pe Adérito de D. Bosco, e o de Anati, entre outros.

Ficamos a aguardar o próximo sucesso dos Jah-Era...

publicado no
jornal *Semanário*, Ano 0, nº 0036, 11 de Setembro de 2004

Jah-Era – Banda ne'ebé hatama ritmu afrikanu iha Timór

Se ita la'o halimar iha lurón Dili nian ita sei hetan iha fatin hotu-hotu labarik-oan sira ne'ebé kanta "África, mãe de Angola..." i kantiga seluk tan ho tipu hanesan. Ami bá ko'alia ho grupu ne'ebé lori múzika hirak-ne'e mai Timór.

Buat hotu-hotu hahú iha tinan-1996, iha Perth, Austrália, bainhira Gil Madeira sai husi grupu Kumalá (ne'ebé iha lian ida rain-na'in Austrália nian (aboríjene sira) katak liafuan-hasé hanesan "Di'ak ka lae?" no nia harii grupu foun ho belun balu. Bainhira foin komesa sira mak ne'e: Phillip Irwin iha bateria, Gavin iha baixu, Ashi – ema-Gana – iha perkusaun, i Gil iha viola. Primeiru sira buka hela kantadór ida, no Gil sai vokalista temporáriu atu bele komesa ensaia de'it. Banda nia naran dahuluk oin-seluk, maibé bainhira sira atu bá toka iha festivál ida ne'ebé atu selebra Bob Marley nia tinan mate nian, festivál ne'e nia organizasaun fó sujestaun ba sira atu troka naran ba buat ruma ne'ebé iha relasaun ho múzika *reggae*, no hanesan ne'e maka mosu naran Jah-Era, otas Jah nian (Jah ne'e hanesan maromak ida husi rai-Jamaika. Afinál festivál ne'ebá depois la akontese, maibé sira kontinua nafatin ho naran ida-ne'e. Hafoin sira hetan konvite husi Jane Hazelby, husi rádiu ida ne'ebé toman toka múzika mundu nian (world music), atu mosu iha ninia programa. Ema halo entrevista ba sira e sira mós toka iha rádiu ne'e durante minutu ruanulu. Ema barak ne'ebé toman organiza festivál múzika étnika nian rona beibeik rádiu ida-ne'e, entaun momentu ne'e importante ba sira-nia grupu atu komesa sai famozu. Sira toka, no sira kontinua hakerek múzika orijinál oioin. Iha momentu ne'e Ashi tuir nia feen, ne'ebé profesora, ba fatin dook ne'ebé nia bá hela metin i hanorin iha-ne'ebá, tanba ne'e nia sai husi banda. Arkitetu australianu ida naran Ian Weir sai nia saseluk iha perkusaun, no mós iha tempu ne'e duni São tama atu kanta. São ne'e koñesida liu nu'udar artista plástika timoroan ho nia naran Maria Madeira). Ema barak bolu sira hodi toka iha *pub*, festivál oioin, no iha rádiu... Entaun Gavin muda ba rai-Sydney no João Paulo Madeira tama atu toka baixu, hafoin Nídio Valadares mós tuir. Iha otas ne'ebé sira halo

CD-Demo ida, ne'e hanesan hahalok obrigatóriu iha mundu múzika nian iha Austrália. CD hirak-ne'e maka grupu sira bele haruka ba rádiu oioin i ema ne'ebé organiza konsertu, festivál, nst, nu'udar ezemplu ne'ebé hatudu múzika ne'ebé grupu toka baibain. Sira halo de'it kópia neen husi CD-Demo ida-ne'e, no sira inklui kantiga hirak-ne'ebé sira toman toka hanesan "Autocarro 45", "Garina", "Sofia Rosa", "One love" i "Hot hot hot". Versaun- pirata husi CD-Demo ida-ne'e maka depois, liutiha tinan barak ona, sai CD famozu iha Timór tanba ema ruma ne'ebé hetan ezemplár ida halo kópia barak atu fa'an. Entretantu Grace Barbe (ema-Seixeles) mós tama nu'udar kantora. Phillip hetan asidente, nia ain aat ona halo ezersísiu atu sai di'ak fali, no nia la bele toka bateria. Baterista Aiden Dademahr (ema-Zimbábue) tama, Ian Weir manán bolsa-estudu atu bá Inglaterra no Phillip muda fali ba perkusaun. Sira komesa ensaia de'it sira-nia múzika orijinál, hodi prepara an atu grava sira-nia CD komersiál dahuluk. Aiden, ne'ebé profesór matemátika nian, hetan serbisu i la iha ona tempu ba múzika, no Phillip sai di'ak fali i fila fali ba bateria. Iha fulan-Fevereiru 1999 sira grava sira-nia CD "O Herói". Primeiru sira koko iha estúdiu ida naran Jewel Recording (uluk sira grava tiha sira-nia demo iha-ne'ebá) maibé depois sira deside atu grava iha Oracle Studios. Estúdiu ne'e nia na'in enjeñeiru-són ida naran David Trail, ho esperiénsia durante tinan 25 ona, ne'ebé mós pianista kapás ida ne'ebé depois toka iha kantiga ida iha CD, ida-ne'ebé naran "O herói". Estúdiu ne'e dook, gasta oras haat atu to'o iha-ne'ebá ho karreta, maibé nia iha kuartu rasik ne'ebé bele aluga husi artista sira ne'ebé grava hela. Múzika ne'ebé Jah-Era grava orijinál hotu, ida de'it mak lae, ida ne'ebé naran "Timor Rap", ne'ebé hanesan omenajen ba múzika populár Timór nian, iha estilu *reggae*. Entretantu Robert "Betinho" Filipe mós tama iha banda.

Iha loron-30 fulan-Agostu sira vota iha referendu iha Perth no iha loron tuir sira sa'e aviaun hodi bá toka iha Festivál Pérola (Sinju) nian, festivál naran-boot iha Brum (iha norte Austrália Loromonu nian), ne'ebé sei dura loron sanulu. Tanba sira to'o tarde, organizadór sira hirus, entaun sira bá rai de'it sira-nia sasán iha otél i sira bá kedas ba fatin atuasaun nian hodi halo teste-són atu toka iha kalan ne'ebá. Sira-nia atuasaun la'o di'ak, ema barak gosta, no,

tanba iha problema ida ho banda prinsipál, organizadór sira sira husi Jah-Era atu sai saseluk, atu toka loroloron, dala ruma loron ida dala rua. Rezultadu husi referendu sai no banda hotu-hotu ne'ebé liu husi palku leten fó parabéns ba nasaun foun, "ikusliu livre ona". Sira okupadu tebetebes, ladún iha asesu ba televizaun, maibé ema ne'ebé sira koñese iha-ne'ebá komesa konta kona-ba situasaun susar iha Timór. Bainhira sira fila fali ba Perth, ema haktuir ba sira buat hotu-hotu ne'ebé akontese hela e sira hotu ba kedas halibur ho manifestasaun hasoru Indonézia nia hahalok aat. Entretantu refujiadu sira husi fatin UNAMET nian hetan evakuasaun ba Austrália. Servisu emigrasaun nian iha Perth husu ema na'in-tolu hodi sai durubasa ba ema timoroan ne'ebé foin to'o; Gil, ne'ebé halo tiha ona knaar ida-ne'e dala ruma, sai ida husi sira ne'ebé ema hili atu bá Darwin. Liutiha semana tolu ema Emigrasaun nian fahe refujiadu sira ba Perth, Sydney no Melbourne. Gil maka ida husi durubasa hirak ne'ebé sai ikus liu husi kampu-refujiadu iha Darwin tanba refujiadu na'in-haat tama iha ospitál tanba moras no nia durubasa ba sira. Husi sira na'in-haat ne'e ida maka Verónica Gusmão, ne'ebé agora daudaun ninia feen. Depois, iha Perth, grupu kuaze tomak (Gil, São, João Paulo Madeira, Betinho no Grace) pasa sira-nia tempu iha kampu-refujiadu, hodi tulun sira iha-ne'ebá. Sira kansela tiha sira-nia atuasaun no sira serbisu iha organizasaun ba konsertu tolu ne'ebé iha objetivu atu buka osan atu fó ba refujiadu sira (refujiadu iha Perth maizomenus na'in-300). Liutiha fulan ne'e Austrália haruka refujiadu hirak-ne'e mai fali Timór.

João Paulo Madeira deside atu mai hela iha Timór. Depois Betinho no Gil mós tuir. Bainhira sira iha-ne'e ona sira seidauk hanoin atu toka. Gil hamenu komputadór ida husi EUA liuhusi nia belun amerikanu ida, hodi bele grava nia múzika rasik. Depois mosu Aurito Ximenes dehan katak iha kantora ida ne'ebé manán tiha konkursu ida no iha interese atu grava CD ida, nia hakarak hatene se Gil bele halo gravasaun ne'e. Kantora ida-ne'e naran Lili Ribeiro, ne'ebé depois sei sai hanesan fitun boot iha lalehan múzika pop nian iha Timór Lorosa'e. Gil Madeira hatete katak nia prontu atu simu projetu ne'e, maibé tenkesér buat hotu-hotu ho formatu dijitál, ne'ebé modelu foun iha Timór iha tempu ne'ebá. Baibain múziku sira iha-ne'e uluk

sempre toman halo sira-nia *master* gravasaun nian uza de'it kasete ka DAT. Lili i nia grupu grava kasete ida no lori hodi hatudu ba Gil, depois sira deside atu koko grava kantiga ida de'it iha estúdiu ho Gil atu bele haree se sira gosta nia rezultadu. Sira kontente ho produtu ne'e no sira deside atu grava duni CD tomak ida. Sira lori *master* dijitál, pioneiru, atu halo kópia barak iha Indonézia, i depois buat ne'ebé akontese famozu ona... CD "*Hein Nafatin Ó*" ne'e sai hanesan ida husi susesu boot liu hotu iha Timór nia laran. Susesu ne'e tanba razaun barak, no ita bele temi rua: kantora nia lian hanesan anju, maibé mós inovasaun (buat foun) barak ne'ebé CD ne'e hatudu, la hanesan ona modelu baibain iha Timór ho kantadór ida ho orgaun ida.

Aurito Ximenes, Gil Madeira, no belun seluk tan, ensaia "só tanba toka múzika halo sira haksolok, sira halo hanesan *jam session*". Depois mosu Betinho Filipe dehan katak nia simu konvite ba sira atu toka iha restaurante australianu ida, naran "*Roo Bar*". Sira na'in-tolu mak toka, ho bateria eletrónika ida, tanba iha otas ne'ebá iha Timór sira seidauk bele hetan baterista ida ne'ebé toman ona ba ritmu ho abut afrikana ne'ebé sira-nia grupu toka (merenge, kizomba, marabenta, *reggae*...). Ba kalan ida-idak ne'ebé sira toka restaurante nia na'in selu sira dólar tolunulu de'it, maibé iha tempu ne'ebá sira toka atu halo múzika de'it, la'ós tanba osan. Sira-nia CD "O herói" naran-boot ona iha ne'e, kantiga "*China Mulata*" hanesan *mega-hit* ida, no ema hotu-hotu bolu sira "Jah-Era" ka "tokadór *China Mulata* nian", tanba ne'e sira deside atu kontinua nafatin ho sira-nia naran. Entaun sira hahú toka iha festa kazamentu, depois São ho Phillip mai espesialmente husi Austrália ba grupu nia atuasaun iha Festa Ukun-Rasik An nian iha Tasitolu, iha loron-20 fulan-Maiu 2002. Sira kontinua toka iha sirkuitu festa kazamentu nian, iha restaurante... no ema barak mós hahú hasara sira ona. Agora ne'e daudaun múzika afrikana sai buat normál ona iha Timór nia laran, no kuaze grupu hotu-hotu oras-ne'e toman ona kanta múzika hirak-ne'e. Jah-Era prepara an agora atu grava CD foun ida ho múzika orijinál, no sei inklui de'it kantiga povu nian ida ka kantiga ruma ne'ebé grava kleur ona husi múziku timoroan ruma i sai tiha ona parte husi memória koletiva ema hotu-hotu nian (maibé sira

dehan katak iha kazu ida-ne'e sira sei husu autorizasaun husi autór). Ema ne'ebé hola parte iha banda agora maka ne'e: Gil Madeira, Aurito Ximenes, Betinho Filipe, Asoko Oliveira, Jimmy Madeira no Lala Sanwa.

Gil Madeira nia estúdiu kontinua nia atividade, no grava tiha ona CD barak hanesan porezemplu: CD husu grupu Nekaf Mese husi Oekusi, albun daruak husi Vital Reis ho nia grupu Bis Kota, VCD husi Valdo Belo, Zénia Matos no Kito Belo (Zeqval), ida husi Grupo Emanuel, husi Suai, albun husi Zénia Matos, Marcos ho Agio, CD husi Amu-lulik Adérito husi D. Bosco, ida husi Anati, nsst.

Ita hotu hein hela susesu oinmai husi Jah-Era...

Versaun iha lia-portugés publika tiha iha
jornál *Semanário*, Tinan 0, nº 0036, loron-11 fulan-Setembru 2004

Glosáriu

alienasaun kulturál – buat ne'ebé akontese ba ema ka povu ne'ebé simu de'it influénsia kulturál husi li'ur no hakribi sira-nia lisan no sira-nia abut kulturál. Ne'e la katak ita labele simu influénsia husi li'ur, maibé ita tenke hatene haketak influénsia di'ak no influénsia ladi'ak. Sosiedade hotu-hotu simu influénsia barak husi fatin oioin no prosesu ne'e mós importante ba renovasaun kulturál, ba sosiedade atu la'o ba oin; maibé mós importante atu la haluha ita mai husi ne'ebé.
alter ego – ha'u-nia an rasik daruak; ema ne'ebé hamutuk ho ita iha susar no iha ksolok; ema ne'ebé besik loos ba ita no labele fahe malu, porezemplu feen ka la'en
aparatu krítiku – notas ne'ebé hakerek atu esplika buat oioin ne'ebé mosu iha testu ruma nia laran
botánika – siénsia ne'ebé estuda kona-ba vejetál sira: ai-hun, du'ut, ai-funan, modo…
dalen – lian, língua
empréstimu leksikál – liafuan hirak ne'ebé mai husi lian seluk
ezíliu – situasaun ne'ebé ema tenke hela iha li'ur no tanba razaun polítika ruma la bele fila fali ba nia rain
foke – hakru'uk; hakbesik ba rai, hanesan porezemplu loro monu ka ai-hun ne'ebé kle'uk tanba anin huu maka'as.
glosáriu – lista badak ho liafuan oioin ho sira-nia signifikadu
ignoránsia – matenek laek; estadu ema nian bainhira nia la hatene buat ruma
irmandade – organizasaun ka grupu ne'ebé nia membru sira haree malu nu'udar maun-alin
kapa i batina – parte husi farda tradisionál estudante universáriu sira-nian iha Portugál, liuliu iha Universidade Koimbra nian. Kapa ne'e halo ho hena metan naruk no luan.
karuk – kontráriu husi kuanan; grupu polítiku ka intelektuál ne'ebé iha ideolojia progresista; eskerda
koletánea – testu oioin ne'ebé tau hamutuk iha livru ida
koletiva – buat ruma ne'ebé ema barak nian ka ne'ebé ema balu halo liuhosi serbisu lisuk

kritériu – jeitu atu halo avaliasaun ba ema ka sasán
kuanan – liman loos; kontráriu husi karuk; grupu polítiku ka intelektuál ne'ebé iha ideolojia konservadór; direita
literatura-denúnsia – literatura ne'ebé buka atu fó-sai informasaun kona-ba buat ruma ne'ebé aat
makdalen – ko'alia-na'in, ema ne'ebé ko'alia lian ruma
malaik – ema ne'ebé tama iha rain ida ne'ebé la'ós ninian; ida-ne'ebé la'ós rain-na'in
omoseksuál – ema ne'ebé gosta iha kontaktu seksuál ho ema ne'ebé nia seksu hanesan; mane ne'ebé gosta mane ka halo domin ho mane, ou feto ne'ebé gosta feto ka halo domin ho feto; paneleiru ka lézbika.
portavós – ema ne'ebé fó-sai ba públiku opiniaun ka liafuan husi grupu ka ema ruma
pioneiru – ida ne'ebé loke dalan uluk
promove – hasa'e; haberan; fó-kbiit
serenata – kantiga hirak-ne'ebé mane sira ba kanta ba sira-nia doben ka feto ne'ebé sira hadomi hodi hato'o sira-nia domin. Tradisaun ne'e maka'as iha sidade Koimbra, iha Portugál, no estudante universitáriu maka ba kanta ba feto-raan sira ne'ebé sira gosta
variedade rejionál tetun nian – dialetu; jeitu atu ko'alia lia-tetun ne'ebé ema uza de'it iha fatin ida no ita bele hatene sira ema ne'ebé tanba sira-nia pronúnsia ka liafuan ne'ebé sira uza ladún hanesan fatin seluk nian. Porezemplu ita hatene katak dialetu tetun Vikeke nian uza liafuan "*wee*" no dialetu tetun Dili nian uza "*bee*".
variedade sosiál tetun nian – sosioletu; jeitu atu ko'alia lia-tetun ne'ebé ema uza de'it iha klase sosiál ida no ita bele hatene klase sosiál ida-ne'ebé (riku ka kiak, eskola boot ka laeskola, katuas ona ka foin-sa'e,…) tanba sira-nia pronúnsia ka liafuan ne'ebé sira uza ladún hanesan klase seluk nian. Baibain ita haketak akroletu, mezoletu no bazileru. Porezemplu ita hatene katak iha akroletu tetun nian ema temi liafuan "*janela*" (no ida-ne'e maka forma padronizada), mezoletu tetun nian temi "**zanela*" no bazileru tetun nian bele temi "**sanela*" ka "**dinela*".

João Paulo Tavares Esperança nasceu em Ílhavo, a 10 de Dezembro de 1972. É há três anos e meio docente do Instituto Camões no Centro de Língua Portuguesa de Díli e na Universidade Nacional de Timor Lorosa'e, onde já leccionou as cadeiras de *Língua Portuguesa – Disciplina Geral*, *Língua Portuguesa I,II* e *III*, *Bases de Análise Gramatical I* e *II*, *Morfologia e Lexicologia*, *Fonética e Fonologia I* e *II*, e – como Assistente do Professor Doutor Benjamim de Araújo e Côrte-Real – *Cultura e Línguas Timorenses I e II*, *Padronização e Ortografia do Tétum*, *Gramática do Tétum*, *História de Timor-Leste* e *Literatura Timorense*. É autor de *Estudos de Linguística Timorense* (2001).

João Paulo Tavares Esperança *moris iha Íllavu, iha loron-10 fulan-Dezembru 1972. Tinan tolu ho balun ona nia dosente Instituto Camões nian iha Centro de Língua Portuguesa iha Dili no iha Universidade Nacional de Timor Lorosa'e. Nia hanorin tiha ona kadeira oioin hanesan Lia-Portugés – Dixiplina Jerál, Lia-Portugés I,II no III, Baze ba Análize Gramátika nian I no II, Morfolojia no Leksikolojia, Fonétika no Fonolojia I no II, no mós – nu'udar Asistente ba Profesór Doutór Benjamim de Araújo e Côrte-Real – Kultura no Lian sira Timór nian I no II, Padronizasaun no Ortografia Tetun nian, Gramátika Tetun nian, Istória Timór Lorosa'e nian no Literatura Timór nian. Nia hakerek livru Estudos de Linguística Timorense (2001).*

Triana do Rosário Côrte-Real de Oliveira nasceu em Díli, a 7 de Junho de 1978. Trabalhou como intérprete dos Médicos sem Fronteiras em Viqueque, Assistente Administrativa do Gabinete de Ajuda Humanitária da Comissão Europeia (ECHO) em Díli, e Assistente Executiva da Administração da ONG Care Internacional. Traduziu para publicação pela Timor Aid, respectivamente do inglês e do indonésio, os seguintes livros: Bere Barani – Istória ba labarik sira ne'ebé traumatizadu no laran-susar, de Caroline H. Sheppard e Sasin-Matan, de Seno Gumira Ajidarma. Actualmente está a estudar Medicina na Universidade Gadjah Mada em Joguejacarta, na Indonésia.

***Triana do Rosário Côrte-Real de Oliveira** moris iha Dili, iha loron-7 fulan-Juñu 1978. Uluk nia serbisu nu'udar durubasa ba Médicos sem Fronteiras iha Vikeke, Asistente Administrativa iha Eskritóriu ba Tulun Umanitáriu husi Komisaun Europeia (ECHO) iha Dili, no mós Asistente Ezekutiva ba Administrasaun iha OLG Care Internacional. Nia tradús atu publika husi Timor Aid, respetivamente husi lia-inglés no husi lia-indonézia, livru rua: Bere Barani – Istória ba labarik sira ne'ebé traumatizadu no laran-susar, husi Caroline H. Sheppard no Sasin-Matan, husi Seno Gumira Ajidarma. Agora ne'e daudaun nia estuda hela Medisina iha Universidade Gadjah Mada iha Jogejakarta, iha Indonézia.*

Irta Sequeira Baris de Araújo nasceu em Ainaro, a 8 de Novembro de 1978. Frequentou a Licenciatura em Língua Portuguesa e Cultura Lusófonas, na Faculdade de Ciências da Educação da Universidade Nacional de Timor Lorosa'e e trabalhou como secretária na Clínica do Dr. Daniel Murphy no Bairro Pité. Actualmente está a estudar Língua e Cultura Portuguesas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em Portugal, como bolseira do Instituto Camões.

Irta Sequeira Baris de Araújo *moris iha Ainaru, iha loron-8 fulan-Novembru 1978. Uluk nia tuir Lisensiatura kona-ba Lia-Portugés no Kultura Luzófona sira, iha Faculdade de Ciências da Educação iha Universidade Nacional de Timor Lorosa'e no nia serbisu nu'udar sekretária iha Klínika Dr. Daniel Murphy nian iha Bairru Pité. Agora ne'e daudaun nia estuda Lian no Kultura Portugeza iha Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, iha Portugál, ho bolsa-estudu husi Instituto Camões.*

Icha Meiliana Soares da Costa Bossa nasceu em Maubisse, a 4 de Maio de 1983. Frequenta actualmente o sétimo semestre da Licenciatura em Língua Portuguesa e Cultura Lusófonas, na Faculdade de Ciências da Educação da Universidade Nacional de Timor Lorosa'e.

Icha Meiliana Soares da Costa Bossa *moris iha Maubise, iha loron-4 fulan-Maiu 1983. Agora ne'e daudaun nia tuir semestre dahituk iha Lisensiatura kona-ba Lia-Portugés no Kultura Luzófona sira, iha Faculdade de Ciências da Educação iha Universidade Nacional de Timor Lorosa'e.*

Clara Viegas da Silva nasceu em Díli, a 13 de Outubro de 1983. Acabou agora o terceiro ano da Escola Secundária nº 2 Unamet. Trabalhou como Assistente Administrativa para as Forças de Manutenção da Paz (PKF) da ONU.

***Clara Viegas da Silva** moris iha Dili, iha loron-13 fulan-Outubru 1983. Nia foin remata tinan datoluk iha Escola Secundária nº 2 Unamet. Uluk nia serbisu nu'udar Asistente Administrativa iha Forças de Manutenção da Paz (PKF) ONU nian.*